

Once Dead,
Twice Shy

II NOVEL

KIM HARRISON



Once Dead, Twice Shy

Por:

Kim Harrison

Antes de ler, eu recomendo a leitura do conto "Madison Avery e o Turvo Anjo da Morte", do livro Formaturas Infernais !!

Glossário:

Ceifadores negros: Ceifadores que Kairos manda para matar pessoas quando seu futuro provável mostra que elas tomarão decisões contrárias ao grande esquema do destino (para aqueles que leram a tradução 'oficial', são os chamados 'agentes da morte')

Ceifadores brancos: Ceifadores que Ron manda para salvar essas pessoas de uma morte prematura, para assegurar o direito da humanidade ao livre arbítrio ('anjos da morte', na tradução 'oficial')

Juízes: Tanto os ceifadores brancos quanto os negros tem seus próprios juízes. Cada um é responsável por observar as fibras do tempo para determinar quando uma pessoa deve ser gadanhada – ou salva.

Amuleto: Um colar com algo parecido com uma pedra, que torna possível se comunicar além da esfera terrestre. Cada amuleto tem sua própria aura ou música que combina com seu dono.

Asas negras: Criaturas que se alimentam das almas daqueles mortos por ceifadores negros, tipicamente aparecendo antes que uma gadanhada aconteça. Na maior parte de tempo eles não são notados pelos vivos, mas podem lembrar corvos quando uma alma está em perigo.

Os mortos, os vivos... e todos aqueles no meio

Nome: *Madison Avery*

Status: Morta (e não gostando nada disso), com a ilusão de um corpo – cortesia de um estranho amuleto roubado de seu assassino

Habilidade: Ainda é um mistério, mas há algo misterioso logo abaixo da superfície

Frase favorita: "Presentes de cachorrinhos no tapete!"

Nome: *Josh Daniels*

Status: Vivo e ficando mais bonitinho a cada minuto

Habilidade: Ser bonitinho conta? Se não, e quanto ser decente em caminhadas?

Frase favorita: "Foi só um sonho, certo?"

Nome: *Barnabas*

Status: Ceifador branco designado para evitar a morte de Madison, o que obviamente não aconteceu como previsto

Habilidade: Habilidade de alterar mentes humanas

Frase favorita: "Madison, você não faz ideia dos problemas que causou!"

Nome: Guardiã, Requerida de Anjo à Ceifadora, Extinção por Segurança (G.R.A.C.E.S. um-setenta-e-seis), também conhecida como "*Grace*"

Status: Primeira anjo da guarda celeste designada para manter Madison longe de encrencas - uma tarefa impossível

Habilidade: Um campo de imunidade que protege aqueles ao seu redor (e um dom com poemas humorísticos de cinco versos irritantes)

Frase favorita: "Eu sou uma anjo da guarda, não uma milagreira."

Nome: *Chronos, apelidado de Ron*

Status: Juiz branco que vive na Terra e só acredita em livre arbítrio

Habilidade: A habilidade de manipular o tempo – e as pessoas

Frase favorita: "Ah, olha só que horas são, eu tenho que ir."

Nome: *Nakita*

Status: Uma ceifadora negra com aparência de supermodelo e uma predileção por gadanhas

Habilidade: A habilidade para acabar brutalmente com a vida de uma pessoa antes que ela tenha a oportunidade de se tornar má... mas de alguma forma, lhe falta habilidade com as pessoas

Frase favorita: "Eu vou arrancar a sua língua e a dar aos meus cérberos!"

Nome: *Kairos*, também conhecido como Seth, o veterano sexy que matou Madison (bem depois de tê-la beijado, mmmm)

Status: Juiz negro, cujo amuleto está dando à Madison a ilusão de um corpo

Habilidade: Cria amuletos para ceifadores e anjos, consegue ler as linhas do tempo e descobrir quando uma pessoa está destinada a se tornar má. Ah, e ele beija bem...

Frase favorita: "Eu serei imortal!"

Prólogo:

Acontece com todo mundo. Morrer, quero dizer. Eu descobri isso por conta própria no meu aniversário de 17 anos quando fui morta em um bizarro acidente de carro na noite do meu baile. Mas não foi acidente algum. Foi uma gadianha cuidadosamente planejada, simplesmente um pequeno instante na batalha entre os ceifadores brancos e os negros, céu e inferno, escolha e destino. O anjo que falhou em me proteger e o amuleto que eu roubei do meu assassino são as únicas coisas me impedindo de acabar como os ceifadores negros querem que eu acabe. Morta, isso é.

Meu nome é *Madison Avery*, e eu estou aqui lhe contar que há mais aí fora do que você pode ver, escutar, ou tocar. Porque eu estou vendo, escutando, tocando, vivendo.

Eu inclinei meu ombro contra uma rocha áspera e fumeguei. Luz sola matizada deslocou-se dos meus tênis enquanto o vento fazia o meu cabelo fazer cócegas no meu pescoço. O som das crianças nadando em um lago próximo era alto, mas os gritos felizes só apertavam o nó no meu estômago. Deixe para o Barnabas tentar compensar quatro meses de treinos fracassados em meros vinte minutos.

“Sem pressão,” eu murmurei, olhando para além do sujo caminho para o ceifador de pé contra um pinheiro com seus olhos fechados. Barnabas era provavelmente mais velho que o fogo, mas ele se misturava bem, com sua calça jeans, sua camiseta preta e seu físico esbelto. Eu não conseguia enxergar suas asas, nas quais tínhamos voado, mas elas estavam lá. Ele era um anjo da morte com cabelo encaracolado e olhos castanhos, que usava um par de tênis furado. Isso fazia deles tênis furados sagrados? Eu me perguntei enquanto nervosamente rolava uma pinha entre meu pé.

Sentindo minha atenção nele, Barnabas abriu seus olhos, “Você ao menos está tentando, Madison?” ele perguntou.

“Dãh. Sim,” eu reclamei, apesar de saber que era uma causa perdida. Meu olhar caiu para os meus sapatos. Amarelo com cadarços roxos, e caveiras e ossos cruzados nos dedos, eles combinavam com as pontas pintadas de roxo do meu curto cabelo loiro, não que mais alguém tenha feito essa conexão. “Está quente demais para se concentrar,” eu protestei.

Suas sobrancelhas levantaram enquanto ele olhava para os meus shorts e minha regata. Eu na verdade não estava com calor, mas o cinismo tinha me deixado nervosa. Eu não sabia que eu ia para o acampamento de verão quando eu escapei de casa essa manhã e andei de bicicleta para a escola para encontrar Barnabas. Mas apesar de toda a minha reclamação, eu me sentia bem saindo de Three Rivers. A cidade de faculdade em que meu pai morava era legal, mas ser a garota nova era muito ruim.

Barnabas franziu a testa para mim. “A temperatura não tem nada a ver com isso,” ele disse, e eu rolei a pinha inchada pelo meu pé ainda mais rápido. “Sinta a sua aura. Eu estou bem na sua frente. Faça isso, ou vou te levar para casa.”

Chutando a pinha para longe, eu suspirei. Se fôssemos para casa, quem quer que estivéssemos aqui para salvar morreria. “Estou tentando.” Eu me inclinei contra a rocha atrás de mim, esticando a mão para segurar a pedra preta deitada em fio prata que estava ao redor do meu pescoço. Com o pigarro impaciente de Barnabas, eu fechei meus olhos e tentei imaginar uma brumosa névoa me cercando. Estávamos tentando comunicar silenciosamente nossos pensamentos. Se eu pudesse dar aos meus pensamentos a mesma cor da bruma ao redor de Barnabas, meus pensamentos escorregariam para a sua aura e ele os ouviria. Não é uma coisa fácil de se fazer quando eu nem ao menos conseguia ver sua aura. Quatro meses desse estranho relacionamento estudante/professor, e eu nem ao menos consegui chegar no primeiro estágio.

Barnabas era um ceifador branco. Ceifadores negros matavam as pessoas quando o futuro provável mostrava que elas estavam indo no caminho contrário dos grandes esquemas do destino. Ceifadores brancos tentavam impedi-los para garantir o direito de escolha dos humanos. Tendo sendo designado para prevenir a minha morte, Barnabas deve ter me considerado uma de suas falhas mais espetaculares.

Eu não tinha ido gentilmente naquela noite, contudo. Eu tinha choramingado e protestado minha morte precoce, e quando roubei um amuleto do meu assassino, de algum modo eu me salvei. O amuleto me dava a ilusão de um corpo. Eu ainda não sabia onde meu corpo real estava. O que meio que me chateava. E eu não sabia por que tinha sido um alvo, tampouco.

O amuleto tivera uma sensação de fogo e gelo quando eu o clamei, mudando de um vulgar cinza comum para um preto das profundezas que parecia absorver a luz. Mas desde então... nada. Quanto mais eu tentava usar, mas parecido como uma pedra ficava.

Barnabas tinha agora sido designado para ser minha sombra no caso do ceifador que me matou voltasse para pegar seu amuleto, e eu tinha voltado a viver uma vida o mais normal que pude. Aparentemente simplesmente o fato de eu ter sido capaz de clamá-lo sem fazer minha vida virar pó fazia dele – e de mim – um tanto quanto único. Mas cuidar de mim não era do estilo de Barnabas, e eu sabia que ele não podia esperar para voltar ao seu trabalho de salvar almas. Se eu pudesse simplesmente entender esse negócio de tocar o pensamento, ele podia voltar aos seus trabalhos normais, deixando-me razoavelmente segura em casa e capaz de contatá-lo se o ceifador negro aparecesse novamente. Mas isso não estava acontecendo.

“Barnabas,” eu disse, cansada disso, “tem certeza de que eu consigo fazer isso? Eu não sou uma ceifadora. Talvez eu não consiga tocar pensamentos com você porque estou morta. Já pensou nisso?”

Silenciosamente, Barnabas deixou seu olhar cair no lago circulado por pinheiros. O levantar preocupado de seus ombros me dizia que ele tinha pensado. “Tente novamente,” ele disse suavemente.

Eu apertei meu agarro até que os fios pratas pressionaram contra os meus dedos, tentando imaginar Barnabas em meus pensamentos, sua graciosa acessível que a maioria dos estudantes do ensino médio não tinha, seu rosto atraente, seu sorriso cravante. Honestamente, eu não tinha uma queda por ele, mas todos os anjos da morte que eu já tinha visto eram atraentes. Especialmente aquele que me matou.

Apesar das longas noites no meu telhado praticando com Barnabas, eu não tinha sido capaz de fazer nada com a brilhante pedra negra. Barnabas ficava ao redor tanto que meu pai pensou que ele fosse o meu namorado, e meu chefe na loja de flores achou que eu devia pedir uma ordem de restrição.

Eu me afastei da pedra. “Sinto muito, Barnabas. Vá em frente e faça o seu troço. Eu vou sentar aqui e esperar. Eu ficarei bem.” Talvez seja por isso que ele me trouxe aqui. Eu ficaria mais segura esperando por ele aqui do que há muitas centenas de quilômetros – sozinha. Eu não tinha certeza, mas eu acho que Barnabas tinha mentido para seu chefe sobre meu progresso para conseguir sair e trabalhar novamente. Um anjo mentindo – é, acontecia, aparentemente.

Barnabas pressionou os seus lábios juntos. “Não. Essa é uma ideia ruim,” ele disse, cruzando o caminho para tomar meu braço. “Vamos.”

Eu me desvencilhei do aperto. “E daí se eu não consigo empurrar os meus pensamentos nos seus? Se você não quer me deixar aqui, então eu seguirei você e ficarei fora do caminho. Credo, Barnabas. É um acampamento de verão. Em quantos problemas eu conseguiria me meter?”

“Muitos,” ele disse, seu rosto suave e de aparência jovem contorcendo-se em um sorriso cruel.

Alguém estava vindo pela estrada, e eu dei um passo para trás. “Eu ficarei fora do caminho. Ninguém nem ao menos saberá que eu estou aqui,” eu disse, e os olhos de Barnabas se enrugaram de preocupação.

As pessoas estavam se aproximando, e eu me inquietei. “Vamos, Barnabas. Por que você nos trouxe aqui se simplesmente fosse me levar para casa novamente? Você sabia que eu não conseguiria consolidar em vinte minutos o que eu estive tentando fazer pelos últimos quatro meses. Você quer isso tanto quanto eu. Eu já estou morta. O que mais pode acontecer comigo?”

Ele olhou para o caminho para o grupo barulhento. “Se soubesse, não estaria discutindo comigo. Esconda seu amuleto. Um deles pode ser o ceifador negro.”

“Eu não tenho medo,” eu disse enquanto o colocava atrás da minha camisa, mas eu tinha. Não era justo, estar morta e ainda ter de lidar com batidas do coração, tensões que roubavam seu ar, quando eu tinha medo. Barnabas disse que a sensação iria se dissipar quando mais tempo morta eu estivesse, mas eu ainda estava esperando, e era embaraçante.

Olhos abaixados, eu recuei para deixar três garotas e três caras passarem. Eles usavam chinelos e shorts, as garotas tagarelando como não tivessem nada para se preocupar no mundo enquanto se dirigiam colina abaixo para as docas. Tudo parecia normal – até que uma sombra passou por mim e eu olhei para cima.

Asas negras, eu pensei, sufocando um tremor. Elas pareciam com corvos para os vivos – quando os vivos as notavam. A escorregadia extensão preta era quase invisível quando vista de lado, exceto por uma cintilante linha estranhamente clara. Esses necrófagos se alimentavam das almas das pessoas capturadas pelos ceifadores negros, e se não fosse pela proteção do meu amuleto roubado, eles estariam em cima de mim. Ceifadores brancos ficavam com uma alma ganhada*, protegendo os mortos até que pudessem ser levados da terra.

* Não é uma palavra muito comum, por isso é bom explicar, já que vai aparecer bastante aqui. Significa ‘golpe da ganha’, que nada mais nada menos é do que aquele objeto usado pela Morte para coletar a alma das pessoas.

Eu olhei para Barnabas, não precisando ouvir seus pensamentos para saber que alguém no grupo tinha tido uma morte jovem. Descobrir quem era seria uma mistura da descrição esboçada pelo chefe de Barnabas, e a intuição e habilidade de Barnabas para ver auras.

“Sabe dizer quem é a vítima?” eu perguntei. Pelo que Barnabas tinha me dito, auras tinha um brilho denunciador da idade da pessoa – o que meio que dava uma desculpa para Barnabas por ter falhado em me proteger. Tinha sido o meu aniversário, e ele só trabalhava com os de dezessete anos. Eu tinha dezesseis bem até o momento em que o carro virou, e oficialmente dezessete quando eu morri de verdade.

Barnabas deu uma olhada, seus olhos brilhando por um momento enquanto ele extraia a divindade. Totalmente me assustou. “Eu não sei dizer,” ele disse. “Todos tem dezessete exceto a garota de biquíni vermelho e o cara baixo de cabelos escuros.”

“E quanto ao ceifador, então?” eu perguntei. Ninguém estava usando um amuleto – mas já que as pedras podiam mudar para parecer com qualquer coisa, não significa muito. Simplesmente mais uma habilidade que eu não tinha.

Ele deu de ombros, ainda observando-os. “O ceifador pode nem mesmo estar aqui ainda. A alma dele ou dela vai parecer de dezessete anos, exatamente como a nossa. Eu não conheço todos os ceifadores negros de vista, e eu não saberei com certeza até que ele ou ela puxe sua espada.”

Puxar a espada, enfiar numa pessoa, colhimento* completo. Legal. Na hora que você descobria quem era a ameaça, já era tarde demais.

* reaper, ceifador em inglês, vem da palavra reap, que significa colher. Então toda vez que aparecer essa palavra ou uma variação, ela está associada ao fato de coletar a alma de alguém, ok?

Eu observei as asas negras ostentarem-se acima das docas como gaiivotas. Ao meu lado, Barnabas se inquietou. “Você quer segui-los,” eu disse.

“Sim.”

Era tarde demais para prevenir mais alguém. A lembrança do meu coração parecia bater mais forte – um remanescente sombrio de se estar vivo que minha mente não conseguia se livrar ainda – e eu agarrei o braço de Barnabas. “Vamos nessa.”

“Vamos embora,” ele protestou, mas seus pés estavam se movendo, e eu observei os tênis se encontrarem com a terra em perfeita sincronia com os meus enquanto nos dirigíamos colina abaixo.

“Eu só ficarei sentada quietinha. Qual o problema?” eu perguntei.

Nossos passos ecoaram ocamente na doca, e ele me fez parar. “Madison, não quero cometer outro erro,” ele disse, virando-me para encará-lo. “Vamos embora. Agora.”

Eu olhei para longe dele, olhando para a luz mais clara e o vento fresco, tremendo quando uma das extensões escorregadias de preto gotejante se alinhou num poste – esperando. Alheio, o grupo discutia com o responsável pela doca. Se fôssemos embora, alguém morreria. Eu não iria embora. Eu tomei fôlego para convencer Barnabas de que poderia fazer isso, mas da choça do responsável pela doca uma voz chamou, “Ei! Vocês vão fazer alguma coisa?”

Barnabas pulou, e eu me virei, sorrindo. “O que foi?” eu chamei de volta, tensão me atingindo.

“Esquiar*,” o cara baixo de cabelos escuros disse, segurando um par. “Não podemos levar dois barcos a não ser que tenhamos oito pessoas. Vocês querem ser os observadores designados?”

* só para que fique bem claro, esquiar, nesse caso, não é aquele tipo com neve, mas sim o esqui aquático, onde uma pessoa é puxada por uma lancha e deve saltar rampas.

Um tremor passou por mim. “Claro!” eu disse, fechando o acordo. Barnabas queria isso. Eu queria isso. Nós iríamos fazer isso.

“Madison,” ele segurou.

Mas todos estavam se empilhando entusiasmadamente nos barcos, e eu o arrastei para mais perto, escaneando os rostos para ver quem não se encaixava. “Em qual barco está a vítima? Eu fico no outro.”

A mandíbula de Barnabas estava travada. “Não é tão fácil. Isso é uma arte, não um memorando.”

“Então chuta!” eu implorei. “Pelo amor de Deus, mesmo se estivermos em barcos diferentes, você vai estar a o que.... nove metros de distância? Qual é o problema? Eu simplesmente grito chamando você, está bem?”

Ele hesitou, e eu olhei para ele, observando seus pensamentos brincarem em seu rosto. Ideia ruim ou não, uma vida estava em jogo. Atrás de mim, as asas negras tomaram voo.

Barnabas tomou fôlego para dizer algo, parando quando um cara de sunga cinza veio para cá. Ele segurava um cabo usado para rebocar e estava sorrindo. “Eu sou o Bill,” ele disse, esticando sua mão.

Eu me virei de lado para Barnabas e a peguei. “Madison,” eu disse timidamente. Eu achei que ele não era o ceifador. Ele tinha uma aparência muito normal.

Barnabas murmurou seu nome, e Bonnie olhou para ele de cima a baixo. “Algum dos dois sabe dirigir?” Bill perguntou.

“Eu sei,” eu disse antes que Barnabas pudesse pensar numa desculpa para nos tirar dali. “Mas eu nunca puxei um esquiador. Eu só vou observar.” Eu olhei para Barnabas. Essa última parte tinha sido para ele.

“Ótimo!” Bill sorriu diabolicamente. “Você quer ir no meu barco? Me observar?”

Ele estava flertando, e eu sorri. Eu tinha estado refugiada com Barnabas a tanto tempo, trabalhando nesse negócio de tocar o pensamento, que eu tinha esquecido o quanto era divertido – e normal – flertar. E ele estava flertando comigo, não com a garota na doca que tinha se despido em um biquíni amarelo para mostrar sua bunda ou a linda garota que o longo cabelo preto, que estava usando shorts e um top com um padrão brilhante.

“É, eu observo você,” eu disse, dando um passo depois dele, só para parar de supetão quando Barnabas pegou meu braço.

“Ei,” ele disse audivelmente, seus olhos prateando novamente e me fazendo estremecer. “Vamos colocar os caras em um barco, garotas no outro.”

“Legal!” a garota do biquíni disse alegremente, não parecendo notar as íris metálicas dele, apesar de estar olhando diretamente para ele. “Nós ficamos com o barco azul.”

Eu me tirei do aperto de Barnabas, desconfortável que eu pudesse ver algo que os vivos claramente não podiam. Eu nem ao menos achava que Barnabas sabia que eu conseguia ver isso. O nível de barulho cresceu enquanto eles se reorganizavam, barcos começando a mover com ruído e marcas sendo soltas. Ainda na doca, eu puxei Barnabas para baixo para eu pudesse sussurrar, “Bill não é o ceifador, é?”

“Não,” ele sussurrou de volta. “Mas algo o está encobrindo. Ele talvez seja a vítima.”

Eu concordei e Barnabas virou-se para longe para falar com um cara de camisa azul de pé possessivamente atrás do volante do barco vermelho. Dizendo oi para as garotas, eu parei no fundo da pequena lancha azul. O plano de Barnabas devia ser o de agir como a sombra a vítima. Eu olhei através da doca para Bill, me perguntando se eu conseguia ver uma neblina escura sobre ele, ou se era imaginação minha.

Cedo demais, estávamos na água, acelerando para um pequeno lago com a garota na peça única de esqui vermelha atrás do nosso barco, e Bill atrás do outro. A batida rítmica e o silvo das ondas batendo era uma canção familiar e gloriosa. Raios de luz bateram pesadamente nos meus ombros, sua quentura roubada pela força do vento chicoteando o meu cabelo nos meus olhos. As asas negras tinham se erguido em confusão na doca, mas as maiores já estavam em seu caminho atrás de nós. Meu desconforto cresceu enquanto eu olhava para baixo para os esquiadores.

Bill parecia saber o que estava fazendo, assim como a garota atrás do nosso barco. Se eles não eram ceifadores negros, e o cara de sunga cinza dirigindo não era um ceifador, então isso deixava três possibilidades, duas das quais estavam comigo. Eu resisti ao desejo de tocar a pedra negra escondida atrás da minha camisa, esperando que Barnabas não tivesse me colocado no barco errado. A garota do biquíni tinha um colar.

“Você é uma boa esquiadora?” eu gritei para ela, esperando para ouvi-la falar.

Ela se virou e sorriu, segurando seu longo cabelo loiro apertadamente. “Não sou má,” ela disse, inclinándose para ser ouvida por cima do motor. “Acha que ela vai cair em breve? Eu estou morrendo de vontade de entrar na água.”

Meu sorriso ficou forçado, e eu esperei que ela não estivesse prevendo seu futuro. “Talvez. O salto está chegando.”

“Talvez então.” Ela olhou para as pontas roxas do meu cabelo, deixando cair seu olhar para meus brincos de caveira e ossos cruzados. Sorrindo, ela disse, “Eu sou Susan. Cabine Chippewa.”

“Hã, Madison,” eu disse, segurando firmemente no barco com uma mão enquanto meu equilíbrio era deslocado. Estava ventando demais para realmente conversar, e enquanto Susan observava o esquiador atrás de nós saltar a onda, eu avalei a motorista.

A miúda garota atrás do volante tinha uma juba invejável de cabelo preto, comprido e grosso. Ele jorrava atrás dela mostrando orelhas pequenas, maçãs do rosto fortes, e uma expressão plácida enquanto ela olhava para frente. Ombros largos e um corpo magro a faziam parecer tão capaz quanto era bonita. Seu top havaiano estava brilhando aqui no sol, fazendo-me desejar que eu estivesse usando óculos de sol, também. Minha atenção mudou da água para o barco vermelho há nove metros à estibordo e para Barnabas falando com o cara de camisa azul. O vento mudou à medida que o barco virava-se para saltar, e Susan se inclinou para a frente, seu longo cabelo batendo no meu rosto antes dela agarrá-lo. As asas negras tinham nos alcançado. Todas elas. “Por quanto tempo vai ficar aqui?” ela perguntou.

“Hã, não muito,” eu respondi verdadeiramente. “As aulas começam em torno de duas semanas.”

Susan concordou. “Mesma coisa comigo.”

Eu me desloquei no vinil salpicado por água, ansiosa. Eu devia ser a observadora designada, mas eu realmente queria observar a motorista. Nenhuma mortal tinha o direito de ser tão linda. Se eu conseguisse reunir coragem para falar com ela, eu talvez poderia afirmar se ela não era. E se ela não fosse, Madison? Eu pensei, ficando preocupada. Não era como se eu pudesse contar à Barnabas. Talvez nos dividirmos não tenha sido uma ideia tão boa.

“Meus pais me fizeram vir para cá,” Susan disse, recuperando minha atenção. “Eu tive que deixar meu trabalho e tudo,” ela acrescentou com um giro de olhos. “Perdi um mês de pagamento. Eu trabalho em um jornal, e meu pai não queria que eu encarasse uma tela de computador o verão todo. Eles ainda acham que eu tenho doze anos.”

Eu acenei, minha expressão congelando quando uma extensão de preto gotejante do tamanho de uma pipa deslizou por entre os barcos como se estivéssemos parados. Sufocando um tremor, eu mandei meu olhar para Barnabas; eu conseguia ver ele franzindo a testa daqui. Bailando tanto acima e abaixo da água, as asas negras ficaram mais perto, enroscando a minha tensão mais apertadamente, começando no meu pé e subindo mais para cima.

Susan ficou de pé e balançou-se da proa do barco para a glória do vento. Em uma onda de preocupação, eu forcei a minha mão a se abaixar da maciez negra e lavada pela água do meu amuleto e segurar meu estômago. Eu estava ficando com enjoo, não por causa do barco estremeando, mas pelo que ia acontecer. A não ser que Barnabas conseguisse fazer um trabalho melhor do que tinha feito comigo, alguém morreria. Isso tinha acontecido comigo – bem, mais ou menos, de qualquer jeito – e acordar no necrotério não era divertido.

Meu olhar deslizou do esquiador para Barnabas à medida que a lancha vermelha ficava mais próxima; nós estávamos nos aproximando do salto. Seu cabelo castanho jorrava para trás por causa do vento, e ele estava falando com o motorista, seus joelhos afastados para ter equilíbrio, parecendo muito com o cara normal de dezessete anos que ele tentava salvar. Como se sentindo a minha atenção, Barnabas olhou para cima e nossos olhos se encontraram. Entre nós, asas negras mergulharam na água. Filho de um cachorrinho morto. Eles estavam ficando ousados. Estava quase na hora.

“Ei!” Susan gritou, olhando para onde as asas negras tinham desaparecido. “Você viu aquilo?” ela perguntou, os olhos arregalados. “Parecia uma arraia. Eu não sabia que tinha arraias em água doce.”

E não tem nesse hemisfério, eu pensei, escaneando o horizonte. Asas negras estavam em toda a parte, no ritmo dos barcos acima e abaixo da água.

Susan agarrou a amurada com duas mãos enquanto encarava a água do estibordo. Ela claramente não estava vendo metade do que estava lá, mas ela tinha notado algo. Meu pulso ilusório se acelerou. Quanto mais ansiosa eu ficava, mais minha mente confiava em lembranças de se estar viva. Algo estava para acontecer, e eu não sabia o que fazer. E se aquela linda garota no volante fosse a ceifadora?

Tensa, eu escutei a água sibilar enquanto acelerávamos para o salto de esqui. Nossa esquiadora se foi, soltando um grito de guerra no alto de seu arco. Ela perdeu seu equilíbrio na descida, mas caiu na água graciosamente, como se soubesse o que fazia.

Bill, instantes atrás dela, arremessou-se de último segundo. A ponte de seu esqui esbarrou na rampa. Eu arfei, impotente enquanto ele girava. Ceifadores amavam trabalhar com acidente, acrescentando um choque fatal à uma pessoa já machucada para esconder suas ações. Barnabas estivera certo. A vítima, e por conseguinte o ceifador, deviam estar no seu barco. “Vire-se!” eu gritei. “Bill errou o salto.”

Nosso barco deslocou, e Susan agarrou o parapeito. “Ai meu Deus!” ela berrou. “Ele está bem?”

Ele ficaria bem contanto que Barnabas chegasse nele primeiro. Eu olhei para a nossa motorista enquanto ela virava o barco, silenciosamente ordenando-a que se apressasse. Seus olhos agora apareciam sobre seus óculos de sol. Azuis, eu notei primeiramente, e então medo deslizou por mim. Mesmo enquanto eu observava, eles mudaram para prata enquanto ela sorria com uma silenciosa satisfação. A motorista era a ceifadora negra. Barnabas estava no barco errado. Droga, eu sabia que ela era bonita demais para estar viva. Assustada, eu forcei meus olhos a se fecharem antes que ela pudesse ver que eu sabia. Avançando lentamente para os fundos do barco, eu lancei meus braços ao meu redor, ficando frenético a medida que desacelerávamos. Nossa esquiadora estava nadando na direção de Bill, mas Barnabas tinha mergulhado na água e chegaria lá primeiro. Susan se juntou à mim na lateral do barco quando Barnabas deslizou seu braço ao redor de Bill e começou a puxá-lo para o meu barco, não para o dele. O medo em mim se aprofundou. Ele não sabia que a ceifadora estava comigo. Ele estava trazendo-a diretamente para ela! Droga, por que eu tinha insistido em fazer isso quando eu nem conseguia me comunicar com Barnabas?

Os dois barcos estavam chegando juntos, os motores suavizando em um retumbar de escape que morreu quando ambos foram desligados. Todos estavam nas beiradas, gritando. Eu tentei capturar a atenção de Barnabas sem alertar a ceifadora negra que eu sabia quem ela era – tudo enquanto não a perdia de vista.

Mas Barnabas não olhou para cima.

Mãos desceram em Bill. Ele estava consciente, mas sangrava de um ferimento na cabeça. Tossindo, ele fracamente estendeu uma mão trêmula para ajuda. Eu estremeci quando a sombra de uma asa negra deslizou por mim e se foi. Ao meu lado, Susan também estremeceu, claramente sentindo, mas não vendo, a extensão de preto gotejante acima de nós. “Levante-o,” eu sussurrei, pensando que elas pareciam com tubarões surfando suavemente debaixo da superfície. “Tire-o da água.”

Meu barco, contudo, não era mais seguro, e eu recuei para o lado para ficar entre a ceifadora negra e Bill enquanto ele era arrastada para cima da beirada e uma onda de água ensopou o tapete verde de plástico. A ceifadora negra tinha que saber que alguém estava aqui para impedi-la, apesar dela provavelmente achar que era Barnabas, já que fora ele quem pulou.

“Ele está bem?” Susan disse, deixando sair um pequeno uivo quando nossos barcos gentilmente bateram e o motorista do barco vermelho jogou uma corda para nos amarrar. Caindo de joelhos num espaço apertado perante o assento traseiro, Susan tirou uma toalha de praia de sua bolsa. “Você está sangrando. Aqui, coloque isso na sua cabeça,” ela disse, e Bill pestanejou vaziamente para ela.

Agachado ao lado de Bill, Barnabas não estava olhando para mim, e meu coração martelou enquanto eu me aproximava da linda morte de top havaiano e chinelo, cheirando levemente à penas e a um perfume doce demais e enjoativo. Ela não me reconhecerá. Eu estou a salvo, eu tentei me convencer. Mas quando Barnabas ficou de pé e começou a pular para o outro barco para me deixar, eu perdi a razão.

“Barnabas!” Eu gritei, então congelei enquanto sentia, mais do ouvia, o zumbido de metal no ar.

A tensão me golpeou, e eu girei minha cabeça ao redor. A ceifadora negra estava de pé com seus pés plantados firmemente separados no espaço estreito em frente, a luz brilhando gloriosamente nela e em sua espada. Tinha uma pedra violeta acima do apoio que combinava com aquela ao redor do seu pescoço. Eu conseguia vê-la agora. Ambas as pedras queimavam com uma intensidade profunda. Ela não estava olhando para Bill. Ela estava olhando para Susan.

“Não!” Eu gritei, em pânico. Houve um relampejo de luz contra a lâmina, e, sem pensar, eu me arremessei para ficar entre elas, batendo em Susan com meu ombro fazendo-a cair. Uivando, ela caiu ao lado de Bill nos fundos do barco. Meus joelhos queimaram enquanto atingiam o tapete de plástico. Olhando para cima, eu fui cegada pelo sol se refletindo na lâmina movente, e eu arfei a medida que ela limpamente me cortava com a sensação de penas secas contra a minha alma.

Era como se o tempo tivesse parado, apesar do vento ainda soprar e do barco ainda bater de leve. As pessoas no outro barco saíram do choque e começaram a gritar. Alheia à eles, a ceifadora negra me encarou, seus lábios separados em horror quando ela percebeu que tinha gadanhado a pessoa errada.

“Pelos serafins...” ela sussurrou enquanto a balbucia confusa ficava mais alta.

“Droga, Madison,” Barnabas disse, sua voz mais clara sobre o resto. “Você disse que só ia observar.”

Ainda ajoelhada perante ela, eu inclinei minha mão contra a minha cintura sem marcas e me lembrei daquela terrível sensação de quando eu fiquei sentada estupefadamente em um carro capotado no pé de uma ravina, atordoada mas viva. E então o terror impotente quando o ceifador negro puxara sua espada, reunindo minha confusão com sua raiva porque eu não tinha morrido na batida e ele tivera que me matar com sua própria espada.

“Ah, você errou,” eu disse enquanto saía da lembrança da minha morte.

Susan se balançou, e a ceifadora negra dissolveu sua lâmina, mandando seu poder de volta à pedra ao redor do seu pescoço. Seus lábios se separaram quando seu olhar achou o meu amuleto descansando contra o meu peito, sacudido de seu esconderijo pela minha queda. “A pedra de Kairo!” ela disse. “Você tem o amuleto de Kairo? Como? Ele...” Ela hesitou, me espiando com confusão. “Quem é você?”

Quem diabos é Kairos? Eu pensei. Seth fora o ceifador negro que me matara. Lambendo meus lábios, eu me levantei, quase pisando em Bill. “Madison,” eu disse corajosamente, morrendo de medo. “Eu peguei um amuleto, é. Vá embora, ou pegarei o seu também.”

Era uma ameaça fútil, mas a expressão da ceifadora foi de surpresa para determinada. “Se você tem o amuleto de Kairo, ele provavelmente o quer de volta,” ela disse, sua mão magra esticando-se.

“Madison, sai de perto dela!” Barnabas gritou.

Amedrontada, eu recuei, tropeçando em Bill e caindo no comprido assento nos fundos. Com o rosto implacável, ela me seguiu. Claro, ela não podia me matar novamente, mas ela podia me arrastar para fora.

Pessoas gritaram, e um borrão passou entre nós. Era Barnabas, e eu encarei, olhando boquiaberta enquanto ele repentinamente ficava de pé perante mim e a ceifadora negra com sua calça jeans e camiseta perfeitamente comuns, sombrio e pingando da água. Sua presença era impressionante – a postura de um guerreiro. “Você não a terá,” ele entoou, olhando para a ceifadora negra por debaixo de seus cachos molhados.

“Ela tem o amuleto de Kairo,” a ceifadora negra disse, e com uma puxada violeta de seu amuleto, uma lâmina estava novamente em sua mão. “Ela nos pertence.”

O que ela queria dizer, nos pertence? Eu me encolhi nas almofadas duras, mas Barnabas tinha criado a sua própria lâmina, puxada do poder de seu amuleto, agora brilhando um laranja violento. As duas retiniram quando bateram, seguidas por um tamborilar profundo ecoando entre suas orelhas. De entre nós veio o barulho das pessoas amedrontadas arrastando-se para os fundos, tentando sair do caminho.

Rapidamente, Barnabas deu um passo para frente e balançou sua arma contra a dela em um giro áspero, linhas violetas e laranja de cor marcando seus caminhos. A lâmina da ceifadora negra foi arrancada de sua mão, arqueando no ar para deslizar limpamente para a água, mal fazendo uma onda.

Chocada, ela se encurvou, segurando seu pulso como se ela tivesse sido atingida. Seu amuleto estava tão negro quanto sua expressão. Alguém fez uma pergunta xingando baixinho.

“Volte,” Barnabas disse. “Eu ouvi falar de você, Nakita, e você está fora de sua liga. Não ceife na minha esfera. Você falhará todas as vezes.”

Os olhos da ceifadora negra se estreitaram. Com a mandíbula cerrada, ela olhou para Susan, então para mim. “Algo não está certo. Você sabe disso. Eu ouço nas canções dos serafins,” ela disse, e quando o queixo de Barnabas se levantou, ela mergulhou na água para recuperar sua lâmina.

Segundos se passaram. A ceifadora negra não reapareceu, mas se ela fosse como Barnabas, ela não precisava respirar e era provável que tivesse ido embora.

O cara de camisa azul lançou-se para os fundos de seu barco e olhou para baixo. “Vocês viram aquilo?” ele disse, girando da água, para nós, e para a água novamente, seus olhos arregalados. “Porra, vocês viram, aquilo?”

Barnabas tomou fôlego para falar, perdendo seu aspecto de guerreiro furioso exalando quando ele mudou de ideia. Os olhos do ceifador branco encontraram-se com os meus, e eu me contrai quando o brilho prata foi substituído por preocupação.

Do canto do barco, Susan perguntou, "Você acabou de jogá-la na água?"

Opa. Isso pode ser meio difícil de explicar.

Barnabas sorriu, e com sua mão agarrando o amuleto, ele calmamente disse, “Quem?”

Bill estava encarando o céu, seu olhar claramente rastreando as asas negras dispersas.

A expressão de Susan se tornou confusa. “Havia uma garota,” ela disse, endireitando-se. “Ela tinha cabelo preto.” Susan olhou para Bill. “E uma faca. Era uma faca, não era? Você viu, certo?”

Pegando a toalha de sua cabeça, Bill olhou para a mancha vermelha e disse, “Eu vi.”

Barnabas andou com perfeito equilíbrio pelo barco e caiu com um joelho perante Bill. “Eu não vi nada.”

Ainda segurando seu amuleto, ele espreitou nos olhos de Bill enquanto colocava a toalha de volta contra o corte dele. “Você bateu a sua cabeça bem feio. Você está se sentindo bem? Quantos dedos eu estou mostrando?”

Bill não respondeu, e eu olhei para a água, evitando o olhar de Barnabas. Seus olhos tinham ficado prateados novamente, e eu achei que olhar agora seria um erro. “Bill bateu sua cabeça,” Barnabas disse calmamente. “Ele precisa ir à doca e tê-la examinada.”

Como mágica, o medo e confusão se transformaram em preocupação enquanto todos se reorganizavam nos dois barcos. Meus joelhos tremiam enquanto Barnabas reiniciou o nosso barco, e no barulho repentino, eu me inclinei sobre ele. “Eles não lembrarão?” Eu perguntei, não percebendo que ele tinha a habilidade de mudar memórias.

Barnabas deslizou de detrás do volante. “Você dirige,” ele disse curtamente. Colocando uma mão no meu ombro, ele me empurrou para o assento. “Apreste-se antes que alguém se lembre que você não dirigiu até aqui.”

Ele soava irritado e eu comecei a me ocupar com as alavancas. É, eu conseguia dirigir a porcaria de um barco. Eu tinha crescido em Florida Keys e era capaz de colocar um barco na carreira antes de andar de bicicleta.

Barnabas estava guardando os esquis e as cordas molhadas quando eu mudei para um arrastamento vagaroso. O outro barco tinha saído rápido e eu segui seu caminho para fazer a viagem mais fácil. Susan estava no celular, berrando. “Ele bateu sua cabeça na rampa de esqui! Acampamento Hidden Lake. Aquele com a grande canoa vermelha na estrada? Estamos nos dirigindo para a doca. Ele está acordado, mas precisa de pontos, talvez.”

Debruando para uma velocidade mais rápida, eu pressionei contra o vinil frio e senti meu ombro ficar frio onde Barnabas o tinha tocado. As asas negras tinham ido embora, tirando uma única mancha contornando a beirada do lago. A ganhada fora prevenida, mas Barnabas não estava feliz.

Fechando seu celular, Susan balançou-se para sentar-se ao lado de Bill nos fundos do barco. “Ei,” ela disse, gritando sobre o motor. “Uma ambulância está vindo. Você está bem?”

Ele estava corado e parecia confuso. “Onde está a garota com a espada?” ele perguntou, e eu capturei Barnabas fazendo o gesto de “maluco”, girando seu dedo ao lado de sua cabeça.

“Fique calmo,” Susan disse, mais suave, mas ainda quase gritando. “Chegaremos lá em um minuto.”

As luzes da ambulância na doca deram um ponto no qual mirar, e eu diminuí nossa velocidade enquanto chegávamos. Pessoas tinham se juntado, e eu esperei que Barnabas e eu conseguíssemos escapar antes que fôssemos notados.

“Onde está a garota com a espada?” Bill perguntou novamente, e Barnabas foi sentar do seu outro lado.

“Não há nenhuma garota com espada,” ele disse com força.

“Eu vi ela,” ele insistiu. “Ela tinha cabelo preto. Você tinha uma espada também. Onde está a sua espada?” Eu olhei para trás e Barnabas me deu um olhar cansado, fazendo-me sentir como se eu realmente tivesse estragado isso. Talvez ter que mudar a memória das pessoas fosse um sinal de negligência.

“Só relaxe, Bill,” o ceifador branco dizia. “Você bateu a sua cabeça feio.”

Eu agarrei o volante com mais força e me perguntei se o ferimento de cabeça de Bill tinha o deixado menos suscetível a ter sua memória mudada. O quanto exatamente eu tinha estragado isso? Credo, tudo o que eu fiz foi empurrar Susan para fora do caminho. Eu não ia ficar simplesmente parada ali e deixá-la ser morta. Susan era alegremente ignorante. Ela estava viva. Ela terminaria sua vida e provavelmente faria algo ótimo com ela, ou ela nunca teria sido injustamente feita de alvo pelos ceifadores negros em primeiro lugar. O enrugamento da minha testa diminuiu, e eu puxei um punhado de cabelo úmido por causa das gotículas para longe dos meus olhos. Eu estava feliz por ter interferido, e nada que Barnabas dissesse poderia me convencer de que não tinha sido a coisa certa a fazer. Eu não conseguia evitar, porém, de me sentir um pouco envergonhada. Dois anos de artes marciais, e tudo o que eu fiz foi empurrá-la para fora do caminho? Barnabas deixou Bill e Susan juntos no assento traseiro e sentou no assento em frente ao meu. “Eu chamei um anjo da guarda,” ele disse enquanto se inclinei perto o suficiente para eu capturar o cheiro de girassóis no pôr-do-sol. “Susan ficará bem.”

“Bom.” Eu diminuí o acelerador enquanto nos aproximávamos da doca, me recusando a largar seu olhar.

“Não foi tão ruim foi?”

Se inclinando para trás, ele bufou de raiva. “Você não tem ideia da encrenca que causou,” ele disse.

“Santos te protegem, Madison. Cinco pessoas a viram cortá-la. Cinco pessoas que eu tive que amadoramente alternar memórias para você. Você acha que tocar pensamentos é difícil, devia tentar alterar memórias. Eu não devia tê-la trazido. Eu sabia que não era seguro.”

Eu cerrei meus dentes e encarei a doca se aproximando, entupida de pessoas. “Eu salvei a vida dela. Não era esse o objetivo?”

“Você foi identificada por uma ceifadora,” ele disse sombriamente. “Você disse que apenas observaria, e você vai e... é reconhecida! Eles conhecem a ressonância que seu amuleto lhe dá agora. Ele podem segui-la. Achá-la.”

Eu tomei fôlego para protestar. Ceifadores tinham ressonâncias de amuleto; como as pessoas vivas tem auras. Ambos podiam ser usados por ceifadores para achar pessoas que estão há uma longa distância ou pertinho, meio como uma digital barulhenta ou uma foto. “Está me dizendo que eu devia ter deixado-a

morrer, Barney?” eu disse amargamente, sabendo que ele odiava o apelido. “Deixar o ceifador cortá-la só para que não fosse reconhecida? Chame o Ron. Ele pode mudar a ressonância do meu amuleto. Ele mudou antes.”

De braços cruzados sobre o seu peito, Barnabas franziu a testa. Eu estava certa, pensei, e ele sabia disso. “Vou ter que chamar, não vou?” ele disse, soando como o garoto de dezessete anos que ele estava se disfarçando. “Eu não sou chamado há mais de trezentos anos. Tirando a sua colheita, isso é. Eu preciso mudar a minha ressonância agora, também.” Mal humorado, ele encarou a sua frente. Um anjo mal humorado. Que doce.

Mas quanto mais eu pensava nisso, pior eu me sentia. Parecia que desde que eu o tinha conhecido, eu vinha estragando sua vida. Meu talento especial. Agora ele tinha que chamar seu chefe para consertar as coisas, e eu sabia que ele odiava parecer incompetente. “Desculpa,” eu disse suavemente, mas eu sabia que ele me ouvira.

“Até que mudemos a ressonância de nosso amuletos, estamos vulneráveis como patos nadando na água,” ele murmurou.

Calma, eu procurei por asas negras, mas elas tinham ido. A água refletia as árvores próximas à doca, planas contra o vento, e eu mudei a marcha para neutra. “Eu disse me desculpa,” eu disse, e Barnabas olhou para cima das luzes piscantes da ambulância.

Seus olhos castanhos estavam negros na sombra, e era como se eu os estivesse vendo pela primeira vez, achando algo diferente em sua profundidade. “Há muito que você não sabe,” ele disse enquanto eu girava o barco ao redor da doca ao lado do primeiro. “Talvez você devesse começar a agir desse modo.”

Susan estava rodando os amortecedores para fora pela lateral, e Barnabas se moveu para a proa para jogar a corda dianteira da doca quando eu parei o motor para que o barco fosse levado pela corrente. A equipe da ambulância estava esperando com uma maca, e eles pareceram aliviados quando Bill gritou que estava bem. Havia um ar de animação eficiente, e quando eu vi a clara camisa pólo que dizia conselheiro de acampamento mais do que uma etiqueta laminada teria dito, eu me contrái. Nós tínhamos que dar o fora daqui.

O barco se esvaziou entre o papo alto e pedidos de informação que Susan ficou feliz por fornecer a plenos pulmões. Eu fiquei de pé, querendo ir para casa, mas Barnabas não podia simplesmente nos desaparecer na frente de todos. Ele pisou na doca, e eu segui, completamente nervosa.

“Fique de olho na garota,” ele disse enquanto eu me movia inquietantemente. “Eu preciso encontrar alguma tranquilidade para que o anjo da guarda possa me localizar. Não é provável que ele tentem pegá-la novamente, mas é possível. Especialmente se souberem que você está aqui. Não faça nada se um ceifador aparecer, está bem? Só grite me chamando. Pode fazer isso?”

Subjugada, eu acenei, e ele contorceu-se pelas pessoas na doca. Eu lentamente segui para achar um lugar fora do caminho perto da ambulância. Meu coração tinha parado novamente. Finalmente. Barnabas achava que era engraçado, o que só fazia isso mais embaraçador. Eu estava sempre inalando ar que eu não precisava, também. Susan estava ao alcance de voz com uma penca de garotas e um conselheiro de acampamento. Era um sentimento estranho, esperando para ficar perto mas com medo de ser incluída.

A história de Susan estava trazendo arfadas das pessoas ao redor, mas eu estava feliz por ouvir nada sobre lutas de espada ou garotas com tops havaianos desaparecendo sob as ondas. De noite, quando ela estivesse dormindo, seria diferente. Eu tinha visto olhares assombrados demais no rosto do meu pai que me faziam me perguntar se ele se lembrava do necrotério. Enquanto eu estava ocupada roubando um amuleto do meu assassino, meu pai tinha recebido um telefonema dizendo à ele que eu estava morta. Achá-lo sozinho no meu quarto, examinando minhas coisas antes que soubesse que eu estava viva, fora de cortar o coração. E a sua alegria quando ele me viu respirando? Eu nunca fora abraçava tão apertadamente. Apesar de suas lembranças terem sido mudadas... as vezes, eu achava que ele se lembrava.

Barnabas tinha se assentado em cima de uma mesa vermelha de piquenique debaixo de pinheiros. Uma luz vaporosa do tamanho de uma bola de softbol pairou perante ele, parecendo muito com as imperfeições que você vê em fotos de vez em quando. Algumas pessoas achavam que os brilhos eram fantasmas, mas e se fossem anjos da guarda, só vistos quando a luz estava certa e eles fossem capturados em filme?

“E então ele caiu na água,” Susan disse, as palavras diminuindo quando algo não dançou junto com sua memória, e eu me virei para longe para que ela não me visse e pedisse para apoiá-la. Ela tinha mencionado que trabalhava em um jornal - talvez uma carreira planejada no jornalismo fora porque ela tinha sido mirada. Talvez ela devesse fazer algo mais tarde na vida, algo que trabalharia na contra-mão dos grandes planos dos ceifadores negros. Era sobre isso que o jogo todo era sobre. Fora por isso que eu fui morta. Eu não sabia qual era a grande coisa que eu devia ter feito, e agora que eu estava morta, era provável que eu nunca a fizesse.

De braços cruzados, eu me inclinei contra a solidez espinhosa de um pinheiro alto, e jurei que nunca me sentiria mal sobre salvar a vida de Susan.

Barnabas ficou de pé, e eu observei ele traçar seu caminho pela multidão com aquela bola de luz arrastava-se atrás dele. Os amigos de Susan o notaram, e, rindo, se apressaram. Fingindo ignorância, Barnabas sorriu e apertou a mão de Susan. Como se fosse um sinal, a luz nebulosa mudou dele para ela. Ela tinha seu anjo da guarda; ela ficaria a salvo. Um nó de preocupação se desfez em mim.

“Obrigado por mantê-lo falando lá,” Barnabas disse, roçando seu cabelo molhado para o lado de uma maneira casual que fez alguém nos fundos suspirar. “Você devia ir ao hospital com ele. Ele vai ter que ficar acordado a noite toda no caso de ter alguma concussão.”

Susan corou. “Claro. Sim. Você acha que eles me deixarão?” Ela virou para o conselheiro. “Posso ir?”

Com o coro de vaías e um sim, Susan relampejou um sorriso e correu para a ambulância. A bruma de luz entrou na ambulância antes de Susan, e a leve tensão de Barnabas desapareceu, dizendo-me que ele, também, tinha estado preocupado com ela. Só tinha parecido que ele não se preocupava.

Me sentindo melhor, eu olhei para ele e sorri, feliz por ter acabado. O rosto do ceifador ficou vago e meu sorriso se dissipou. Ele girou nos calcanhares e andou para longe, esperando que o seguisse.

De cabeça abaixada, eu me contorci pela multidão diminuída atrás dele, minha satisfação por ter salvo a vida de Susan virando cinzas cinzentas. Se eu tivesse outro jeito de voltar para casa, teria ido. Barnabas parecia irritado.

Dois

O ar no curso superior do rio estava frigidamente frio, e meu cabelo molhado parecia congelado quando Barnabas nos deixou onde tínhamos começado essa manhã: no estacionamento da Escola New Covington. Como sempre, suas asas tinham desaparecido em um redemoinho de vento antes de eu poder dar uma boa olhada nelas, substituídas por uma calça jeans seca, uma camiseta preta normal, e um casaco comprido totalmente inadequado para o clima quente, mas totalmente apropriado para fazê-lo parecer bonito. A cor suave me lembrava suas asas enquanto guarnecia seus ombros e caía sobre seus calcanhares.

Incerta, eu me contorci entre alguns carros para chegar ao bicicletário. Os veículos não tinham estado aqui essa manhã, e eu me perguntei o que estava acontecendo. Levei duas tentativas para acertar a combinação, e eu lentamente pedalei minha bicicleta verde de dez marchas de volta para a sombra e Barnabas, sustentando-a contra a parede da altura da cintura entre a encosta íngreme e a estrada principal e antes de desmoronar contra ela para esperar Ross, o chefe de Barnabas.

Eu sentia falta do meu carro, ainda na Flórida com a minha mãe, mas a falta de um veículo tinha sido mais do que compensada pela chance de conhecer meu pai novamente. Mamãe tinha me mandado para cá porque ela estava de saco cheio de conversas com os professores/diretores/pais e se preocupava quando o telefone tocava depois de escurecer que pudesse ser a polícia. Tudo bem, então talvez eu tivesse ficado um pouco entusiasmada em "exercer minhas tendências de pensamento livre," como o conselheiro da escola tinha dito a minha mãe, logo antes dele ter me dito em privacidade para parar de tentar ganhar atenção e crescer, mas tinha sido tudo coisas inocentes.

Uma cigarra lamentou de algum lugar, e eu me mexi na parede ao lado de Barnabas e cruzei meus braços sobre meu peito. Imediatamente eu os abaixei, não querendo parecer pensativa. Barnabas parecia pensativo o bastante para nós dois. Seu aperto em mim no voo de volta tinha sido desconfortável. Ele tinha estado quieto demais. Não que ele falasse muito, mas havia uma dureza agora, quase um ressentimento. Talvez ele estivesse chateado por ter ficado molhado ao pular no lago. A minha bunda toda estava úmida agora, graças a ele.

Desconfortável, eu fingi arrumar meus cadarços para que eu pudesse me deslocar uns dois centímetros dele. Eu podia ter pedido a ele para me deixar em casa, mas minha bicicleta estava aqui. Para não mencionar que eu não queria que a enxada da Sra. Walsh visse o Barnabas crescer suas asas e voar para longe. Eu juro, a mulher tinha binóculos no peitoril de sua janela. A escola fora o único lugar que eu pensei que ninguém me veria. Por que havia carros aqui agora eu não fazia ideia.

Eu tirei meu telefone do meu bolso, liguei ele, chequei minhas chamadas perdidas, e o guardei. Olhando para Barnabas, eu disse, "Sinto muito eu ter sido identificada na sua colheita."

"Não era uma colheita. Era a prevenção de uma gadanhada."

Sua voz estava apertada, e eu pensei que para alguém que esteve por aí há tanto tempo, ele certamente conseguia agir infantil. Talvez fosse por isso que ele era designado aos de dezessete anos.

“Eu ainda sinto muito,” eu disse enquanto procurava defeitos no alto da parede de cimento.

Inclinando-se contra a parede, Barnabas forçou seu olhar torto no céu e suspirou. “Não se preocupe com isso.”

Eu tamborilei minhas unhas no cimento duro enquanto novamente o silêncio descendia. “É lógico que a bonita seria a ceifadora negra.”

Barnabas levou seu olhar de volta a mim, afrontado. “Bonita? Nakita é uma ceifadora negra.”

Meus ombros subiram e desceram em uma contração. “Vocês são todos lindos. Eu poderia escolher um de vocês em uma multidão simplesmente por isso.” Seu rosto mostrou surpresa – como se ele nunca tivesse notado como todos eram perfeitos. Quando ele desviou o olhar, eu acrescentei, “Você a conhece?”

“Eu a ouvi cantar antes, sim,” ele disse suavemente. “Então quando ela usou seu amuleto para fazer sua gadanha, eu consegui juntar o nome ao rosto. Ela tem sido uma ceifadora negra por um longo tempo para ter a pedra de um violento tão profundo. Eles lentamente mudam de cor com a experiência, os ceifadores brancos passam pelo espectro de verde, para amarelo, para laranja, e finalmente um vermelho tão profundo que é quase preto. Os ceifadores negros vão na direção contrária, pelos azuis e roxos até o violeta. A cor da sua pedra reflete-se na sua aura quando você usa seu amuleto. Mas você não consegue ver auras ainda, consegue?”

Isso tinha sido claramente traiçoeiro, e se eu não estivesse pensando na minha própria pedra, preta como o espaço, eu teria lhe dito para calar a boca.

“Então ela faz isso há mais tempo que você,” eu disse, e ele virou-se para mim com espanto.

“Como você descobriu isso?” ele perguntou, soando insultado.

Eu olhei para seu amuleto, um preto absoluto agora que ele não o estava usando. “É como o arco-íris. Ela é violeta, e você é laranja, um passo do vermelho, bem do outro lado do arco-íris. Você não é vermelho ainda. Se você ficar vermelho, você será tão experiente quanto ela.”

Ele olhou-me de cima a baixo, sua postura ficando dura. “Meu amuleto não é laranja. É vermelho!”

“Não, não é.”

“É sim! É desde as pirâmides.”

Eu acenei uma mão em desinteresse. “Que seja... eu ainda não entendo como ouvi-la cantar tem a ver com isso.”

Com uma bufada de raiva, ele virou-se para o estacionamento e para longe de mim. “Amuletos tornam possível se comunicar além da esfera da terra, e eu a ouvi. A cor de sua pedra e o som de sua cantoria combinavam. Meio como eu escutar uma aura ao invés de vê-la. Dali, não é difícil adivinhar quem está cantando porque existem tão poucos de nós dentro da esfera da terra para começo de conversa. E apesar de eu poder ouvir ceifadores negros, eu não consigo distinguir o que eles estão dizendo. Nakita teria que mudar

a cor de seus pensamentos para combinar com a minha aura para isso, e estamos tão distantes no espectro que isso seria quase impossível. Além do mais, por que eu iria querer os pensamentos dela nos meus?”

Minhas sobrancelhas levantaram. Aquele pedacinho de informação podia ser útil visto que eu passei a porcaria dos últimos quatro meses tentando aprender a usar meu amuleto. “Hm. Eu achei que você só... aparecia do céu ou algo assim quando queria conversar.”

A cabeça dele caiu. “Fazem eons desde que eu peguei um amuleto e me tornei terrestre.”

Ele é terrestre? “Uau,” eu disse, cascalho sendo pulverizado debaixo dos meus sapatos enquanto eu me deslocava para encará-lo. “Ceifadores são terrestres?”

“Não, só os ceifadores brancos são terrestres,” ele disse, corando pelo que parecia ser embaraço. “Nakita é livre para ir e vir. Ela toca a terra tempo o bastante para matar; então ela se vai.”

Isso soava meio amargo. “Eu achava que todos os anjos viviam no céu.”

“Não,” ele disse curtamente. “Nem todos nós.”

Fazendo careta, ele correu uma mão pelo seu cabelo frisado, deixando-o ainda mais bagunçado, em um jeito charmosamente atraente. “Poucos anjos transgridem, mas aqueles que o fazem tomam o caminho dos ceifadores para compensarem. E quando se absolvem, eles retornam para seus trabalhos.”

Compensar? Absolvição? Barnabas era um ceifadores porque tinha se metido em encrenca? E aqui estava eu, metendo-o em mais. Eu suponho que salvar vidas ficasse bem no currículo de um anjo. “O que você fez?” Eu perguntei.

Barnabas cruzou seus braços e se inclinou contra a parede. “Eu sou um ceifador branco por causa do juízo de responsabilidade moral, não porque eu desagradei os serafins. Eu não ligo para o que eles pensam.”

Eu tinha ouvido Barnabas jurar pelos – ou xingar os – serafins antes quando tínhamos sentado no meu telhado e arremessado pedras nos morcegos. Eu sabia muito bem que ele não pensava muito bem dos altos riquinhos do reino dos anjos, mas eu não podia evitar me perguntar o que os serafins tinham feito. Acho que era preciso muito esforço para comandar um universo.

Ainda não olhando para mim, Barnabas saiu da parede e se moveu para ficar parado na beirada da luz. Ele não estava me contando algo, um sentimento que cresceu quando ele colocou suas mãos em seus quadris e encarou o quente estacionamento. “Ela está certa, contudo. Algo cheira pior que asas negras no sol,” ele disse, quase para si mesmo. “Nakita disse que você tem a pedra de Kairos. Isso não é possível. Ele é...” Barnabas se virou, me fazendo estremecer com sua expressão. “Madison, estava pensando. Quando Ron vier, eu vou pedir a ele para que outra pessoa lhe dê instruções.”

Meus lábios se separaram, e eu senti que estava sendo socada no estômago. De repente fazia muito mais sentido. Ele está desistindo de mim. Deus, eu devo ser mais estúpida do que achava. Magoada e não sabendo o que mais fazer, eu deslizei da parede, raspando as costas das minhas pernas quando não me empurrei distante o bastante. Lágrimas pinicaram os meus olhos, e, agarrando minha bicicleta, eu fui para a entrada distante. Eu ia para casa. Ron podia me achar lá.

“Onde você está indo?” Barnabas disse enquanto eu jogava minha perna por cima da minha bicicleta.

“Para casa.” Estar morta era uma droga. Eu não podia contar para ninguém, e agora eu ia ser passada como uma cesta de frutas de Natal que ninguém queria. Se Barnabas não me queria ao redor, tudo bem por mim. Mas ficar aqui enquanto ele contava ao Ron era humilhante.

“Madison, não é que você esteja me desapontando. Eu não posso ensiná-la,” Barnabas disse, seus olhos castanhos tanto preocupados quanto simpáticos.

“Porque eu estou morta e sou estúpida. Entendi essa parte,” eu disse miseravelmente.

“Você não é estúpida. Eu não posso ensiná-la por causa do amuleto que você tem.”

Suas palavras continham uma quantidade assustadora de preocupação, e eu parei, repentinamente assustada. Todo esse tempo, Ron nunca fora capaz de saber que tipo de amuleto eu tinha pego. “O amuleto do Kairos?” Eu sussurrei, então me endureci por causa do formigamento repentino entre minhas omoplatas. Eu congelei, meu olhar vagando para as sombras, me perguntando se elas não tinham pulado para frente. O olhar de Barnabas foi atrás de mim, e sua expressão virou uma mistura estranha de alívio e cautela.

“Eu só tenho um momento. Vamos ver os seus amuletos,” veio a voz distintamente rápida do timekeeper*.

* eu tinha traduzido esse termo antes como 'juiz' lá no glossário, mas percebi que acaba perdendo bastante do sentido original desse jeito. A descrição continua a mesma, ou seja, um timekeeper é alguém que tem um poder sobre o tempo, controlando, parando ele, e pode ser tanto usado para o bem quanto para o mal.

Eu girei para ver um pequeno homem estreitando os olhos para o sol. “Ron,” eu disse suavemente enquanto ele marchava para frente, seus robe frouxo cinza tão ruim quanto o casaco comprido de Barnabas no quesito de ser totalmente errado para o calor. Eu olhei para a escola, esperando que ninguém me visse com eles. Eu já tinha uma reputação ruim o bastante de ser estranha. Seis meses, e eu ainda era a novata. Talvez eu devesse começar a me censurar. Ninguém mais tinha cabelo roxo.

Chronos – apelidado de Ron – parecia uma cruz entre um bruxo e Gandhi, com um pouco de artes marciais – com um robe e olhos castanhos que me davam a impressão de que ele podia ver pelos cantos. Suas sobrancelhas eram loiras do sol, mas sua pele e seu cabelo encaracolado eram escuros. Mais baixo do que eu, ele mesmo assim tinha uma enorme presença. Podia ser a sua voz, que era mais profunda do que alguém esperaria. Ele tinha um sotaque agradável e rápido, como se tivesse muito a dizer e não muito tempo para dizê-lo.

Ele se movia rapidamente, também, e tinha um amuleto que o permitia mobilizar o fluxo de tempo e o impedia de envelhecer, já que, ao contrário dos ceifadores, os timekeepers eram humanos por algum motivo. O que provocava a pergunta de quantos anos ele tinha. Ele usava sua habilidade para manipular e ler o tempo para ajudar os ceifadores brancos. Foi através dele que Barnabas adquiria suas tarefas de prevenção de gadanha.

Olhando amargamente para o céu, Ron levantou sua mão, os dedos balançando. “Madison?”

“Ron, sobre o meu amuleto,” eu comecei, segurando-o perante o timekeeper, ainda em sua passadeira de couro ao redor do meu pescoço.

“Sim, eu sei. Eu vou consertar isso,” ele murmurou enquanto seus dedos se embaçavam e desapareciam por um momento, circulando meu amuleto. Eu senti um formigamento pelo meu escalpo, e então se foi.

“Quando você pintou seu cabelo?” ele disse levemente, seu olhar aguçado não encontrando o meu.

“Depois do baile. Ron—”

Mas ele já estava parado perante o ceifador branco, sua mão aberta de um modo possessivo. Barnabas parecia claramente enjoado enquanto ele se elevava sobre o pequeno homem. “Barnabas...” o homem intonou com aviso, ou talvez recriminação. Eu acho que o Barnabas ouviu também, já que ele pegou seu amuleto de seu pescoço e o deu, ao invés de chegar mais perto. Sem seu amuleto, Barnabas não podia fazer uma gadanha, perdendo muitas de suas habilidades. Sem o meu, eu seria um fantasma, mais ou menos.

“Senhor,” Barnabas disse, parecendo desconfortável enquanto seu amuleto tomava o mesmo tom que tinha tomado quando sua espada estava exposta; então voltou para um preto mate. “Sobre o amuleto da Madison...”

“Está consertado,” Ron disse espertamente enquanto retornava o do Barnabas.

Barnabas amarrou a corda simples de volta em seu pescoço e enfiou o amuleto atrás de sua camiseta. “A ceifadora negra na gadanhada reconheceu.”

“Eu sei! É por isso que estou aqui! Você foi identificado,” Ron latiu, os punhos em seus quadris enquanto ele olhava para ele, e eu abaixei meus olhos, desgostada. “Os dois. Na primeira prevenção de gadanha dela. O que aconteceu?”

Ótimo, eu tinha metido Barnabas em encrenca novamente. “Sinto muito,” eu disse com pesar, e a cabeça de Barnabas levantou. “Foi tudo ideia minha,” eu disse com emoção, pensando que eu levasse a culpa, Barnabas talvez me desse outra chance. Meu conhecimento de que auras tinham som talvez fizesse toda a diferença na nossa prática, e talvez então fôssemos capaz de completar o toque de pensamento.

“Barnabas não quer ficar comigo até que possamos tocar pensamentos, mas eu convenci ele que não grande coisa. E então eu conheci a Susan. Eu não pude deixar aquela ceifadora matá-la. Aconteceu tão rápido.”

“Pare!” Ron latiu, e eu pulei. Os olhos do homem estavam arregalados, e ele estava encarando Barnabas – que estava... contraindo-se? “Você me disse que ela conseguia tocar pensamentos!” o homem pequeno acusou, e minha boca caiu aberta. “Você mentiu? Um dos meus próprios ceifadores mentiu para mim?”

“Ah,” Barnabas gaguejou, recuando quando Ron deu um passo para frente para encará-lo. “Eu não menti!” ele gritou. “Você assumiu que ela conseguia tocar pensamentos quando eu disse que ela estava pronta. E ela está.”

Ele acha que eu estou pronta? Mesmo quando não podemos tocar pensamentos?

Os olhos de Ron se estreitaram. “Você sabia que eu não permitiria que ela fosse a uma prevenção até que ela pudesse tocar pensamentos. Por causa disso, cinco memórias tiveram que ser mudadas. Cinco!”

Minha breve euforia de que Barnabas pensava que eu estava pronta evaporou, e eu desejei que tivesse mantido minha boca calada. Presentes de cachorrinhos no tapete, isso era uma porcaria.

“Não importa o quanto pratiquemos, Madison não será capaz de tocar pensamentos comigo,” Barnabas protestou, seu rosto ficando vermelho. “É o amuleto dela, não ela!”

“Bom Deus todo-poderoso,” Ron interrompeu, virando-se com uma mão no ar. “Eu não posso manter isso afastado dos serafins. Pode imaginar o fervor? Você simplesmente não passou tempo o bastante com ela. Aprender como tocar pensamentos é feito vagarosamente, nada de bang e é já é capaz de fazê-lo.”

As sobrancelhas de Barnabas se enrugaram. “Eu nunca disse que ela não seria capaz de aprender a tocar pensamento com alguém, só não comigo. Senhor,” ele disse, olhando para mim, “Nakita era a ceifadora negra designada para a gadanha. Ela reconheceu a pedra de Madison. Madison tem o amuleto de Kairos!”

O timekeeper ficou parado com choque. Alarme virou uma surpresa de arregalar os olhos. Vendo seu olhar tocar meu amuleto, eu coloquei meu punho ao redor da pedra tão firmemente que os fios prata afundavam um pouco profundamente. Era meu. Eu tinha clamado ele e ninguém iria pegá-lo sem uma briga. Nem mesmo Kairos, quem quer que ele fosse.

“Kairos?” Ron sussurrou, e então, vendo meu medo, ele quebrou o contato visual comigo.

“Sim, e se ela tem o amuleto do Kairos,” Barnabas disse, “então talvez—”

“Silêncio,” Ron sussurrou, cortando suas palavras, e Barnabas fumegou. “Eu sabia que não era uma pedra de ceifador normal, mas do Kairos? Tem certeza de que foi isso que a Nakita disse?”

Barnabas estava de pé duramente. “Eu estava lá, senhor.”

Nakita também disse que eu pertencia a eles, o que me faz sentir super feliz. Eu só queria ser quem eu era antes, alegremente ignorante sobre ceifadores e timekeepers e asas negras. Talvez se eu os ignorasse, eles sumiriam.

Ron deu uma olhada em nós, sua postura dura dedurando um ar repentino de desconfiança. Ele gesticulou para a beirada da sombra. “Vá observar o céu, Barnabas.”

Silencioso, Barnabas deslocou-se para a beirada do sol e mandou seu olhar para cima. Um tremor passou por mim. Tudo tinha mudado em um instante – por causa de Kairos.

“Quem é Kairos?” Eu perguntei, virando minha atenção de volta para Ron.

“Meu equivalente.” Ron tinha suas mãos em seus quadris enquanto olhava desconfortavelmente do abrigo da árvore para o quente estacionamento. “Ceifadores brancos, ceifadores negros. Timekeeper branco, timekeeper negro. Você não achou que eu fosse o único, achou? Tudo tem um equilíbrio, e Kairos é o meu.

Kairos observa os fios do tempo se trançarem em futuros possíveis e manda ceifadores negros para ganhar as pessoas mais cedo. Eu passo mais tempo tentando prever o que ele fará do que qualquer outra coisa.”

Ele disse a última palavra como se fosse uma maldição. Meu coração estava golpeando novamente, e eu cruzei meus braços sobre meu peito como se pudesse fazer parar. Está bem. Eu tinha pego o amuleto de um timekeeper. Porcaria, eu tinha que me livrar dessa coisa, mas não era como se eu pudesse emprestar o amuleto de um ceifador e devolver esse pro Kairos. Mantê-lo era minha única opção. Eu nunca dormiria novamente. Ainda bem que eu não precisava.

“Não é de se espantar que Seth não retornou,” eu disse, tentando chegar a uma conclusão. “Aposto que ele está se escondendo do Kairos.”

Franzindo a testa, Ron se moveu mais profundamente para a sombra para se inclinar contra a parede ao meu lado. “Um ceifador não seria capaz de usar o amuleto de Kairos, bem como um timekeeper não pode usar o de um ceifador,” ele disse. “Nakita deve estar enganada. A não ser que—” as sobrancelhas de Ron levantaram em um pensamento privado enquanto ele se virava de lado para olhar para mim – “não foi um ceifador que te matou. Talvez Kairos estivesse fazendo um pouco de gadanha extracurricular própria.”

Barnabas olhou sobre seu ombro por isso, e Ron acenou para que ele ficasse quieto. Novamente.

“Como Seth era?” Ron perguntou, sua voz enganosamente branda.

Nervosa, eu me levantei para sentar na parede, olhando para Barnabas, mas ele tinha voltado seu olhar para o céu. Eu levei meus joelhos para o meu queixo, não querendo lembrar aquela noite, mas a lembrança voltou com uma clareza cristalina. “Tez escura,” eu disse. “Cabelo ondulado escuro. Um belo sotaque.” Ótimo beijador, eu acrescentei em meus pensamentos, recuando. Ah, Deus. Eu tinha beijado o cara que tinha me matado.

O estranho sexy no baile tinha virado Seth, o psicopata, um ceifador negro empenhado a me matar. O que ele fez, usando uma lâmina de ceifador depois de que rolar o seu conversível barranco abaixo não o tinha feito. Eu tinha acordado no necrotério naquela noite para ouvir Barnabas discutindo com outra ceifadora branca sobre de quem era a culpa por eu estar morta. Eles tinham estado lá para se desculpar e manter as asas negras afastadas da minha alma até eu chegar a minha “recompensa.” Mas tudo mudou quando Seth apareceu no necrotério também. Parecia que ele queria jogar minha alma na frente de alguém para “comprar seu caminho para uma corte superior,” o que quer que isso significasse. Mas só Barnabas e eu sabíamos essa última parte. Por alguma razão Barnabas pensou que não devíamos dizer nada sobre isso ao Ron. E então eu roubei o amuleto do Seth, e o fato de que fui capaz de fazer isso e permanecer aqui era um mistério para todos envolvidos.

Ron esfregou sua orelha como se tivesse um tique nervoso. “Mais alto que você cerca de um palmo?”

Meu estômago apertou. “É,” eu murmurei, “é ele.”

O pé de Barnabas se deslocou na brita enquanto um longo exalar escapava de Ron. “Macacos me mordam!” Ron murmurou, então começou a marchar entre os confins da sombra. “Foi Kairos,” ele disse firmemente. “Ele não te deu seu nome verdadeiro. Deus, se você já me amou, abra seus olhos para mim quando eu estiver sendo tão estúpido assim!”

“Mas ele parecia ter a minha idade,” eu protestei. Ótimo, não só eu tinha beijado o cara que tinha me matado, mas ele era mais velho que as pirâmides também. Eca! Agora que eu pensava nisso, ele era bom demais tanto em dançar quanto em beijar para ter dezessete anos.

“Kairos ganhou sua posição extraordinariamente cedo, muito antes que seu predecessor quisesse.”

Repensando, Ron encarou o estacionamento. “Não envelheceu um dia desde que adquiriu o amuleto que agora circula seu pescoço. Muito prima dona. Eu aposto que ele não está feliz por estar envelhecendo novamente. Eu aposto que o amuleto de um timekeeper é a única pedra divina que você poderia clamar que não transformaria a sua alma em pó.”

“Porque eu estou morta?” Eu adivinhei, e Ron balançou sua cabeça.

“Porque você é humana. Bem como os timekeepers são.”

“Então não foi realmente minha culpa que eu não pude mantê-la viva,” Barnabas interrompeu. “Eu não posso ganhar de um timekeeper.”

“Não, não pode,” Ron disse, mandando-lhe um olhar que dizia para calar a boca. “E se a Madison se ligou ao amuleto do Kairos, o único jeito dele poder recuperá-lo é se ela estiver morta.”

“Mas eu estou morta,” eu protestei, as mãos agarradas nos meus joelhos puxados.

Ron sorriu fracamente. “Quero dizer, sua alma está destruída. Ele tem o seu corpo, eu presumo. Alguém o tem. E enquanto você existir de alguma forma, o amuleto está ligado a você. Que você foi simplesmente capaz de clamá-lo dele já é um milagre.” Ele olhou para Barnabas quando o ceifador tentou interromper.

“Você precisa ficar longe dele,” ele disse, voltando-se para mim.

“Sem problema,” eu disse, escaneando o céu para que eu pudesse ver. “Só me diga em que nuvem ele vive, e eu anotarei.”

Ron continuou a marchar, seu robe movendo-se elegantemente e sua forma frágil permanecendo na sombra da árvore. “Ele vive na terra, assim como eu,” ele disse afastadamente, claramente preocupado demais com seus pensamentos para entender a piada.

“Senhor,” Barnabas disse, me deixando nervosa quando virou suas costas para o céu. Alguém não devia ficar observando? “Se Kairos não veio atrás dela até agora, talvez ele não venha.”

“Kairos desistir de sua busca por imortalidade? Não. Eu duvido,” ele disse. “Eu acho que ele não veio atrás da Madison ainda porque até hoje ninguém sabia que ele tinha perdido seu amuleto. Ele indubitavelmente estava tentando fazer outro. Quanto mais ele passa fazendo-o, melhor ficará – apesar de que ele nunca criará um que seja compatível ao poder que o que ele perdeu. Não, Nakita provavelmente lhe contou que Madison está com ele. Ele estará procurando por ela agora. Nós teremos que esperar que eu tenha mudado a sua ressonância rápido o bastante.”

“Timekeepers fazem amuletos?” Eu perguntei, surpresa, e minha atenção caiu no próprio amuleto preto de Ron, quase perdido nas dobras de seu robe. “Você não pode me fazer um novo e eu darei ao Kairos seu amuleto de volta?”

Ron pestanejou para mim como se tivesse sido assustado pelo pensamento. “Eu os faço, sim, e eu os dou aos anjos que devem entrar em ação e escolher se tornar algo que nunca foram antes. Nem todos estão felizes com o jeito que as coisas são, e essa é uma das muitas maneiras de fazer a diferença. Mas você está morta, Madison. Eu não posso criar uma preta para manter os mortos vivos. Tentar usar uma que eu dei a um ceifador irá queimar a sua mente humana. Para mim, já que Kairos te matou, você tem o direito de manter o dele. É claro, os serafins podem achar diferente.”

Eu mordi meu lábio inferior quando Barnabas deslocou sua atenção para a estrada no alto da colina enquanto um carro passava. Serafins. Eles tinham o respaldo de tomar grandes decisões. Ceifadores estavam abaixo deles, e anjos da guarda mais ainda. Barnabas falava de serafins como se fossem crianças mimadas com poder. Assustador. “Isso é ruim, não é?” Eu expressei suavemente.

O latido de risada de Ron morreu rapidamente. “Não é bom,” ele disse; então, vendo minha testa espremida, ele sorriu. “Madison, você reivindicou a pedra do Kairos. É sua. Eu farei meu melhor para fazer com que permaneça desse jeito. Só me dê tempo para fazer a máquina política funcionar.”

Eu deslizei da parede, a coragem exigindo que eu me movesse. “Ron, eu sei porque ele está atrás de mim agora, mas isso começou há meses. O que eu fiz para fazê-lo vir atrás de mim em primeiro lugar?”

Barnabas virou-se da beirada da sombra para nos encarar, mas Ron o interrompeu antes que ele pudesse falar, vindo para frente para tomar minhas mãos e sorrir tranquilizadamente. Pelo menos eu acho que era para ser tranquilizador. Mas havia algo nos fundos de seus olhos que me deixava enjoada.

“Eu tenho algumas ideias,” ele disse, seu olhar tocando o meu brevemente antes de se desviar. “Vamos descobrir mais. Não há necessidade de preocupá-la sem necessidade.”

“Ron, se ela tem a pedra de Kairos, então talvez—”

“Ah, olha a hora,” Ron proferiu impulsivamente, pegando o braço de Barnabas e realmente tirando o equilíbrio do ceifador. “Temos que ir.”

Ir? Ir aonde? Assustada, eu dei um passo para frente. “Você está indo embora?”

“Voltaremos em breve.” Ron deu uma olhada enquanto arrastava Barnabas o lugar ensolarado. “Tenho que falar com os serafins, e eu precisarei de Barnabas intermediário.” Ele sorriu, mas pareceu tenso. “Eu não estou morto ainda, sabe,” ele disse com um bom humor forçado. “Eu não tenho uma linha direta com o plano divino. Não precisa se preocupar, Madison. Tudo está bem.”

Mas não parecia bem. As coisas estavam acontecendo rápido demais, e eu não gostava disso.

“Senhor!” Barnabas exclamou enquanto se livrava do aperto de Ron. “Se Kairos vier atrás dela, mudar a ressonância de seu amuleto não será o bastante. Ele sabe como ela é. Assim como Nakita. Qualquer um dos dois pode simplesmente andar por aí e achá-la. Não deveríamos deixá-la com um anjo da guarda?”

Ron pestanejou como se estivesse chocado por não ter pensado nisso sozinho. “Ah, é claro,” ele disse enquanto voltava para a sombra. “Que coisa perfeitamente apropriada para fazer. Mas, Madison,” ele disse enquanto agarrava sua pedra e um brilho de luz preta vazava entre seus dedos, “Eu aconselharia você a não dizer nada sobre o amuleto de Kairos para seu anjo.” Seus olhos foram para meu amuleto e então de volta para o meu olhar. “Quanto menos souberem que você o tem, menos eu terei de convencer que você deve mantê-lo.”

Apavorada, eu acenei, e ele sorriu. Quase antes da minha cabeça parar de mover, uma esfera fraca de luz dourada enevoou-se na forma da árvore de carvalho. Eu encarei o brilho dançante e pairante. Tinha de ser um anjo da guarda. Para mim? Barnabas estava claramente aliviado, e eu me perguntei por que ele ligava quando estivera tão ávido em se livrar de mim nem vinte minutos atrás.

A bola de luz encolheu até nada onde pousou acima da parede, e eu encarei quando uma voz etérea pareceu se inserir na minha cabeça, dizendo, " Guardiã, Requerida de Anjo à Ceifadora, Extinção por Segurança, como requisitado."

Batendo no meu ombro, Ron se virou, aparentemente tendo ouvido também. “E você é?”

"G.R.A.C.E.S. um-setenta-e-seis," o sino curioso veio de novo, fazendo meus ouvidos zumbirem.

Anjo*? Tipo um bebê nu voando com flechas?

* o termo usado no anagrama original é 'cherubs', ou 'querubins', mas para que ficasse adequado, eu traduzi como 'anjo'. É uma das 'categorias' dos anjos, e vem logo abaixo dos serafins na hierarquia celestial.

Barnabas pareceu preocupado e a bola de luz reapareceu enquanto a voz agressivamente disparou, “Tem um problema com anjos, ceifador?”

“Não,” Barnabas disse. “Eu não achava que a G.R.A.C.E.S. empregava a união de anjos até que o protegido tivesse dezoito.”

Um pequenino bufo rude encheu a minha mente. “Como se alguém fosse se apaixonar por ela.” a luz zombou. “Eu sou um anjo da guarda. Não uma milagreira.”

“Ei!” Eu exclamei, insultada, e o globo de luz se virou para mim. Eu recuei quando ele chegou perto demais. Graces*, hein? Está mais para um vagalume do inferno.

* Graças, em inglês.

“Pode me ver e me ouvir?” a bola da luz se intrometeu enquanto corria em um pequeno círculo ao meu redor, e eu girei para tentar mantê-la em vista.

“Ouvir, sim. Ver? Na verdade, não.” Desorientada, eu parei de me virar, e o brilho parou na barra da minha bicicleta e se dissipou. Barnabas fungou, e o brilho reapareceu e apagou.

“Deleitável,” Ron disse lentamente. “Um-setenta-e-seis, esse é um trabalho temporário, não até que a morte as separe. Mantenha-a segura, e eu quero saber imediatamente se algo ofensivo chegar a trinta cúbitos dela.” A luz mudou da bicicleta e deslocou-se para mim. “Trinta cúbitos. A-a-a-afirmativo!”

Afirmativo? Isso é um anjo, certo?

Ron me deu um último olhar de aviso para me comportar, agarrou o braço de Barnabas, e começou a levá-lo para longe. “Eu voltarei quando puder. Ah, e eu gostei do seu cabelo. É bem... você.”

Eu tentei alisar a minha testa enquanto eu manuseava as pontas do meu cabelo, então me sobressaltei quando os dois sumiram. Minha respiração sibilou, e eu realmente vi as sombras mudarem para mais tarde no dia. Não muito. Talvez alguns segundos, mas Ron tinha parado o tempo para cobrir suas pegadas. Minha pedra estava quente como se em reação ao seu próprio amuleto, e eu a segurei apertada. Olhando para fora da sombra para o estacionamento claro, eu achei que o mundo parecia muito mais perigoso.

Pela primeira vez em quatro meses, eu estava sozinha.

Três

“Eu odeio quando ele faz isso,” eu murmurei, pulando quando meu guardião voou na minha frente.

“Faz o quê?” aquilo emitiu um som.

Talvez não tão sozinha. Suspirando, eu alcancei minha bicicleta. “Para o tempo e pula no sol daquele jeito, mas eu realmente não estava falando com você.” Se alguém me visse falando com o ar, eu definitivamente acabaria em uma panelinha de esquisitos quando a escola começasse de volta. Não o meu terceiro ano. Eu não tinha tempo para me livrar dessa novamente. Você vai para a escola um dia com asas de morcego no Dia das Bruxas, e isso nunca é esquecido. Um ligeiro sorriso curvou meus lábios para cima. Wendy, minha amiga lá em Flórida, tinha usado-as também. Quase fez as piadas de batgirls-gêmeas engraçadas.

A bola de luz fez uma explosão de som indignada. “Você é realmente baixinha, para uma mortal.”

“Olha só quem está falando,” eu retruquei, então passei minha perna sobre a minha bicicleta. Eu empurrei o pedal, e as rodas fizeram um som doloroso, a resistência me impedindo de mover.

“Ei!” Eu exclamei quando percebi que o pneu dianteiro estava furado. O anjo da guarda estava rindo. Tinha que estar; sua cor estava mudando selvagemmente através do espectro. “O que você fez com a minha bicicleta?” Eu disse, apesar de ser óbvio.

“Estou te protegendo!” aquilo cantou alegremente. “Não se sente mais segura já?”

Meus pensamentos foram para a caminhada de oito quilômetros até em casa. “Me proteger do quê?” Eu retruquei. “Eu ser considerada como qualquer outra coisa além de uma retardada?” Irritada, eu empurrei minha bicicleta pela calçada quente na direção da saída distante. Anjo da guarda estúpido. Que diabos era o seu problema?

Eu virei ao redor ao som da porta de metal da escola abrir com tudo, e vi um cara usando shorts de corrida sair. Mais duas pessoas seguiram-no. Prática de corrida em agosto? “Era uma vez uma garota e amarelo era a cor do seu cabelo, cujos cachos eram curtos como os de um camelo,” G.R.A.C.E.S. um-setenta-e-seis cantou, pairando sobre a minha orelha. “Ela escovava e dava uma arrumadinha, como se fosse uma rainha, até que eu troquei seu shampoo por Nair*.”

* produto usado para fazer o cabelo cair.

“Adorável. Isso canta,” eu murmurei, e o anjo deu risadinha, parecendo mandar uma jorrada de ar gelada sobre mim. Atrás de mim, vozes soavam entre as pancadas de portas de carros e os motores esquentando. A primeira caminhonete passou por mim rugindo, e eu virei para direita para evitar o escapamento, puxando minha bicicleta pelo fim da parede e arrastando-a colina acima até a estrada principal.

Alguém buzinou, e eu ignorei. A colina era íngreme, e quando uma fileira de moitas desgastadas apareceu na minha frente, eu me virei na direção do canal de escoamento de água cheio de pedras do tamanho da minha cabeça. Mas no momento em que eu encontrei o canal, o pneu dianteiro ficou preso e o guidom

comprimiu meu estômago. Minha respiração saiu em um bufo doloroso, e eu olhei para cima para encontrar uma caminhonete parada no alto da colina. Ótimo. Eu tinha a porcaria de uma plateia.

“Era uma vez uma garota com uma bicicleta, que pensou em ir explorar o planeta.”

“Cala a boca!” Eu gritei, então olhei para cima para o som de uma porta batendo. Meus ombros se encurvaram e eu me senti esgotada. Era o Josh. Josh, meu par do baile. O mesmo cara que só tinha saído comigo porque o meu pai e o dele trabalhavam juntos e tinham armado isso. Eu tinha sido um “favor.” E quando Josh acidentalmente deu isso escapar no baile, eu fora embora apressada – com Seth/Kairos. Excelente. Eu não tinha visto muito o Josh desde que eu morrera, exceto ao passar por ele no corredor. Agora, inclinada contra a minha bicicleta, eu o observo se reclinar contra a porta da sua caminhonete com seus tornozelos cruzado, sorrindo para mim.

Ah, pelo amor da tumba. Olhando novamente para baixo, eu laboriosamente soltei a roda e empurrei para frente, mas a memória da noite em que eu morri encheu os meus pensamentos. Josh tinha me seguido para se certificar que eu chegaria em casa bem, mesmo depois de eu tê-lo deixado-o sozinho. Ele tinha visto a batida de carro, tinha deslizado pelo aterro para tentar me salvar. Eu acho que ele até mesmo tinha segurado a minha mão enquanto eu morria.

Barnabas me assegurou que ele não se lembrava de nada. Exceto talvez que eu tinha sido uma vaca com ele no baile e ido embora com outra pessoa.

“Precisa de uma ajuda?”

Eu olhei para cima para encontrar o Josh ainda inclinado contra sua caminhonete. Ele estava bonito, seu cabelo loiro molhado escuro por causa da chuva, olhos azuis estreitados no sol enquanto ele empurrava óculos modernos novos em seu nariz estreito. Eu já tinha visto-o falando com os nerds do clube do teatro na escola e defendendo os inteligentes no corredor, mas ele geralmente andava com os atletas. Não era bem um povo popular, mas quase o bastante para não importar numa cidade desse tamanho. Ele era gentil com todos, o que não era uma norma para o que eu chamaria de um cara muito namorável.

“Eu disse, você precisa de uma ajuda!” ele disse mais alto enquanto acenava para uma garota que passava. Era a Amy. Eu não gostava dela. Ela era muito cheia de si para ter espaço para um pensamento de verdade em sua cabeça.

Soprando o cabelo para longe dos meus olhos, eu desejei ainda estar no lago, com o ceifador negro e tudo. “Não,” eu disse de volta. “Mas obrigada.” Com a cabeça abaixada, eu empurrei a bicicleta por sobre uma pedra e movi um passo.

“Tem certeza?”

Por que ele está sendo tão gentil comigo?

De cima e um pouco atrás de mim veio uma voz aguda dizendo, “Escuta, eu acabei de pensar no final disso. Era uma vez uma garota com uma bicicleta, que pensou em ir explorar o planeta. Para o oeste ela se dirigiu, porque era melhor, ela pressentiu, mas encontrou alguém de quem gostava”

Meu pé deslizou. O hábito me fez inspirar quando meu tornozelo deu uma dor aguda e a bicicleta caiu os quinze centímetros que eu tinha conseguido subir. “Eu vou para o sul, não para o oeste,” eu resmunguei, então olhei para o Josh enquanto o anjo ria de mim. Estava quente demais para me sentir culpada por vaquices passadas. “Eu mudei de ideia,” eu disse audivelmente. “Eu preciso de uma ajuda.”

Josh se empurrou de sua caminhonete e começou a descer, deslizando até achar as pedras e começar a tomar seu caminho. Eu esperei, então recuei quando ele me lançou um sorriso e tomou o guidão de mim.

“Como você ficou com o pneu furado?” ele perguntou enquanto esquivava olhares para o meu cabelo roxo.

“Era uma vez uma menina descendente de plebeus, que constantemente furava seus pneus.”

“Cala a boca!” eu gritei, então me contrai involuntariamente quando Josh se virou para mim, chocado.

“Ah, você não,” eu emendei, praticamente morrendo na hora. Não que eu pudesse, mas eu me senti desse jeito. “Eu, hm, não estava falando com você.”

As sobrancelhas do Josh subiram. “Com quem você estava falando? Gente morta?”

Ele quis dizer isso como se fosse uma piada, mas eu me senti empalidecer. Atrás de mim veio um toque, “Você tem que estar viva antes, pequenina, para morrer.”

O silêncio se esticou, e a expressão do Josh foi de entretida para chateada. “Foi uma piada, Madison.”

Miserável, eu tentei encontrar uma virada nisso que não me fizesse parecer Madison, a Louca. Estúpido anjo da guarda. Era tudo culpa daquilo. “Sinto muito,” eu disse, enfiando meu cabelo para trás. “Foi legal da sua parte parar e me ajudar. Eu realmente aprecio isso. Eu só estou com calor.” Minha tensão relaxou quando a mandíbula dele se abriu. “Não tem sido um bom dia,” eu acrescentei.

Josh estava silencioso, e eu olhei para ele. Estávamos quase no topo, e eu não queria deixá-lo pensando que eu tinha gritado com ele por razão alguma. “Você está, hm, no time de corrida, certo?” eu disse.

“Aham. Vamos fazer uma corrida de caridade amanhã na festa da escola,” ele disse, diminuindo a velocidade para colocar o pneu da frente entre duas pedras. “Dólares por tempo na pista, esse tipo de coisa. O Treinador acha que é uma ótima maneira de nos impedir de ficarmos molengas no verão. O que você está fazendo para ajudar?”

“Eu?” eu gaguejei. “Hm...”

Josh olhou desconfiadamente para mim. “Era por isso que você estava na escola, certo?”

“Na verdade não,” eu disse. “Eu estava me encontrando com alguém. Eles foram embora. Meu pneu furou.” O anjo se debruçou na minha visão, e eu estapeei-o. “Nossa, mosquitão,” eu disse, e aquilo zuniu em indignação, a luz ficando mais clara.

“E você veio aqui porque não queria que o seu pai soubesse que você estava se encontrando com alguém?” Josh disse. “Saqueei.” Suspirando, ele olhou para o alto da colina como se já estivesse se distanciando de mim.

Eu estava ferrando com isso majestosamente. “Não é o meu pai; é a minha vizinha,” eu disse.

“Sra. Walsh?” Josh perguntou, me alarmando.

“Você ouviu falar dela?” eu disse, me encontrando sorrindo ironicamente para seu sorriso compreendedor. Ele assentiu. “Meu amigo Parker mora na sua rua. Aquela mulher revira seu lixo para tirar o que é reciclável. Velha maluquete.”

“Isso é horrível.” Me sentindo melhor, eu abaixei meus olhos. “Eu não esperava ter um pneu furado. Quero dizer, são apenas oito quilômetros até a minha casa... sabe.” Bafejando ao lado do Josh com a bicicleta entre nós, eu olhei para ele, desejando que não tivesse gritado com o anjo da guarda. Josh estava silencioso enquanto alcançávamos o topo, e assim que estávamos ambos em no plano, eu alcancei o guidão, nervosamente tentando não tocar em seus dedos. “Obrigada,” eu disse enquanto olhava para a sua caminhonete estacionada na lateral da estrada. Ele ia para o norte, e eu ia para o sul, para a cidade. “Eu acho que consigo daqui.”

As mãos do Josh deslizam do cromo. “Tudo está bem?” Você está meio tensa.”

Eu puxei a bicicleta dele. “Eu estou bem. Por quê?”

Ele empurrou seus óculos para cima. “Seu cabelo está molhado, e eu sei que você não estava na pista. Alguém fez uma pegadinha com você ou algo assim? Você está agindo como a minha irmã quando ela está encrencada e o mundo está querendo pegá-la.”

Eu me senti encurralada, e meu passo acelerou. “Não mais encrencada que o normal,” eu disse com uma alegria falsa. Um carro passou zunindo. Era o último do time de corrida. Demônios, eu sentia falta do meu carro.

Josh estava silencioso, seus passos diminuindo a medida que nos afastávamos de sua caminhonete. “Olha, eu sei como são os pais. O meu me mantém numa rédea tão curta que eu não posso dar uma mijada sem ele checar para ver se eu lavei as minhas mãos.”

Repensando, eu olhei para cima. “Não é o meu pai. Ele é legal.”

“Qual o seu problema?” Josh disse. “Eu só estou tentando ajudar.”

Minhas sobrancelhas se levantaram quando a bola de luz fez um som de beijo. “Ele está tentando ajuda-a-a-ar,” aquilo cantou, e Josh estremeceu quando aquilo pousou em seu ombro. Ótimo, essa coisa pertencia ao sindicato dos cupidos. Não era disso que eu precisava.

“Eu estou bem. Sério. Obrigada,” eu disse curtamente, enfiando a minha bicicleta no cascalho solto.

“Bem, eu não estou,” ele disse sombriamente, e eu continuei indo. “Escuta, eu não estou tentando te passar uma cantada, mas eu fico tendo esses sonhos sobre você nas últimas três semanas e eles estão me fazendo pirar.”

Eu parei, incapaz de me virar. Ele está sonhando comigo?

“Era uma vez um poeta de Plunket—”

Eu me virei para o anjo como se estivesse indo acertar uma mosca, e com um tiquinho de sensação, eu o acertei. Aquilo arqueou pela estrada com um grito débil, e eu encarei o Josh. Ele está sonhando comigo?

“Deixa para lá,” ele disse, virando-se. “Eu tenho que ir.”

“Josh.”

Ele acenou para mim, mas ele não olhou de volta enquanto ele andava com dificuldade para a sua caminhonete.

“Josh?” Eu chamei novamente, então me endureci para a sombra que acelerou pelo chão entre nós. Meus olhos foram para o alto enquanto o medo deslizava por mim. Asas negras. Aqui? Que diabos?

“Josh!” Eu gritei. Filho de um cachorrinho morto. Em algum lugar na minha cidade, um ceifador andava. Caçando. Me caçando? Mas Ron tinha mudado a minha ressonância!

O amargo toque de sinos me disse que meu anjo tinha retornado. “Quanto é um cúbito?” eu perguntei ao anjo ofegantemente enquanto Josh se aproximava de sua caminhonete.

“Cerca de quarenta e cinco centímetros,” a coisa disse firmemente. “Você manchou meu vestido com grama. Você é uma pessoa detestável, sabia disso?”

Vestido? É uma garota, então.

“Por quê?” ela perguntou, e então ela tocou em entendimento. “Ah, legal. Asas negras. Não se preocupe. Elas não conseguem te sentir se eu estiver por perto. Eu tenho um campo de imunidade. É como se você nem estivesse aqui.”

“É, eu também tenho isso,” eu disse. “Mas se elas não conseguem me sentir, então por que estão aqui?”

“Ele, eu acho. Sim. Ele. Alguém está caçando-o.”

Meus olhos se alargaram. Ele? Ela quer dizer o Josh? Por quê? E então eu entendi. A ressonância do meu amuleto fora mudada tarde demais. Nakita tinha me seguido de volta, pelo menos até Three Rivers, mas me perdeu quando Ron mudou as coisas. E já que nem ela ou Kairos ficariam numa esquina e esperariam que eu passasse, eles estavam tentando me achar ao caçar alguém com quem eu pudesse estar. Kairos tinha conhecido Josh no baile. Falado com ele; Visto ele e sua aura. Eles estavam me localizando através do Josh - a única pessoa que tanto Kairos quanto eu conhecíamos.

“Chame o Barnabas,” eu disse para a anjo, assustada.

“Não posso fazer isso,” ela disse levemente. “Eu não sou experiente o bastante para tocar pensamentos com ninguém. Eu sou uma anjo da guarda de primeira esfera.”

“Então vai chamar o Ron,” eu disse para ela, vendo as asas negras começarem a circular.

“Não posso fazer isso tampouco.” Rodopiando sobre a minha cabeça, ela mandou relampejos de luz aos meus olhos. “Eu fui instruída a te manter segura e me reportar aos ceifadores. Você está a salvo.”

“E quanto ao Josh?” eu perguntei, e ela zuniu como se não se importasse.

A porta da caminhonete do Josh rangeu ao se abrir, e eu entrei em pânico.

“Josh!” Empurrando minha bicicleta junto, eu corri desajeitadamente pelo centro da estrada vazia.

“Josh, sinto muito,” eu disse efusivamente enquanto alcançava a porta do motorista e agarrava a janela aberta. “Espera.” Meu coração martelou enquanto eu olhava para cima, mas as asas negras já tinham começado a se desviar. Minha tensão aliviou, então mudou para preocupação. A anjo não protegeria ele, mas se eu ficasse com Josh, ele ficaria sob a minha imunidade. Se as asas negras não conseguiam senti-lo, tampouco podiam Kairos e Nakita. Por que eu não tinha trabalhado mais arduamente em tocar pensamento? Certamente seria útil agora.

Josh sentava com suas mãos em seu volante, me encarando enquanto um carro dirigia vagarosamente ao nosso redor. “Madison, você é um cara-fêmea muito estranho.”

“Sim, eu sei,” eu apressei. “Me dá uma carona para a loja de bicicleta? Eu preciso de um pneu novo.”

Erguendo sua cabeça, Josh olhou para mim. Eu faria praticamente qualquer coisa agora para não ter que explicar, mas eu também faria qualquer coisa para mantê-lo a salvo. Era minha culpa ele estar em perigo. Eu podia estar morta, mas eu ainda tinha que viver comigo mesma, e se eu me afastasse, Josh iria sofrer. Talvez morrer.

“Eu estou no fundo de uma ravina, não estou?” Eu revelei desesperadamente, meus olhos implorando para ele escutar. “Em um conversível preto. No seu sonho.”

A boca do Josh caiu aberta. “Como sabe disso?”

Eu lambi meus lábios, sentindo o calor sair da estrada como o fogo do inferno. Eu sabia que era melhor não quebrar a memória falsa que Ron tinha dado ao Josh. Mas ele não estava ali, e eu não sabia como contatá-lo. “Porque não era um sonho,” eu disse.

Quatro

Mesmo tendo cerca de vinte anos, a caminhonete do Josh estava poupada de amenidades. Tinha travas manuais, janelas manuais, um longo banco, e nenhum ar condicionado. Tinha um monstro de um som, contudo, e ele teve que mover uma caixa de CDs para o meio antes que eu pudesse entrar. Hard rock, na maioria, e alguns rocks clássicos que meu pai escutava. Wendy teria gostado das mais pesadas. Ele não tinha ligado a música, e eu estava ficando nervosa pelo silêncio contínuo.

Um sino pendurava-se do botão do rádio, e minha anjo da guarda tinha se estacionado nele com um zunir satisfeito no instante que me seguiu para dentro. Eu juro que ouvi ela cantando quando Josh fez uma curva de três pontos* e nos levou para a cidade, o sino balançando suavemente.

* <http://www.driversedguru.com/wp-content/gallery/jamie-gallery/Left%20Side%203pt.jpg>

Sua bolsa de ginástica estava enfiada debaixo do assento, e o espaço tênue atrás do assento da frente carregava uma vara de pescar de bambu de aparência cara. Eu não consegui evitar me perguntar por que Josh dirigia uma caminhonete velha quando eu sabia que seu pai podia bancar uma bem melhor.

Ele era um bom motorista, silencioso enquanto chegávamos a loja de bicicletas. Sua curiosidade sobre como eu soubera sobre seu sonho tinha me garantido uma carona, mas agora ele parecia estar esperando que eu elaborasse. Eu não sabia bem o que dizer enquanto sentava ao lado dele, e eu me inclinei para frente na direção do sol para procurar pela janela dianteira por asas negras. Havia só um céu azul, o que me fez sentir melhor. Nada de asas negras significava nada de ceifadores. Um sempre seguia o outro.

“O que você está olhando?” Josh perguntou, e eu me inclinei de volta.

“Nada.” A velha caminhonete sacolejou enquanto passávamos por sobre uma ponte, e as casas começavam a mudar para comércio. Ele estava esperando que eu dissesse algo. Já que tínhamos só cinco sinais para percorrer, eu suspirei. “O que você se lembra do baile?” eu perguntei suavemente.

“Que você foi uma verdadeira —” Suas palavras foram cortadas, e seu pescoço ficou vermelho.

“Hãn.”

“Eu fui indecente,” eu terminei por ele, recuando. “Sinto muito. Eu fiquei brava quando descobri que você só tinha me chamado ao baile porque o seu pai quis, porque o meu ficou preocupado sobre eu ser nova na cidade e não conhecer ninguém. E fui uma vadia de alto nível.”

“Não, você não foi,” ele disse, mas eu podia afirmar que ele ainda estava bravo com isso. Eu permaneci em silêncio, e ele acrescentou, “Você foi embora com alguém que eu não conhecia, e eu fui para casa. Foi isso.” Meus dedos brincaram com o tempo vindo pela janela aberta enquanto eu hesitava, e ele diminuiu enquanto o tráfego se intensificava. “Eu fui embora com um cara que você nunca tinha visto antes,” eu disse suavemente, “mas você nos seguiu para ter certeza que eu chegaria em casa bem.”

O aperto do Josh mudou, como se eu tivesse dito algo que ele nunca tinha dito a mais ninguém. “Isso foi doce da sua parte,” eu disse, e ele engoliu em seco, fazendo seu pomo de Adão se deslocar. “Eu estava sendo estúpida. Eu estava brava com o mundo pela minha mãe ter me mandado para cá. O que aconteceu não foi culpa sua,” eu tomei um lento fôlego a medida em que encontrava as próximas palavras. “Ele dirigiu para fora da estrada. O carro rolou para o chão no fundo de uma colina.” Meu aperto se intensificou enquanto Josh parava num cruzamento, e eu coloquei minha mão no meio. Eu não me sentia muito bem.

“Ele tinha uma espada,” Josh disse, então passou pelo cruzamento. “No meu sonho, quero dizer.”

Sua voz tinha ficado defensiva, como se ele não acreditasse nisso, e eu movi minha mão para o meu joelho para esconder o arranhão que o tapete do barco tinha me dado. “A batida não me matou,” eu continuei, “então ele, hã, é. Ele me ganhou. Eu não me lembro de nada após isso até eu acordar no necrotério.”

Josh fez um som de descrença. “Boa, Madison,” ele zombou. “Então agora você está morta.”

O brilho ao redor do sininho ficou mais claro, e a anjo da guarda proferiu abruptamente, “Ai meu Deus do céu, você está morta. Por que estou guardando uma pessoa morta?”

Ignorando-a, eu apertei o meu amuleto firme enquanto ela zunia para olhar para ele. “Oh-h-h-h!” ela sibilou, seu brilho quase sumindo. “Kairos vai virar uma supernova*.” Ele sabe que você tem o amuleto dele? Onde conseguiu? O Chronos te deu? Como ele conseguiu?”

* Supernova é o nome dado aos corpos celestes surgidos após as explosões de estrelas com mais de 10 massas solares, que produzem objetos extremamente brilhantes, os quais declinam até se tornarem invisíveis passadas algumas semanas ou meses.

Eu dei uma olhada no Josh através do brilho dela. Droga. Isso não estava indo bem. Ela não deveria saber. Ron ia ficar irritado. Mas enquanto ela estivesse comigo, ela não podia ir embora para fofocar por aí. Josh estava balançando sua cabeça. Eu levantei o meu queixo nervosamente.

“Está bem então. Diga-me o que você se lembra do seu sonho.”

Seu aperto mudou no volante, e ele nos virou para o distrito central. “R meio embaçado,” ele limitou-se. “Você sabe como os sonhos ficam quando você pensa neles.”

“Bem?” eu estimulei, e ele franziu a testa.

“Eu liguei para o 190. No meu sonho,” ele disse, seus músculos do pescoço tensos. “Eles me disseram para ficar na linha, mas eu não fiquei. Eu corri para ver se você estava bem. Você estava sozinha na hora que eu cheguei até você, e você meio que... dormiu. Parou de respirar.”

E eu não tive uma necessidade real de recomeçar novamente, desde então, pensei amargamente. “Então o quê?” Eu não sabia o que tinha acontecido entre a minha morte e o necrotério. Barnabas não falava disso.

“Hm...” Josh manteve seus olhos na estrada, parecendo nervoso. “A ambulância chegou lá antes que a polícia. Eles te colocaram num saco preto com zíper. O som dele fechando... eu nunca esquecerei.” Sua

postura mudou, e ele pareceu estar quase embaraçado. “Os paramédicos estavam realmente quietos quando levantaram você do carro. Era o trabalho deles, mas eles estavam tristes.”

“Eu não me lembro dessa parte,” eu sussurrei. A anjo da guarda tinha voltada para seu sino e estava escutando silenciosamente, seu brilho sumindo assim que ela aterrissou.

“A polícia...” Josh pausou, fingindo olhar para ambos os lados enquanto ele se controlava. “Eles me colocaram na traseira, e eles me levaram para o hospital para fazerem uma avaliação, mesmo eu tendo dito que eu não estivera no carro. Então o seu pai chegou. Ele estava chorando.”

Culpa encurvou-se sobre mim. Ron disse que ele tinha bloqueado isso da memória do meu pai, mas como ele podia ter certeza? Isso era um pesadelo.

“Ele disse que não era culpa minha,” Josh disse, sua voz baixa. “Mas eu devia ter levado você para casa. E então o sonho muda. Como se nada tivesse acontecido. Estou em casa limpando a lama dos meus sapatos bons antes que meu pai grite comigo.” Eu olhei para ele, e ele balançou sua cabeça enquanto observava a estrada. “E isso é estranho, porque eu me lembro de limpar meus sapatos.”

Ele olhou para suas mãos, então para a estrada. “Foi como se nunca tivesse acontecido e você estivesse bem. Eu odeio sonhos assim.”

Eu me perguntei como é que ele poderia achar que isso era um sonho, mas eu conseguia vê-lo tentando entender onde tinha conseguido lama em seus sapatos se não tinha deslizado ravina abaixo atrás de mim.

“Eu arruinei meu vestido,” eu disse. “Ainda estou tentando pagá-lo.”

Josh me deu uma olhada lateral e mudou seu aperto no volante. “Era um sonho. Quero dizer, você está aqui. Viva.”

Eu coloquei meu cotovelo na janela aberta e estiquei para tocar o topo. “Bem, estou aqui.”

Um barulho de troca veio dele. “Você está viva.”

Eu tateei meu amuleto. “Na verdade, não.” Ele parou atrás de um Corvette cinza, virando para mim com um sorriso curvando seus lábios, e eu disse novamente, “Sério, não estou.”

Do sininho do Josh uma voz parecida com uma campainha disse, “Era uma vez uma garota que usava um sapato florido, que disse a todos que tinha morrido. Até eles dizerem que ela estava confusa e a rotularam como maluca, e todo o tipo de remédios por ela foi digerido.”

Meu pé flutuando – que não estava usando um sapato florido – acertou o sino, e o barulho tirou Josh de seu devaneio. “Sabe do que mais?” ele disse enquanto o Corvette e então sua caminhonete começaram a se mover novamente. “Esqueça que eu disse qualquer coisa. Cara, todos na escola me disseram que você era esquisita. Eu disse que você só precisava de alguém para conversar, mas droga, garota. Você está pirada se acredita nisso, e se você não acredita, então você é realmente patética por estar procurando por atenção dizendo-me que você está morta.”

Eu conseguia entender por que ele não queria acreditar, mas ainda me irritava. “Bem, deixe-me preencher as lacunas do seu sonho, está bem?” Eu disse sarcasticamente, desistindo de manter minha anjo no escuro.

Se Ron não quisesse que ela soubesse que eu tinha o amuleto do Kairos, ele não deveria tê-la deixado comigo. “Kairos é moreno, com um sotaque sexy que poderia fazer a vocalista de uma banda de garotas mijar nas calças. Ele me beijou. Você se lembra disso. Eu vi você.”

“Você beijou o Kairos?” a anjo da guarda disse, sua voz já alta ficando fina e estranha. “Eu nem quero saber o que você fez para conseguir o amuleto dele. Ai. Meu. Deus!”

Isso foi insultante, e Josh me viu olhar para o sino antes que ele se voltasse para a estrada.

“Kairos abriu a porta para mim quando eu entrei em seu conversível,” eu continuei. “Você e Barnabas nos seguiram para fora. Lembra-se do Barnabas? Cara alto com uma expressão irritada? De qualquer jeito, a capota estava abaixada.” É para melhor te matar, minha querida.

A anjo da guarda riu alegremente. “Barnabas estragou a sua prevenção de gadanha? É por isso que ele não está trabalhando ultimamente? Serafins sagrados que me mordam. Isso fica melhor a cada segundo!”

Josh estava escutando agora, também, e, encorajada, eu continuei, “O carro cai do lado direito da estrada,” eu disse, ficando lúgubre enquanto me lembrava disso. “Ele capota duas vezes. O pára-brisa despedaça da primeira vez. Eu estou com o cinto de segurança, então não sou jogada para fora. Isso salvou a minha vida.”

Eu olhei para baixo para o cinto ao redor de minha agora. Velhos hábitos... “Quando para de rolar, Kairos está do lado da minha porta como se nada tivesse acontecido,” eu sussurro, “e essa lâmina horrível passa diretamente tanto pelo carro quanto por mim. Não deixa sangue algum. Nenhuma marca.”

A anjo estava no meu joelho, e um sentimento de simpatia e calor infiltrou-se em mim como um raio solar. Eu lhe dei um sorriso, então olhei para cima, tirando meu cabelo dos meus olhos. “Você deixou o seu carro ligado. E você chamou o meu nome duas vezes enquanto descia a colina.” Eu me senti enjoada lembrando do medo na voz dele. “Sinto muito, Josh. Não foi culpa sua.”

“Para,” ele disse. Suas mãos apertaram o volante apertadamente e ele respirava rápido.

“Ele não acredita em você,” a anjo disse sarcasticamente.

“Você preferiria que eu deixasse você acreditar que isso é um sonho?” eu protestei.

Josh virou no estacionamento da loja de bicicleta, diminuindo até parar e colocando sua caminhonete no estacionamento. “Você não está morta.”

Eu dei de ombros enquanto retirava meu cinto de segurança. “Eles pareceram achar que sim no necrotério.”

Josh esticou-se pela caminhonete e me golpeou com o dedo.

“Au!” Eu uivei, recuando e cobrindo o meu braço enquanto a anjo dava risada.

Ele deu um sorriso falso. “Você não está morta. Não é mais engraçado. Corta essa.”

Minha pulsação entrou em ação, e eu tentei reprimi-la. “É o amuleto. Me dá a ilusão de um corpo.” E minha memória de estar viva fornece o resto, eu pensei mal-humorada.

“Que amuleto?” ele perguntou, e eu o pesquei, segurando-o para a inspeção dele. Os olhos do Josh se alargaram, e eu o puxei para fora de seu alcance, não querendo que ele tocasse.

“Eu o peguei do Kairos quando ele apareceu no necrotério para clamar a minha alma,” eu disse, deixando-o cair de volta contra mim. “Enquanto eu tiver ele, estou razoavelmente segura. Mas. Hã, você não está.”

“Oh-h-h-h-h,” a anjo murmurou. “Madison, você está tão encrencada. Estou feliz por já estar morta. Não acho que poderia mantê-la viva se não estivesse morta.”

Isso me fez sentir tão melhor, e eu escaneei o céu por asas negras. Havia uma névoa de nuvem negra há distância. Corvos?

“Deus, você é estranha,” Josh disse enquanto desligava sua caminhonete e começava a sair, o metal velho rangendo quando ele abriu sua porta.

“Você não acredita em mim?” Eu disse, perplexa. “Depois do que eu te disse?” Ron ia ficar majesticamente P. da vida se eu tivesse estragado a memória do Josh por nada. Sem falar que ele iria ficar bravo comigo por dizer à minha anjo da guarda sobre o amuleto. O que ele esperava, contudo? Pô, eu estava morta. Eu acho que ela teria descoberto isso eventualmente, sendo de primeira esfera ou não.

Josh estava sorrindo como se isso fosse uma grande piada. “Eu te ajudo com a sua bicicleta, Madison Maluca. Consegue ir para casa daqui?”

Eu encarei seu assento vazio quando ele saiu, fumegando por causa do apelido. Eu o odiava. Eu o odiava intensamente. A primeira vez que eu fora mandada para a diretoria tinha sido porque eu empurrara uma garota por cantar isso. Eu tinha seis anos, e levou a maior parte da minha carreira no ensino fundamental para pararem com isso.

Meus olhos se fecharam em uma longa piscada para que eu pudesse encontrar a minha calma, e eu o segui. “Josh!” eu exclamei quando o encontrei nos fundos. “Não estou inventando isso. Você sabe que foi isso que aconteceu! Você estava lá!”

“Foi um sonho,” ele disse enquanto abaixava a guarda traseira.

Frustrada, coloquei meu punho no meu quadril. Ele não queria que isso fosse real, porque se fosse, ele acharia que era sua culpa, que ele deveria ter insistido para me levar para casa. “Um sonho que você fica tendo e eu sei tudo?” Eu estimulei, recuando enquanto a bicicleta arranhava o revestimento.

“Claro,” ele disse entre um resmungo enquanto levantava-o para ser libertado. “Minha mãe diria que significa que eu tenho uma ligação psicológica com você. Eu superarei isso.”

“Você vai morrer!” eu exclamei, então abaixei minha voz enquanto os carros nos passavam a nem três metros de distância. “Ceifadores não podem me achar, mas eles podem te achar.”

“Esses são os caras com as gadanhas, certo?” ele perguntou, rindo.

Eu peguei minha bicicleta enquanto ele a rolava entre nós. “Josh, você estava lá na noite em que eu bati. Kairos viu você. Ele está me procurando, e ele vai usá-lo para fazer isso. A única razão pela qual você está seguro agora é porque está comigo.”

Ele sorriu, espremendo os olhos no sol. “Você é uma Mulher Maravilha comum, não é?”

“Pare de rir de mim!” eu disse, imaginando o que iria acontecer quando a escola começasse novamente. Ele e seus amigos iriam dar uma boa risada disso. Se ele sobrevivesse.

“É o amuleto que te protege, não eu!” eu não podia contar a ele sobre a minha anjo da guarda. Ainda não. Ele ria até cair.

Seus olhos relampejaram para a pedra descansando contra o meu pescoço, e seu divertimento diminuiu.

Uma sombra negra correu pelo estacionamento e mandou um ferrão de medo por mim. Eu olhei para cima para ver asas negras. Ela continuou se movendo, mas havia três mais do outro lado da rua. Isso não era nada bom. Nos dez segundos que ele estivera longe de mim, eles tinham sentido o cheiro dele.

“Simplesmente fique comigo até que o Barnabas volte, está bem?”

“Barnabas?” ele questionou, então empurrou a guarda traseira. “Esse é o cara do baile.”

“Sim.” Asas, amuleto, não dá pra não percebê-lo.

Seu rosto estava pensativo enquanto ele tomava a bicicleta de mim e a empurrava na direção da loja.

“Olha,” eu disse, pensando que ele estava começando a acreditar. “Vê esses negócios?” Eu apontei para os lençóis pretos recobertos de lodo curvados em cima do teto da agência de correio, e seu sorriso curvou-se novamente. “Os corvos, Madison?”

Eu coloquei uma mão na bicicleta e impedi-o de levá-la para dentro. “Elas só se parecem com corvos, e eu acho que o simples fato que você consiga vê-las significa que você foi marcado.”

Susan vira-as ontem também, do barco. “São chamadas asas negras. Ceifadores podem usá-las para apontar suas vítimas. Se ficar longe demais de mim, a morte irá bater na sua porta.” E onde diabos está a minha anjo da guarda? Eu pensei, de repente percebendo que ela estava ausente.

“Ceifadores,” ele disse, dando risada, e eu puxei a bicicleta até parar quando ele a empurrou para frente.

“Kairos conhece a ressonância da sua alma. Ele consegue achá-lo. Me escute.”

Eu não o deixaria mover a bicicleta, e ele repentinamente empurrou-a de volta para mim. “Você é uma garota estranha, Madison.”

“Josh, estou falando sério!”

Ele nem ao menos se virou enquanto abria a porta de sua caminhonete, dizendo sobre seu ombro, “O que você está falando é uma piração sério. Não fala comigo, está bem?”

Um som de frustração escapou de mim a medida que ele aumentava sua música e recuava sua caminhonete. Seu pescoço estava vermelho enquanto ele colocava na marcha, e após hesitar no topo da entrada, ele acelerou o motor, os pneus girando enquanto ele virava sua caminhonete para a estrada antes que o tráfego pudesse prendê-lo aqui comigo.

“Idiota!” eu exclamei, então endureci quando, como leões sentindo o cheiro de sangue, todas as asas negras a vista se levantaram e viraram. “Ah-h-h-h-h, droga,” eu sussurrei, avistando Josh sentado em um semáforo há meia quadra de distância. “Josh!” eu gritei, mas ele não conseguia me ouvir sobre a música.

A luz mudou, e ele acelerou, claramente nervoso, pelo jeito que estava dirigindo. Minha mão foi para a minha boca quando um conversível preto familiar apareceu do nada. Era Kairos. Tinha que ser. E ele estava se dirigindo para o Josh.

Um barulho alto me balançou, e uma bola de luz elétrica relampejou no topo do poste. Em um ataque devagar e majéstico, o semáforo balançou na calçada, o arame partido no poste. Josh estava bem embaixo do arco.

“Josh!” Eu gritei, mas ele não podia ter me escutado. Ele viu a luz, contudo, e ele pisou fundo nos freios, os pneus tinindo enquanto ele desviava. Pulando o meio-fio, ele deslizou de lado para o estacionamento de uma sorveteria. Poeira rodopiou enquanto ele balançava até parar. Atrás dele, o conversível preto acertou o semáforo caído com uma pancada espetacular de eletricidade, plástico, e metal. Era exatamente onde Josh estaria.

Eu joguei a bicicleta e comecei a correr. Uma figura alta de preto saiu do conversível, vestido formalmente, com um sedutor cabelo negro ondulante brilhando no sol. Eu lembrava de sua pele escuro, do cheiro de água salgada morta nele. E seus olhos azuis acinzentados, parecendo distantes e ainda assim como se pudessem ver dentro de mim. Era o Kairos. Meu passo vacilou no tráfego parado. Pessoas estavam saindo de seus carros.

A pancada da porta da caminhonete do Josh injetou adrenalina em mim. “Ei, cara! Você está bem?” ele gritou enquanto corria até Kairos.

“Josh,” eu sussurrei, assustada demais para dizer isso mais alto, com medo que Kairos me visse. Kairos tinha feito o semáforo cair para matar o Josh, ou o semáforo cair fora um incidente feliz que o salvou?

Eu me abaixei enquanto asas negras atacavam acima, e minha respiração sibilou. Josh derrapou até parar no meio da estrada na frente de Kairos. Seu rosto estava pálido, e ele olhou para cima como se finalmente tivesse visto os lençóis gotejantes de um círculo negro pela primeira vez. Pessoas estavam no meu caminho, e eu não conseguia chegar até ele. “Não deixe-o tocá-lo!” eu gritei, mas era tarde demais.

Meus pés viraram argila quando Kairos esticou uma mão fina e agarrou o braço do Josh.

O homem elegante o puxou para perto, e era como se eu estivesse observando a minha própria morte, revivendo-a. Não havia gadanha, mas não seria difícil escondê-la, eles estavam tão perto. E então Josh se esquivou de perto. Tropeçando, ele desviou de Kairos, continuando a colocar espaço entre eles enquanto recuava. Ele se abaixou quando uma forma negra que ninguém além de nós três conseguia ver mergulhou até ele.

Lançando-se ao redor do conversível preto, eu me estiquei e agarrei o braço do Josh.

“Ei!” ele gritou, saindo do meu aperto; então ele me reconheceu. Seu óculos estava torto, e seus olhos azuis tinham medo, medo de que ele finalmente acreditasse em mim e medo que a morte estivesse parada naquele cruzamento – olhando para nós.

Terror dominou meus músculos. Pessoas estavam entre nós e Kairos, perguntando se ele estava bem.

Alguém me empurrou, e, assustada, eu puxei Josh para trás, meus olhos nunca deixando Kairos. Ele me quisera morta mesmo antes de eu roubar seu amuleto. Por quê? “Vamos,” eu disse, puxando Josh para a multidão de pessoas. “Entra na caminhonete!”

Eu pulei quando a risada da minha anjo da guarda soou perto. “Era uma vez um garoto com classe de montão,” a luz cantou, “que sempre fugia das missas de comunhão. Ele quase foi pego pelos carneiros, mas evitou Seth Kairos. Ele nunca saberá quem salvou seu coração.”

“Entra na caminhonete!” eu gritei, puxei o Josh, que ainda estava encarando o Kairos. Eu não achava que as asas negras pudessem me ver agora, porque minha anjo da guarda estava de volta. Fora provavelmente ela quem fizera o semáforo cair, fazendo com que Josh desviasse do caminho e Kairos batesse, portanto atraindo atenção o bastante para que o timekeeper negro não pudesse facilmente matá-lo.

“É ele,” Josh disse, pálido enquanto arrumava seu óculos de volta em seu nariz. “Ele perguntou de você,” ele acrescentou, e eu o empurrei pela multidão e curiosos até sua caminhonete, sua música ainda tocando alto e acrescentando à confusão.

“Uau, grande surpresa,” eu resmunguei. Eu conseguia ouvir uma sirene, e mandei um olhar grato na direção da minha anjo da guarda. Ela tinha parado Kairos de tal maneira que Josh fora um espectador. Nenhum arranhão em seu carro ou uma razão para nós ficarmos por perto. Kairos, contudo, teria dificuldade em partir, dando-nos mais tempo para irmos embora. Ela era boa. Não, ela era ótima!

O sol quente estava vigoroso no estacionamento da sorveteria quando eu puxei a porta do Josh para abrir. “Não Tema o Ceifador^{*}” estava tocando a todo volume, e eu deslizei pelo assento e puxei Josh depois de mim. Minha anjo da guarda estava cantando, sua voz de campainha acrescentando à paródia.

^{*} No original, ‘Don’t Fear The Reaper’, uma música da banda de hard rock Blue Öyster Cult.

“A caminhonete se mexe, certo?” eu disse, e Josh tomou um longo fôlego. As mãos tremendo, ele colocou a caminhonete, ainda ligada, em marcha. Cuidadosamente recuando para a rua, ele acelerou. Cada segundo colocava mais espaço entre Josh e Kairos, entre Kairos e eu.

Josh desligou a música, para a decepção da anjo da guarda. Seu olhar estava mais atrás de nós do que na frente. Em um alvoroço de movimento aterrorizado, ele colocou seu cinto de segurança.

“Você está bem?” eu perguntei, então me inclinei para olhar para o seu velocímetro. Eu nunca tinha visto alguém tão branco quanto ele estava agora. Talvez eu devesse estar dirigindo.

Ele lambeu seus lábios. “Era ele. Ele perguntou por você pelo nome.”

Meu pesto doía, e eu tomei um longo fôlego para explicar. “Pelo menos ele não te matou. Ei, dá pra diminuir? Tem outras pessoas aqui.”

“Ele pode nos seguir,” ele disse. Eu coloquei uma mão reconfortante em seu braço, mas isso o fez pular.

“Ele não pode rastreá-lo pela sua aura por causa do meu amuleto – enquanto você estiver perto de mim, está salvo.”

Do sino veio uma voz chamando, “É a anjo, querida, não o seu amuleto.”

“É,” eu mandei de volta, “mas ele não acreditará nisso.”

Droga. Eu fechei minha boca e me contraí. Josh diminuiu enquanto um carro de polícia passou por nós correndo, se dirigindo para o acidente. Indo para o meio-fio, ele se virou para mim. “Com quem você está falando? Por favor, por favor, por favor não me diga que é uma pessoa morta.” Minha cabeça começou a doer. Eu era realmente estúpida as vezes. “Hã, minha, hã, anjo da guarda,” eu disse hesitantemente. “Ela está, hã, no seu sino.”

“Anjo da guarda?”

Eu dei-lhe um sorriso débil. “Ela é uma Guardiã, Requerida de Anjo à Ceifadora, Extinção por Segurança, um-setenta-e-seis. Ou G.R.A.C.E.S um-setenta-e-seis para encurtar.” Eu não conseguia chamá-la disso. Grace, contudo, talvez.

Josh começou a protestar, e Grace fez o sino tocar. Josh encarou-o, pálido.

“Madison?” ele disse suavemente.

“Sim?”

“Você está morta?”

Eu assenti. “Uhum.”

Ele engoliu em seco, ambas as mãos no volante enquanto ele olhava pela tira pintada de azul do vidro até o céu. “E isso não são corvos?”

Recuando, eu notei que as asas negras estavam no horizonte novamente, circulando. “Não,” eu disse, e Josh deixou sua testa bater no volante com uma pancada leve.

“Mas você está bem?” ele disse para seus joelhos.

“Porque eu tenho o meu amuleto,” eu disse, segurando-o. “Você está bem porque Ron me deixou com uma anjo da guarda enquanto ele tenta convencer os serafins a me deixar ficar com ele.”

Torcendo-me, eu me virei para olhar atrás de nós. “Kairo conhece a ressonância da sua aura pelo baile, mas ele não consegue vê-la se você estiver comigo. Mas talvez nós devêssemos, hã, nos mexer novamente.”

Não dizendo uma palavra, Josh checou atrás de si e colocou a caminhonete em movimento de novo. Nós dirigimos através da cidade pelas estradas laterais. “Hã,” eu disse incerta, “quer ir até a minha casa para comer sanduíche?”

“C-claro.”

Eu lambi meus lábios, não gostando de sua expressão traumatizada enquanto ele virava à esquerda para pegar a interestadual e tomar o longo caminho para o outro lado da cidade. Eu sabia como era ter a morte tocando você, percebendo que você estaria morta, mas pelo capricho de algo que não ligava se sim ou se não.

“Sinto muito você ter se envolvido,” eu disse, lembrando-me da voz do Josh quando ele deslizou pela ladeira naquela noite, tentando me alcançar mesmo enquanto Kairos cortava o meu fio da vida. “Você estava lá. Não foi um sonho. Mas eu quero te agradecer. Por sua causa, eu não morri sozinha.”

Josh sentou-se incomodado na mesa retangular da cozinha, suas pernas esticadas de uma ponta a outra. Ele tinha feito dois sanduíches para si mesmo, e o presunto fatiado derramava-se de toda parte. Ele gostava de gelo em seu refrigerante, e batatinhas de sabor churrasco. Eu, eu tinha um sanduíche magro, um punhado de batatinhas, e um copo de chá gelado. Eu observei ele, com inveja, entornar metade de seu refrigerante com um gole. Eu não tinha estado com fome desde que apertara ctrl+alt+del. Inventar desculpas para o meu pai por eu não estar com fome estava ficando mais difícil.

A cozinha não tinha sido remodelada desde que a casa fora construída, e a pia de azulejos brancos e amarelos e as paredes creme pareciam cansadas. Os armários eram de um marrom blé, e a geladeira era aquela que eu me lembrava de antes dos meus pais terem se separado. Mas enfiada em um canto estava uma cafeteira moderníssima, provando que meu pai tinha suas prioridades.

Tinha uma pequena plataforma giratória com guardanapos, sal e pimenta, e um cinzeiro empoeirado parados exatamente onde estariam na cozinha da minha mãe – sussurros dela ainda na vida do meu pai, apesar de ela ter ido fazia anos.

Josh olhou para o meu sanduíche enquanto eu me sentava na frente dele. “Você só vai comer isso?” ele questionou, e eu dei de ombros.

“Eu não durmo muito, tampouco,” eu disse enquanto cutucava uma batatinha e me perguntava se Grace, atualmente cantando limeriques no ornamento da luz, comia algo. Barnabas não comia.

“Televisão de fim de noite fica sem graça depois de alguns meses.”

Televisão de fim de noite, internet ininterrupta, encarar o teto quando Barnabas não queria mais saber de mim... não é muito divertido quando você não tem ninguém com quem partilhar. A informação sobre auras que eu tinha pego na internet não tinha ajudado. Tampouco tinha o negócio sobre anjos. Barnabas tinha rido tanto que ele tinha quase rolado do telhado quando eu trouxe o meu laptop para mostrar a ele antes das nossas tentativas noturnas – e aparentemente inúteis – de me ensinar como tocar pensamentos. Eu estivera falhando porque eu tenho o amuleto do Kairos? eu pensei, manuseando-o. Talvez fosse como tentar que um secador de cabelos 220v funcionasse numa tomada 110v.

“Então você está morta,” Josh disse com sua boca cheia.

O chá gelado fez meus dentes doerem, e u olhei para o relógio. Fazia horas. Onde eles estavam? “Yep.”

“E esse amuleto te dá um corpo,” ele estimulou.

“A ilusão sólida de um, sim,” eu disse, inquieta. “Também me esconde das asas negras para que elas não possam sugar a minha alma. Uma alma sem um corpo é um alvo legal. É por isso que elas antecipam colheitas, esperando capturar alguma. Elas não aparecem em mortes normais – só quando você foi marcado cedo.” Eu tirei as crostas do meu sanduíche, mas não tinha a força de vontade de comê-las.

Ele espiou a crosta mutilada. “Fica com o seu amuleto, tá bem? Asas negras me dão pavor.”

“Sem problema.” Eu devia ter praticado mais, eu pensei. Mas também, se eu tinha uma pedra de um timekeeper negro, a ressonância da minha aura iria mudar para longe de Barnabas quando eu tentasse usar. Mais como a da Nakita. Talvez eu pudesse tocar pensamentos com a Nakita?

“Então...” Josh disse hesitantemente, trazendo meus pensamentos vagantes de volta. “Onde está o seu real? Corpo, quero dizer.” Sua testa se enrugou. “Você não enterrou no quintal, enterrou?”

“Kairos está com ele,” eu admiti, uma fresta de medo relampejando de mim. “Pelo menos, ele o roubou do necrotério quando eu... corri.”

Josh mudou de posição e bateu na perna da minha cadeira. “Que feio. Kairos era aquele cara no carro preto, certo? Ele é um ceifador?”

Eu recuei, não querendo dizer a ele que ele era um guardião do tempo. Soava tão podre. “Ele é na verdade o chefe dos ceifadores negros,” eu disse, pensando que isso era marginalmente melhor.

“Barnabas é um ceifador branco. Ele tenta salvar as pessoas que os ceifadores negros visam.”

Josh deu outra mordida e limpou o canto da sua boca. “Como você?”

“Sim, mas ele fez confusão porque era o meu aniversário.” Inquieta, eu re arranjei as batatinhas no meu prato. “Ele achou que o Kairos estava atrás de você, na verdade.”

Sua mastigação diminui enquanto suas sobrancelhas se levantaram. “Eu não sabia que era o seu aniversário. Não é de se admirar que você estivesse toda bravinha. Um encontro arranjado pelo seu pai no seu aniversário? Isso é errado.”

Eu sorri um sorriso toro, e ele sorriu de volta. Do ornamento da luz, Grace deu risadinha. Meus olhos caíram, e Josh voltou ao seu sanduíche. “Eu meio que me lembro do Barnabas. Você disse que ele pode impedir essas coisas de me pegarem? Onde ele está? Hã... no céu?”

Eu balancei minha cabeça. “Ele está com o Ron, o chefe dele.” Tensão estava ficando mais apertada em mim enquanto sentávamos e não fazíamos nada. Por que eu estou brincando de chá com o Josh quando a morte estava olhando para nós?

Empurrando minha franja para trás, eu espiei pela janela da cozinha para a rua vazia. “Kairos quer seu amuleto de volta. Ron acha que eu devia ficar com ele.” E se eles nunca aparecessem? “Mas Kairos tem um amuleto,” Josh disse. “Eu o viu.”

Sorrindo odiosamente, eu assenti. “Aparentemente não é um tão poderoso quanto o que eu tomei. Por mais mal que eu me sinta por ele, eu prefiro ficar viva, muito obrigada. Ele não devia ter me matado em primeiro lugar,” eu resmunguei.

Sua expressão pensativa, Josh colocou seus cotovelos na mesa. “Kairos voltou pela sua alma no necrotério. Isso é problemático.”

“É,” eu disse, impedindo um tremor. “Ele me visou, me matou, então voltou para mim. Eles nunca fazem isso.” Por que eu? Eu não sou especial.

“Então você é uma ceifadora agora?” Josh disse, parecendo desconfortável. “Como nos livros onde se você trapacear a morta, você toma o lugar dele?”

“De jeito nenhum!” eu exclamei. “Só um ceifador pode ser um ceifador. Eu só estou morta.”

Isso pareceu dar a Josh uma quantia de paz, enquanto ele se arrumava de volta e começava seu segundo sanduíche. “Isso é tão estranho.”

Eu bufei e comi uma batatinha. “Você não faz ideia,” eu disse, então deslizei meu sanduíche para ele, menos as crostas, as quais eu fiquei mordiscando. Apesar de eu estar chateada, era bom ter alguém sobre quem falar de negócios fora o Barnabas. Eu devia ter feito isso há meses. Não que Josh teria acreditado em mim, muito menos falado comigo. Eu estivera passando tanto tempo no meu quarto mandando emails pra Wendy sobre nada que eu não tinha tentado fazer nenhum amigo novo. Talvez eu devesse mudar isso, eu pensei tristemente. Isso é, se eu sobrevivesse. Onde nos céus estava Barnabas?

Josh começou a dar gargalhada, e eu o olhei. “Eu meio que estou feliz por você estar morta.”

“Por quê?” eu perguntei, enervada. “Pra que você possa comer o meu almoço?”

Os cotovelos na mesa, ele sorriu. “Porque significa que eu não estou louco.”

Meu sorriso breve dissipou-se. “Sinto muito. Você não devia se lembrar de nada. Deve ter sido horrível, ter uma lembrança dessas quando tudo te diz que foi um sonho. É ruim? Eu acho que o meu pai se lembra de coisas também.” Eu no necrotério, a ligação nunca completa para a minha mãe. A culpa, a perda... caixas a serem enchidas, fechadas, e postas no ático.

Seus olhos abaixados, Josh assentiu. Eu ouvi um carro parar na garagem e levantei. Era o meu pai, e após ver a caminhonete de Josh, ele deu ré e estacionou na garagem para não bloquear ele. “O que o meu pai está fazendo em casa?” Minha atenção mudou para o relógio no fogão. Eram só uma e meia.

Limpando as migalhas de batatinha de si mesmo, Josh se deslocou em seu assento. “Você não acha que ele ficou sabendo o que aconteceu, acha? Eu provavelmente não devia ter me mandado daquele jeito.”

Meu pai estava olhando a caminhonete do Josh enquanto subia a calçada, apertando os olhos até achar uma sombra. Sua calça cáqui e sua camisa o faziam parecer profissional, mas ele ainda estava usando seu casaco de laboratório – o que queria dizer que eu estava encrencada. Ele nunca se esquecia de tirá-lo a não ser que estivesse chateado.

Sua identificação de trabalho pendia ao redor de seu pescoço, e ele a enfiou dentro do bolso interno de seu casaco de laboratório quando ele alcançou a garagem.

“Nós não fizemos nada errado indo embora,” eu disse, de repente nervosa. “Não foi culpa sua Kairos ter atingido um semáforo. Você não acertou nada.”

“Foi minha culpa!” Grace cantou, e o ornamento de luz onde ela estava brilhou mais.

“Eu fui uma testemunha.” Josh puxou um celular de seu bolso e olhou para ele.

“Como ele descobriria, contudo?” eu murmurei, saindo da janela quando meu pai olhou para a casa.

Josh deslocou seu copo para que ficasse perfeitamente posicionado com seu prato. “É uma cidade pequena,” ele disse, sua testa enrugada com preocupação. “Eu devia ligar pra minha mãe.”

Ambos endurecemos quando a porta da frente abriu. “Madison?” a voz do meu pai ecoou na casa silenciosa. “Você está em casa?”

Eu dei um olhar ansioso para Josh. “Estamos na cozinha, pai.”

Seus sapatos socaram o chão de madeira, e ele apareceu na arcada para o corredor.

Josh ficou de pé, e as sobrancelhas do meu pai se levantaram a medida que capturavam-no. “Olá, senhor,” Josh disse, estendendo sua mão. “Eu sou Josh Daniels.”

O olhar de confusão do meu pai relaxou e virou um de aceitação. “Oh! O filho do Mark. Você parece exatamente com ele. Prazer conhecê-lo.” O aperto dele recuou. “Foi você quem deixou a Madison no baile,” ele acusou em uma maneira defensiva-de-pai.

“Pai!” eu protestei, envergonhada. “Ele não me deixou. Eu sai correndo dele após perceber que você nos juntou. Josh foi um perfeito cavalheiro. Eu o chamei para almoçar para tentar compensar isso.”

Josh estava se deslocando de pé para pé, mas meu pai tinha achado o seu bom humor normal, e seu rosto mostrava um sorriso novamente. “Eu achei que talvez fosse porque sua bicicleta estivesse com um pneu furado e você precisasse de uma carona para algum lugar,” ele disse, suas sobrancelhas arqueadas.

Eu pisquei. “C-como você sabia?” eu gaguejei.

Meu pai colocou uma mão no meu ombro e deu um ligeiro aperto antes de ir até a secretária eletrônica. “Eu recebi uma ligação da loja de bicicleta.”

Minha boca abriu em um O enquanto eu me lembrava que eu tinha deixado-a lá. “Ah. É. Quando a isso—” “Eles pesquisaram o número de registro e conseguiram o meu nome,” meu pai disse enquanto se virava da secretária franzida a testa. “Por que você não atendeu o telefone? Eu estou tentando te ligar a uma hora. Até mesmo liguei para o Flower Bower para ver se você foi lá no seu dia de folga. Por fim tive que vir para casa.”

Envergonhada, dei de ombros. Eu não tinha checado o meu telefone com toda a comoção de hoje.

“Hm. Desculpa. Eu gastei meus minutos,” eu menti. “Josh me deu uma carona.” O franzir de testa do meu pai estava me deixando nervosa. “Então eu o chamei para almoçar.” Droga, eu estava tagarelando, e eu fechei a minha boca.

Um som suave de desaprovação escapou dele. “Posso falar com você por um instante?” ele disse secamente, passando pela segunda arcada para a sala de jantar nunca usada.

Eu suspirei. “Com licença,” eu disse para Josh, então segui o meu pai mal-humoradamente. Ele tinha passado totalmente pela sala de jantar e estava parado em um recorte de sol que entrara na sala de estar, brilhando na parede onde ele tinha pendurado algumas fotos que eu tirara no festival de balão com ele mês passado. Ele aparecia montando um cavalo em uma, e você podia ver toda o centro velho em uma foto, os rios delineando seus confins.

A sala de estar, como a cozinha, continha sussurros da minha mãe, das mesas com topo de vidro até a mobília de camurça até a estátua art déco no canto. Ou meus pais tinham ideias de decoração muito similares, ou meu pai ainda estava vivendo o passado, se cercando com lembranças dela. Nenhuma foto dela, contudo.

“Pai—” eu comecei, mas ele não me deu uma chance de explicar.

“Para,” ele disse, a mão levantada. “O que concordamos sobre visitas?”

Eu tomei um fôlego para falar e soltei. “Me desculpa. Mas é o Josh. Você me juntou com ele, então eu achei que estaria tudo bem. É só um sanduíche.” Minha voz tinha ficado chorona, e eu odiava isso.

“Não é o sanduíche; é você estar sozinha com ele.”

“Pa-a-a-ai,” eu gemi, “tenho dezessete anos.”

Suas sobrancelhas levantaram. “Qual é o acordo?” ele perguntou, e eu desmoronei.

“Eu disse que perguntaria antes de convidar as pessoas,” eu resmunguei. “Desculpa. Esqueci.”

Imediatamente ele demonstrou piedade e me deu um abraço lateral. Meu pai não conseguia ficar bravo comigo, especialmente quando parecia que eu estava começando a fazer amigos. “Parece que você se esquece de muita coisa,” ele disse quando me soltou. “Como a sua bicicleta? Madison, aquela bicicleta não é barata. Eu não acredito que você a deixou lá.”

Se ele estava falando de dinheiro, então estávamos bem. “Desculpa,” eu me esquivei enquanto tentava levá-lo de volta para a cozinha. “Josh quase se envolveu num acidente e eu me distrai.”

Na palavra acidente, meu pai me puxou para perto. “Você está bem?” ele arfou enquanto levantava meus braços e me dava uma inspecionada.

“Pai, está tudo bem,” eu disse, e seu aperto caiu. “Eu nem mesmo estava no carro. Um semáforo caiu, e Josh desviou do caminho.” Kairos podia ficar fora da história.

“Madison,” ele começou, parecendo assustado, e uma lembrança de mim achando ele sozinho no meu quarto, cercado por caixas empacotadas e acreditando que eu estava morta chegou.

“Nenhum arranhão nem nada,” eu disse, para tirar aquela horrível imagem da minha própria cabeça. “Foi o outro cara que acertou o semáforo.”

Meu pai procurou meu rosto para ver se eu estava falando a verdade. “Você quer dizer a placa de parar,” ele disse, e eu balancei minha cabeça.

“Semáforo,” eu afirmei, achando graça nisso enquanto Grace ria na cozinha. “Despencou do fio e um cara passou por ele. Se não tivesse, podia ter acertado o Josh ao invés.”

Finalmente ele perdeu aquele olhar assustado. Se endireitando, ele exalou. “Parece que o anjo da guarda dele estava fazendo hora extra.”

Uma bola brilhante de luz entrou rapidamente no cômodo. “Acertou, bolinho,” Grace disse, seu brilho perdido enquanto ela pairava em um raio solar. “Eu nem devia estar protegendo ele, mas a Madison não é legal comigo, e ele é. Me deu um sino para me sentar e tudo.”

Eu olhei para a voz dela, vendo o quintal atrás dela e a cerca viva pela qual a Sra. Walsh conseguia, de algum modo, ver ao redor, ou sobre, ou através. “Ele é um motorista realmente bom, pai,” eu disse. “Usa cinto de segurança e tudo.”

Meu pai riu, sua mão pousando no meu ombro novamente antes de cair. “Eu sei que a sua mãe te dava muito mais liberdade—”

“Na verdade não,” eu interrompi, lembrando de suas regras estritas e horas de voltar para casa cedo, exigências de que eu fosse adequada e respeitável como ela, quando tudo que eu queria ser era eu mesma. “Me liga da próxima vez que você quiser trazer seu amigos, está bem?”

Ele me virou, e juntos começamos a voltar para a cozinha. “Desculpa; eu liguei.” Eu tinha me desculpado, apresentado sem – muito – choro e ele tinha aceito isso. Eu estava ficando melhor nesse negócio de responsabilidade.

“Você comeu o bastante?” ele disse enquanto entrávamos na cozinha, e eu assenti.

Josh estava em seu celular, e nos vendo, ele disse, “Tchau,” e fechou-o. Eu tive um momento de preocupação que talvez ele estivesse falando com seus amiguinhos sobre aquela “garota estranha Madison,” mas então descartei isso quando ele sorriu para mim. Porcaria, ele tinha um sorriso bonito. Melhor ainda, ele acreditava em mim.

Era como se um peso tivesse sido levantado. Eu não estava mais sozinha.

“Obrigado por trazer Madison para casa,” meu pai disse, e eu me senti melhor. Ele gostava dele também.

Josh pareceu perceber que eu não estava encrencada, e ele encontrou uma posição mais relaxada. “Sem problema,” ele disse, brincando com seu copo. “É bem no caminho de casa.”

“No caminho de casa de onde?” meu pai perguntou enquanto ele pegava o chá gelado da geladeira.

Eu hesitei. Eu não tinha contado ao meu pai que eu ia para a escola hoje.

“Escola,” Josh disse, ajustando seus óculos e claramente curioso para ouvir a desculpa que eu daria ao meu pai para estar lá. “O time de corrida vai correr amanhã no festival, então tivemos um treino. Você gostaria de me patrocinar? É um dólar por circuito.”

“Claro. Me inscreva,” ele disse, abaixado enquanto procurava na lava-louças um copo. Eu recuei, lembrando que eu deveria tê-lo esvaziado essa manhã. “Você não é um corredor de longas distâncias, é?” ele perguntou com fraca preocupação, claramente pensando em grandes quantias fora da sua carteira.

“Não. Sou um corredor de milha.”

Meu pai sorriu enquanto servia seu chá. Eu estava começando a desejar que ele fosse embora. Eu tinha coisas a fazer. Pessoas para salvar.

“Madison, você não me disse que ia fazer algo para o festival.”

“Hã...” eu procurei por umas respostas, pensando. “Eu pensei que podia, hã, tirar fotos. Mas é uma ideia estúpida.”

“Não, não é,” Josh disse, e eu podia ter batido nele. “As pessoas amam esse tipo de coisa.”

Eu lancei-lhe um olhar que dizia para calar a boca, então sorri quando o meu pai virou ao fechar a geladeira. “Quem pagaria por uma foto que não podem ver e não poderão ter até dois dias depois?” eu protestei.

Meu pai estava assentindo, mas não em concordância comigo. Eu tinha visto aquela expressão pensativa nele antes, e ele se inclinou contra a bancada com sua bebida e cruzou seus calcanhares. “Se isso é tudo de que precisa, eu te darei uma daquelas impressoras que te deixa imprimir imediatamente,” ele disse, e meu estômago afundou. “Você dá um tíquete para eles, e eles pegam antes de irem embora.”

“Sério?” eu disse com um entusiasmo forçado. Talvez eu pudesse ligar para o meu chefe na floricultura e me oferecer para trabalhar amanhã para poder escapar dessa.

“Claro,” ele disse, então enfiou seus óculos de volta em seu nariz. “Eu quase te comprei uma de aniversário, mas eu queria que você tivesse uma câmera melhor antes.”

Eu pensei na minha câmera nova na minha cômoda, usada mais para tirar fotos do meu novíssimo guarda-roupa que meu pai tinha me comprado e mandar elas por email para a Wendy, Ela provavelmente morreria quando visse a foto dos meus tênis de caveira-e-ossos-cruzados.

“Obrigada, pai,” eu disse, dando-lhe um olhar penoso, tentando dizer-lhe que eu queria ficar sozinha com Josh. “Eu falarei com alguém sobre isso.”

“Faça isso.” Dando-nos uma pequena saudação com seu copo, ele caminhou vagarosamente em direção à arcada. “Josh, você está convidado para ficar para jantar se quiser.”

“Obrigado, Sr. A.,” Josh disse, “mas eu disse para a minha mãe que eu voltaria para casa as seis e meia.”

Meu pai inclinou sua cabeça em reconhecimento, sorrindo para o termo informal de respeito. Eu tinha certeza de que ele nunca fora chamado disso antes. Barnabas era sempre muito formal nas poucas vezes que falara com o meu pai. “Eu estarei no meu escritório,” meu pai disse. “Eu tenho algumas coisas a terminar hoje, mas eu posso fazê-las de casa.”

Eu suspirei enquanto ele deixava a cozinha. Eu conseguia ouvir seus passos na entrada, e o estalar de sua porta do escritório não exatamente fechando. Ele não trabalhava muito em seu escritório de casa, mas era bem do outro lado da cozinha, e ele podia ficar de olho em nós.

“Era uma vez uma garota de Zaire—”

“Por favor não,” eu gemi suavemente, e Grace deu risadinha. Talvez eu pudesse encontrar um sino para ela viver. Ver aquele semáforo caindo tinha sido assustador.

“Ele não confia em mim,” eu disse suavemente enquanto me sentava de frente ao Josh. Seis e meia? Nós tínhamos mais cinco horas para que Barnabas aparecesse e fizesse com que o pesadelo fosse embora. Onde ele estava, de qualquer jeito? Não podia levar tanto para falar com os serafins. Simplesmente fique de joelhos e reze.

Josh bufou e comeu outra batatinha. “Ele não confia em mim, é quem ele não confia.”

eu sorri tênueamente, os cotovelos na mesa enquanto o meu pai falava no telefone. Asas negras não batiam ponto no final do dia de trabalho, e se Barnabas não voltasse até lá, o negócio ia ficar preto. Fazia um tempo desde que eu fora posta de castigo por quebrar o horário de recolher, mas se eu não ficasse com Josh a noite toda, ele podia não sobreviver. Não era como se a Grace pudesse bancar a mensageira.

“Eu não suponho que você tenha ideias sobre como manter o Kairos afastado depois das seis e meia?” Josh perguntou, e eu lhe dei um olhar apologetico.

“Nada que não vá me deixar de castigo.” eu olhei para Grace, sabendo que a única maneira de ela ir chamar o Ron seria se eu estivesse correndo um perigo que ela não pudesse lidar, e nesse caso, eu provavelmente estaria morta. Isso não é nada bom. “Um deles devia ter voltado já. Talvez tenha algo errado.”

Da luz, Grace cantou, “Não tem nada de errado. Se não permitem que você passe dos portões do céu, leva um tempo para conseguir a atenção de um serafim.”

“Eu me sinto tão impotente!” eu disse, tendo um colapso na minha cadeira novamente.

“Impotente? Você quer falar sobre impotente?” Grace lamentou-se, sua voz fina ficando mais alta enquanto ela pousava na mesa. “Eu nem sei por que estou aqui. Barnabas pode protegê-la melhor do que eu. Eu não faço ideia por que Ron o afastou ao invés de pedir a ajuda de outro ceifador para falar com os serafins.”

“Você está fazendo um ótimo trabalho,” eu disse, rolando os olhos para Josh quando ele me encarou, ouvindo só metade da conversa. “Você me assustou para valer quando derrubou aquele semáforo no Kairos.

Isso tinha que ser coisa de segunda-esfera, fácil.”

Josh sorriu e terminou seu sanduíche. “Me assustou pra valer também. Obrigado por salvar a minha vida.”

O brilho de suas asas cresceu. “Foi esperto, não foi?”

Eu assenti enquanto me levantava, recolhendo os pratos vazios e levando-os para a pia. Por que Ron tinha levado Barnabas consigo? Era quase como se ele não quisesse o ceifador mais comigo. Gelo espirrou enquanto Josh pegava uma bebida, e ele enrubesceu enquanto limpava seu queixo.

“Eu não quero ficar de castigo,” ele disse. “Deve haver algo que possamos fazer entre agora e seis e meia.”

“Você quer dizer bolar um plano para se livrar do Kairos?” eu perguntei enquanto ele lavava os pratos.

“Claro, como se eu pudesse contra o rei dos ceifadores negros,” eu disse, mas então eu pensei sobre isso.

“Na verdade, não é uma ideia ruim,” eu admiti, secando meus dedos. “Se eu pegasse o novo amuleto dele, ele não poderia entrar na corrente do tempo até que fizesse um novo. Ele teria que ir embora. Ele não teria uma gadanha, tampouco.”

A expressão de Josh estava confusa quando eu me virei. “Não podemos simplesmente emprestar um dos amuletos de ceifador dele?”

eu sorri, percebendo que tinha tido “corrente do tempo,” e Josh ainda estava ali me escutando.

“Não. Kairos pode tocar o amuleto de um ceifador,” eu disse, lembrando-me de Ron segurando o de Barnabas, “mas não usá-lo. Tampouco Ron.” Eu cai em silêncio, segurando meu amuleto enquanto eu me lembrava da pedra da Nakita brilhando no mesmo tom de pedra preciosa que sua espada. “Eu me aproximar dele provavelmente não é uma boa ideia. Ele simplesmente me afastará. E se você tentar pegá-lo, ele simplesmente ganhará você. Deve haver um jeito de fazer isso funcionar.”

Meu pé começou a sacudir, mas Josh calmamente empurrou seus óculos para cima e comeu uma batatinha. Eu podia afirmar que ele se sentia culpado por estar com medo, mas estávamos falando sobre caminhar até a morte, e de jeito algum isso era problema dele. Era meu.

“Você não pode usar o amuleto de um ceifador, mas pode usar o do Kairos?” ele disse, apesar de estar de boca cheia. “O que torna o dele tão especial?”

“Hã, porque o amuleto do Kairos não é na verdade a pedra de um ceifador,” eu disse hesitantemente. “É de um timekeeper,” eu acrescentei, incentivada pela sua aceitação do comentário sobre “corrente de tempo”.

“E timekeepers são humanos. Eu acho que eles diluem a divindade ou algo para eles.”

“Timekeeper,” Josh disse suavemente, e, aparente satisfeito, ele voltou-se às batatinhas. “Você teve sorte de não ter pego o amuleto de um ceifador por engano.”

“É, sorte,” eu disse, me sentindo incomoda. Que Kairos tivesse voltado pela minha alma já era horripilante o bastante, mas por que ele tinha me alvejado? Como eu estando morta o moveria para uma “corte superior,” como ele tinha dito na noite que me matara? Eu estava destinada a fazer algo tão horivelmente errado que colocava os anjos em risco?

“Talvez simplesmente ser humana não seja o bastante para usar esse negócio, e seja por isso que eu não possa fazer nada com ele,” eu disse estupidamente enquanto balançava meu amuleto, e Josh mostrou interesse.

“Bem, o que você deveria ser capaz de fazer com ele?”

Soprando minha franja roxo para fora dos meus olhos, eu pensei nisso. Se era o amuleto de um timekeeper, eu talvez fosse capaz de fazer o que Ron pudesse – em teoria. “Além de tocar pensamentos com um ceifador? Hm, eu acho que eu devia ser capaz de parar pedacinhos de tempo,” eu disse, me lembrando das sombras mudando quando Ron aparecia ou ia embora. “Ou ficar indistinta - meio fantasmagórica. Eu o vi fazer isso. Mudar memórias. Ron mudou a ressonância do meu amuleto duas vezes já. Barnabas pode diminuir a influência de um amuleto para que não interfira com as asas negras cheirando a vítima e Barnabas pode usar amuletos para achar o alvo, então eu estou assumindo que um timekeeper possa fazer o mesmo. E uma vez ele disse algo sobre colocar uma trilha falsa para as asas negras para enganar os ceifadores negros que as seguem pela mesma razão.”

Meu olhar caiu para a mesa. “Barnabas diz que eu talvez não seja capaz de tocar pensamentos com ele porque meu amuleto costumava pertencer a um timekeeper negro e ele é um ceifador branco. Opostos polares. A única coisa que eu tentei fazer foi tocar pensamentos.”

Josh se reclinou com seus braços sobre o peito. “Bem, aí está. Você devia tentar outra coisa. Algo que não tenha nada a ver com ceifadores. Se você pudesse ficar indistinta, você podia andar até ele e simplesmente puff. O novo amuleto dele seria seu.”

Eu o encarei, considerando isso. Roubar o novo amuleto do Kairos podia muito bem ser fácil assim. Sorrindo para Josh, eu senti como se tivesse esperança novamente – uma razão para tentar. “Você me ajudará?”

Do ornamento da luz, Grace murmurou, “Eu não gosto disso,” o que perversamente me fez sentir ainda mais esperançosa.

“Absolutamente!” O entusiasmo do Josh me fez pensar que ele não estava ansioso para dormir em seu armário hoje, se escondendo do ceifador negro. Quem poderia culpá-lo, contudo? Sorrindo, eu me levantei, arrastando a cadeira. “Vamos. Vamos sair daqui.”

“Por quê?”

Eu inclinei minha cabeça na direção da outra ponta da casa. “Eu não vou praticar quando o meu pai estiver

ao redor.” Eu sabia que meu pai não me deixaria receber visitas no meu quarto, mas devia haver algum lugar público que pudessemos ir onde ninguém olharia duas vezes para nós. Talvez a biblioteca.

Eu tinha entrado escondida algumas vezes de noite após eu ter pego a bibliotecária escondendo a chave atrás de um tijolo. Eu estava começando a gostar dessa cidadezinha.

“Mas...” ele disse lentamente, preocupação espremendo seus olhos.

“Você ficará bem,” eu gemi, arrastando-o de sua cadeira. “A anjo da guarda vai onde eu vou. Você está salvo. Nós só temos até as seis e meia. Você quer confiar que Barnabas vá aparecer entre agora e lá?”

Assentindo, Josh levou seu copo para a pia. “Está bem.”

Animação correu até os meus dedos do pé. “Pai?” eu chamei audivelmente. “Josh e eu vamos até a cidade para comprar um cartão extra para a minha câmera. Está bem?”

“Leve o seu telefone,” sua voz saiu filtrada. “Compre mais minutos. Volte às seis.”

“Entendi!” eu bati minha mão contra o bolso traseiro do meu short para sentir a protuberância do meu telefone. Eu me virei para o Josh, realmente feliz por ele ter um carro.” “Pronto para ir?”

Ele olhou para mim, confuso. “Onde? Minha casa não dá. Minha mãe trabalha em casa.”

Tinha uma risadinha parecendo de campainha de algum lugar em cima de mim. “Era uma vez uma garota que gostava de ficar mentindo, o que só ficou pior após ela ter morrido..”

“A biblioteca?” eu disse. “Mas podemos ir no shopping primeiro? Eu realmente tenho que pegar um cartão de memória novo. Já que eu vou brincar de fotógrafa no festival agora. Valeu,” eu terminei secamente.

Josh sorriu forçadamente. “Se eu ainda estiver vivo amanhã de manhã, quer uma carona?”

“Sabe que sim,” eu disse, sorrindo. Ele queria me dar carona, e eu não achava que era só por causa das asas negras. Eu acho que ele gosta de mim.

Eu dei tchau pro meu pai quando ele girou sua cadeira da mesa até a porta do seu escritório para nos ver ir embora, sorrindo para mim. Eu não conseguia evitar me sentir bem. Não era só que Josh pudesse gostar de mim, tampouco. Eu tinha estado batendo minha cabeça contra a parede por meses tentando usar meu amuleto, me sentindo cada vez mais estúpida enquanto Barnabas ficava cada vez mais desanimado. Se eu conseguisse entender isso com o Josh, então eu não teria que depender tanto do Barnabas ou do Ron. Eu podia fazer isso sozinha.

Bem, eu meditei enquanto Josh fechava a porta atrás de mim e procurava em seus bolsos as chaves, talvez não inteiramente sozinha, mas eu ia fazer isso.

SEIS

Eu só estive n'O Mínimo Múltiplo Comum, ou o Mini C, como todos o chamam, somente uma vez antes. Meu pai tinha me levado para comer pizza, e o restaurante casual tinha estado lotado com universitários ou se estufando por causa das provas finais, ou relaxando após terem feito as suas. Eu sei que ele estava tentando fazer com que eu me encaixasse, mas comer pizza com o meu pai quando todos os outros estavam sozinhos não tinha pintado a imagem que eu esperava passar. Talvez se eu tivesse conseguido ficar invisível naquela noite, eu poderia ter tido mais sorte ao fazer amigos.

Sorrindo pelo pensamento, eu cutuquei as batatas fritas. Josh estava faminto novamente – ou ainda, talvez – que foi como uma paradinha rápida aqui tornou este um lugar conveniente para se praticar, já que o ponto de encontro estava quase vazio. Isso tinha sido há quase uma hora, e eu estava começando a ficar ansiosa. Talvez não fosse o amuleto, como Barnabas tinha dito. Talvez realmente fosse eu. Eu tinha visto asas negras movimentarem-se pelo estacionamento quando Josh tinha ido ao banheiro dos meninos, e a expressão em pânico que eu fiz tentando alcançar os pensamentos de Barnabas tinha dado pontadas na Grace.

Nós já tínhamos ido no shopping, e tinha um novo cartão de fotos na bolsa descolada na mesa, bem ao lado do refri e das batatas intocados. Era o segundo prato do Josh, e ele comia com um ritmo contínuo enquanto mergulhava batatas em queijo apimentado e prestava atenção em mim para sinais de “assombração,” como ele chamava.

A luz da tarde jorrava pela grande janela de vidro laminado que tinha visto para o shopping. O Mini C fora uma vez uma lanchonete, mas se curvando as convenções, eles agora serviam lattes e tinham acesso wi-fi grátis. Havia um espaço central com mesinhas de centro e cadeiras almofadadas, e cabines ao redor das esquinas. Algumas pessoas estavam plugadas, curvadas sobre seus laptops, e comendo sanduíches de preço exagerado e batatinhas gourmet enquanto surfavam.

Sons solitários de fliperama eram filtrados da caverna escura posta em um lado enquanto as máquinas falavam consigo mesmas. Vinha da arena de skate acoplado um retumbar de rodas onde os skatistas tomavam coragem e testavam seus skates em colinas e trilhos artificiais no “ninho de cobras.” O som de skates na madeira compensada subiu por mim como uma segunda pulsação de sangue. Grace estava no caixa, descansando no sino que supostamente tocava quando alguém no ninho das cobras pulava alto o bastante para acioná-lo. Uma das paredes era uma placa grossa, gasta e marcada de acrílico, e imagens brumosas se moviam atrás dela ao mesmo tempo do retumbar.

Eu me virei da parede transparente e meu olhar voltou para Josh. Meus dedos estavam formigando, mas eu achei que fosse porque eu estava agarrando o amuleto muito firme, não porque eu estava perto de entender esse negócio. Talvez eu fora otimista demais pensando que podia aprender como fazer algo útil em tão pouco tempo, mas eu estava cansada de depender dos outros para ficar segura, e Josh estivera disposto a ajudar. “Consegue me ver agora?” Eu perguntei esperançosamente.

Os olhos de Josh encontraram os meus diretamente, e eu desmoronei. “Eu acho que você está tentando demais,” ele disse.

Lentamente eu soltei o meu amuleto. “Nós só temos algumas horas de sobra. Não é como se isso viesse com um manual de instrução.” Deprimida, eu corri meus dedos sobre meu copo de plástico e cera para enxugar a condensação. Barnabas fora menos do que prestativo na vez que eu o perguntei sobre isso depois de uma noite particularmente frustrante. Ele só dissera que “pensava pensamentos escorregadios” e que era melhor que eu passasse meu tempo aprendendo a como contata-lo se precisasse de ajuda.

Pensamentos escorregadios. É, e seu eu pensasse pensamentos felizes, eu brotaria asas e voaria.

“Você só está fazendo isso a uma hora. Não seja tão dura consigo mesma. Nós ainda temos um pouco de tempo,” Josh disse, mas seus olhos estavam espreitados de preocupação.

Tempo, eu pensei enquanto amassava o envelope do meu canudo em uma bola e a derrubava. Talvez eu devesse ter tentado aprender como fazer o tempo ficar devagar, mas isso soava muito mais difícil do que ficar invisível.

“Não se preocupe com isso,” Josh disse, mas eu conseguia afirmar que ele estava ficando ansioso. Encontrar a morte não era algo que você podia facilmente esquecer, e a lembrança de Kairos de pé à luz do luar com sua gadanha escancarada enquanto eu sentava indefesa em um conversível esmagado fluiu por mim.

Minha mão voltou ao amuleto, e eu segurei a pedra, buscando uma garantia de que mesmo que fosse um amuleto de ceifador negro, eu estava aqui e mais ou menos viva. Acordar no necrotério e ver eu mesma na mesa tinha sido a coisa mais assustadora da minha vida. Ainda pior, eu sabia que era minha culpa, por ter entrado no carro dele, para começo de conversa, mega fofura à parte. Kairos não era mais tão fofo. Eu não podia acreditar que eu tinha beijado ele.

Eu agarrei o amuleto mais forte. Estava comigo há meses agora, o peso dele familiar e reconfortante. Sem ele, eu não seria só invisível como insubstancial, capaz de passar por paredes e portas fechadas. Isca de asas negras. Fantasmagórica. Talvez essa fosse a chave para tudo. Não pensar em pensamento escorregadios, mas sim meio que achar um jeito de bloquear a influência da pedra.

Encarando a mesa, eu peneirei meus pensamentos pela lembrança daquele momento horrível do necrotério. Eu fora capaz de sentir o batimento do meu coração e o ar se mover nos meus pulmões enquanto eu respirava por reflexo, mas meu corpo estivera no saco preto para corpos, incapaz de sentir o frio do granito ou a suavidade do plástico cercado-o. Eu me divorciara dele. O laço com meu corpo fora quebrado. Simplesmente não estivera lá. E, assustada, eu corri.

Quando eu fugi, o ar tinha ficado escasso para mim, como se eu estivesse me tornando tão insubstancial quanto ele era - quase equalizando. Meus joelhos ficaram vacilantes. O toque de objetos reais tinha machucado, como se rangessem contra os meus ossos. Foi só após Barnabas ter ido me procurar que eu me sentira normal novamente. Somente então eu fiquei em uma posição para entender e reconhecer o que eu tinha perdido. Com a falta de um corpo, o universo não me reconhecia. Isso é, até o amuleto de Barnabas chegar perto o bastante e ter algo no que se agarrar e me trazer de volta alinhada com todo o resto.

Talvez com a separação do meu corpo, eu tinha perdido o que o tempo e o universo usavam para me propelar. Talvez os amuletos fossem como pontos artificiais que o tempo e o universo podiam se prender e usar para manter a mente e o corpo em sincronia com o presente. E se eu pudesse quebrar esses laços...

Ansiosa, eu me contorci no assento duro, acreditando que eu estava no caminho certo. Com os olhos ainda fechados, eu caí profundamente nos meus pensamentos e tentei me ver como um indivíduo singular,

amarrado ao presente pelas cordas do passado. Eu conseguia ouvir o barulho ao meu redor: Josh bebendo sua bebida de forma barulhenta, a música do telefone da loja – e após meses aprendendo a me concentrar, algo finalmente veio até mim.

Excitação correu por mim enquanto eu, de repente, conseguia ver a linha que minha vida tinha trilhado. Tensa, eu vi como eu cresci de uma possibilidade para uma presença, maravilhando-me como minha vida entrelaçava-se nas vidas das outras pessoas, e então o embrulhado feio onde eu tinha morrido, quase como se o tempo e o espaço estivessem fazendo um nó para se segurar quando uma alma era cortada. Era como se a memória dos outros juntasse a escuridão onde eu tinha ido, dando-lhe formar pelo que estava faltando, um fantasma de uma presença que repentinamente voltava à existência com uma explosão quando eu obteria um amuleto. Mas agora, o tempo não estava usando o meu corpo para achar minha alma e leva-la para frente, estava usando o amuleto que eu surrupiara de Kairos. A cor, ou talvez o som, era diferente. Fora um azul escuro até o momento em que eu morrera, e então, uma mudança abrupta para um roxo tão escuro que tinha um matiz de ultra-violeta nele. Como o da Nakita.

Minha aura, eu percebi, querendo deixar tudo cair e tentar tocar pensamentos com Barnabas, mas eu trouxe minha atenção de volta. Eu me senti estremecer quando percebi que eu conseguia ver a minha alma jogando linhas de pensamento no futuro – já que os pensamentos deviam ter que se mover mais rápidos do que o tempo. Eu realmente conseguia ver as linhas de cor violeta se estendendo de mim até o futuro, me puxando junto com o resto do universo. O que fazia isso tudo funcionar, o que coloria as linhas da minha morte em diante, era o amuleto dando ao tempo algo para que se segurar.

E se eu conseguisse quebrar algumas dessas linhas correndo do amuleto para o presente, talvez eu ficasse invisível, como eu estivera quando eu fugi de Barnabas no necrotério. Quase como se eu não estivesse usando a pedra, apesar dela permanecer no meu pescoço.

A antecipação me fez estremecer, e eu me desfoquei o bastante da minha atenção para me certificar de que eu ainda estava sentada com Josh e nada estava acontecendo. Isso tinha que funcionar. Nós estávamos ficando sem tempo. Eu não destruiria todas as cordas – só algumas – e nenhuma das linhas que estava me puxando para o futuro. Só aquelas que me prendiam a esse instante e momento.

Eu tomei um vagaroso fôlego de que não precisava, e enquanto eu exalava, eu arranquei uma corda que me prendia ao presente. Ela se separou como uma teia de aranha, fazendo um som de zunido suave na minha mente enquanto se partia. Encorajada, eu corri uma mão teórica entre eu e o presente, dando um golpe, de ceifeira, maior. O rumbar do ninho de cobras pareceu ecoar por mim. Eu quase conseguia ver o som vindo em ondas na minha imaginação, passando por mim para bater contra o lado mais distante da cabine.

“Madison?” Josh sussurrou, e meus olhos se abriram. Eu encarei a mesa, meus dedos formigando.

“Está funcionando,” ele disse, pavor em sua voz.

Eu inalei como se estivesse saindo das profundezas da água. Minha cabeça levantou-se com um estalo e eu encarei-o. O som dos skatistas se tornou real novamente, as ondas imaginadas de som tinha ido, mas ainda nos meus pensamentos. Meu coração martelou, e eu me senti tonta, quase como se estivesse viva. Josh estava me encarando, seus olhos azuis arregalados.

“Funcionou!” ele disse novamente, se inclinando para frente sobre suas batatas fritas. “Você está de volta agora, mas eu conseguia ver o assunto atrás de você!” Ele olhou ao redor para ver se alguém tinha notado. “Foi a coisa mais estranha que eu já vi. Faça de novo,” ele estimulou.

Fui enchida com alívio, e eu me desloquei na almofada dura. “Está bem. Aqui vai.”

Nervosa e animada, eu me assentei com as minhas palmas retas na mesa enquanto determinei que isso acontecesse novamente. De olhos abertos, eu encarei o céu visível pelas janelas frontais. Meu foco borrou, e eu caí nos meus pensamentos. Eu senti a presença da pedra em todo o meu passado recente, tecendo uma rede para amarrar cada momento do tempo ao próximo. Era mais fácil agora, e com um toque de pensamento, eu toquei a nova teia violeta que tinha se formado e a fiz murchar e desaparecer gradualmente. Os sons ao meu redor ficaram mais ocos e eu senti a sensação enjoativa de ficar insubstancial. O martelar do meu coração, mesmo que fosse apenas uma memória, sumiu.

“Putz grila, Madison!” Josh exclamou em uma onda abafada de palavras. “Você se foi!” Ele hesitou. “Você está... aí? Eu não acredito nisso.”

Eu me concentrei, quebrando um bom número de cordas enquanto elas se deslocavam do futuro para o presente, me certificando de deixar o bastante para me puxar para frente. “Estou aqui,” eu disse, sentindo meus lábios se moverem e ouvindo minhas palavras como se estivessem longe. Eu levei meu olhar até Josh, achando isso ficar mais fácil com a prática. Seus olhos estavam vagueando tudo, focando mais no assento atrás de mim.

“Maneiro,” ele disse enquanto recuava. “Eu mal consigo ouvir você. Você soa bizarra. Como se estivesse sussurrando em um telefone ou algo assim.”

Um zumbido firme no meu ouvido me disse que Grace tinha abandonado o sino ao lado da caixa registradora. Eu me virei para a luz brilhante lançando-se freneticamente na cabine, e minha boca caiu aberta. “Eu consigo te ver,” eu sussurrei. “Meu Deus, você é linda.” Ela era minúscula, apesar de seu brilho a fazer parecer do tamanho de uma bola de softball. Sua pele era escura e seus traços faciais eram delicadamente esculpidos. Ouro brilhava ao redor dela, deixando seu contorno indistinto, especialmente quando ela se movia. Eu não conseguia afirmar se era tecido ou uma névoa. O borrão de suas asas era o que fazia o brilho nebuloso que eu estivera vendo.

Imediatamente a pequenina anjo parou, focando na minha voz. Ela pestanejou em surpresa, seus olhos brilhando como o sol. “Eu perdi a sua canção, Madison,” ela disse. “Eu não conseguia mais ouvir sua alma. Pare o que estiver fazendo. Eu não consigo te ver.”

Funcionou! Eu pensei entusiasmadamente. Se a minha anjo da guarda não conseguia me ver, então tampouco conseguiria um ceifador ou timekeeper. “Eu sou invisível,” eu disse, olhando para ela em espanto. “Eu sei disso,” ela retrucou, entrelaçando-se em agitação. “Agora para com isso. Tem que ser um erro. Eu mal consigo ouvir sua alma cantando. Eu não poderei te proteger se eu não conseguir te ver.”

Eu movi meu braço, vendo que tinha um contorno branco brilhante agora, meio o que as asas negras pareciam na ponta. Curiosa, eu tentei pegar meu copo. Eu estremeci enquanto o frio do refri foi diretamente até os meus ossos, e eu não consegui apertar meus dedos o bastante para agarrar. Eu me perguntei porque eu conseguia sentar numa cadeira sem passar por ela, até que eu movi o envelope de canudo embolado. Devia

ser que eu era substancial o bastante para ter algum efeito no mundo, mas não muito. Dar uma caminhada em uma ventania seria provavelmente uma péssima ideia. Talvez seja assim que Barnabas voe.

“Madison, ainda está aí?” Josh sussurrou.

“Sim,” eu disse, permitindo que mais algumas linhas permanecessem a medida em que o futuro se tornava o presente. A anjo suspirou em alívio, e os olhos de Josh se deslocaram para os meus.

“Maldição!” ele sussurrou. “Eu meio que consigo te ver. Jesus, Madison. Isso é bizarro. Posso tocá-la?”

“Eu não tocaria,” Grace disse enquanto pairava sobre a mesa, mas eu dei de ombros, e estiquei minha mão para colocar os dedos dele no meu pulso. Ambos estremecemos com a sensação sombria do contato. Seus dedos pareceram queimar, e eu me desvencilhei na mesma hora que ele.

“Frio,” ele disse, escondendo sua mão debaixo da mesa.

“Consegue me ouvir melhor?” Eu perguntei, e ele assentiu. Essa tinha que ser a coisa mais estranha que eu já tinha feito. Destruir as cordas do amuleto enquanto elas passavam do futuro para o presente era quase fácil agora. Como assobiar a música de fundo quando você está fazendo seu dever de casa.

Eu tinha feito isso. Eu tinha finalmente aprendido algo, e o alívio disso era quase o bastante para me fazer chorar.

“Excelente,” Josh disse, sorrindo enquanto eu ficava totalmente invisível novamente, para o desgosto da Grace.

“Se você consegue fazer isso, você consegue pegar aquele amuleto com certeza.”

Eu ri, e Josh se pressionou contra as almofadas.

“Não ria quando está fantasmagórica desse jeito,” ele disse enquanto olhava ao redor da cafeteria.

“É realmente estranho. Cara, eu vou ter mais pesadelos.”

Eu acho que eu relampejei visivelmente por um instante quando a porta da frente abriu, me surpreendendo. Eu apertei minha percepção das cordas do amuleto, tirando um punhado delas e ficando tonta por um instante até que eu me estabilizei e voltei ao padrão de destruí-las em uma progressão suave.

Eu olhei para cima quando Josh endureceu, vendo duas pessoas vindo na nossa direção, uma terceira ainda na bancada, fazendo o pedido.

Eu congelei, me perguntando o que fazer. Elas tinham visto Josh aqui sozinho. Eu não podia simplesmente voltar à existência. Mas então eu fiz uma careta quando reconheci a garota alta na regata de designer e shorts curtos como Amy, parecendo que o verão tinha encarnado enquanto vagueava com Len atrás dela. Parker estava na bancada pagando por tudo, como de costume.

Todos os três estavam no time de corrida.

Amy andava com as garotas populares. Boazinha na superfície, mas eu tentei ser uma garota popular na minha antiga escola por tempo o bastante para saber que na maioria das vezes era somente na superfície. Ela geralmente saía com Len, a não ser que estivesse punindo-o por traí-la.

Mas após ver Len em carne e osso, eu não sentia nem um pouco de pena dela.

Len era um cara grande, e ele gostava de amassar garotos contra armários quando os professores não estavam olhando, rindo e brincando com eles como se fosse uma piada para que eles trocassem voluntariamente a humilhação por serem notados por cinco segundos por um cara popular. Apesar dele não ser a pessoa não rápida no time de corrida, ele era charmoso – especialmente para si mesmo – e ele tratava as garotas como sorvete – provando um sabor novo a cada mês por um ou dois dias. Ele era bonito o bastante para que as garotas que ele perseguia o deixassem se safar, um fato que me irritava infinitamente.

Parker parecia bonzinho o bastante, mas eu tinha a sensação de que eles deixavam ele sair com eles porque ele agüentava o abuso deles, sedento para fazer parte. Vendo ele pagar por tudo agora me deixou enojada.

Eu quase fora uma Parker uma vez, tentando de tudo, aguentando tudo, até mesmo inventando desculpas para os outros no meu esforço para fazer parte. Se não fosse pela Wendy, eu poderia ter desabado e me tornado essa pessoa. Não valia a pena. Nem um pouco.

“Oi, Josh,” Amy disse alegremente enquanto inclinava seu quadril e colocava uma mão espalmada na mesa. “Então, onde está a Madison A-garota-bem-bizarra? Ainda empurrando sua bicicleta na estrada?” Irritada, eu me apertei no canto da cabine, cortando cordas feito louca para permanecer invisível. Josh me deu um olhar azedo enquanto fazia um negócio de bater na mão do Len. “Ela é bem legal, está bem? Não a chame mais assim.”

“Ah?” Amy se sentou, fazendo-me me espremer ainda mais para longe. “Foi você que começou com isso.”

Eu me levantei e escalei os assentos para ficar na almofada da cabine adjacente quando Len se sentou e Amy se deslocou.

“Isso foi antes de eu conhece-la,” Josh disse, suas orelhas ficando vermelhas. “Ela é legal.” Amy zombou, pegando minha sacola de compras com um dedinho e a movendo mais para perto para que pudesse olhar dentro. “Fazendo umas comprinhas?” ela ridicularizou, e se eu pudesse pegar coisas, eu teria enfiado um punhado de gelo pelas costas de sua camiseta. “Nós te vimos no shopping.”

Os olhos de Josh escanearam a sala, me procurando, provavelmente. Se eu fosse esperta, eu entraria no banheiro das meninas, ficaria visível, e voltaria. Mas eu fiquei. “É da Madison. Ela vai tirar fotos amanhã e precisava de um cartão novo,” ele disse, tomando a sacola novamente. “Você devia lhe dar uma chance. Você gostaria dela.”

“Duvido,” Amy disse secamente, então pegou o café gelado que Parker tinha trazido.

“Onde ela mora? Na Lagoa Escondida? Como se tivesse uma lagoa naquela favela de classe média.”

Meus dentes cerraram, e eu tesourei um bando de linhas antes que me tornasse visível.

“Quanta classe, Amy,” Josh disse sarcasticamente. Eu espiei Parker, sabendo que ele vivia na rua abaixo da minha. Seus lábios estavam pressionados juntos e ele não olhava para ninguém.

Amy levou seus joelhos para cima, sentando de lado com seus pés no banco para parecer recatada. “Eu acho que o Josh está encantado com sua nova amiguinha. Deus! Ela tem cabelo roxo. Que bizarra.”

Josh exalou vagarosamente, os olhos abaixados. Se eu já não estivesse morta, eu teria morrido bem então. Meus dedos subiram para tocar o meu cabelo, e eu jurei colocar uma mecha verde na próxima semana. Ao meu lado, eu conseguia ver Grace começar a ficar nervosa, seus olhos quase disparando faíscas.

“Eu te disse que você fica melhor sem eles,” Amy disse enquanto tirava os óculos de Josh e os colocava na mesa. “Ela é estranha e uma vadia,” ela disse, tão casualmente que me chocou.

“Você mesma disse. Por que você está andando com uma Meg!”

Parecia inocente, mas eu estava a par das gírias britânicas. Queria dizer Garota ou Cara Mais Envergonhoso*. Ótimo.

* no original, Most Embarrassing Girl or Guy

Parecendo alarmado, Josh olhou para cima. “Eu disse isso antes de conhecê-la, está bem?” Ele disse audivelmente.

“Qual é o seu problema, de qualquer jeito? Ainda está brava por eu ter te dado o fora ano passado?”

Len riu, esticando a mão para fazer um ‘toca aqui’ com Parker. “Logo antes do baile!” Ele disse, estufando três batatas fritas em sua boca. “Se eu tivesse uma câmera, seria milionário.”

Meus olhos se arregalaram. Uau. Ele deu um fora nela, então me chamou para sair? Não era de se espantar que ela me odiava.

Os olhos de Amy se estreitaram. “Ah, pelo amor de Deus. Ela é tão bizarra que nem os góticos querem saber dela. Uma mala total!”

Len se inclinou para frente com seus braços esparramados na mesa. “Amy está certa,” ele disse seriamente. “Você consegue melhor que ela. Você é um veterano.”

Uma mala total? Ele conseguia melhor? Minhas emoções circularam completamente, e eu cerrei meus dentes, tão irritada que eu poderia gritar. Eu deveria ter me afastado. Eu deveria ter me afastado e não escutado.

As asas de Grace batendo soltavam um zunido apertado, e eu ouvi ela dizer, “Era uma vez uma garota do Lago Powell, cuja boca era bem suja. As porcarias que ela fazia expeliam, como uma privada cheia, até que eu a esmaguei contra uma parede.”

Deprimida, eu me afundei no assento da cabine ao lado, ainda cortando cordas, ainda invisível.

“Isso não rima,” eu sussurrei, enxugando abaixo do meu olho. Droga, eu não ia chorar por causa do que a Amy tinha dito.

“Talvez não,” Grace disse sarcasticamente, “mas é isso que vai acontecer.”

“Dê uma fora nela, cara,” Len disse. “Faça isso, ou ela vai andar com você o ano todo.”

“Você já pensou que eu talvez possa querer andar com ela o ano todo?” Josh disse nervosamente.

“Ela é bem mais divertida que vocês, com tanto medo do que todos os outros pensam que não conseguem nem escolher suas próprias roupas sem ligar para alguém. E essa é a bebida dela, imbecil.”

“Eu não acredito que você a trouxe aqui!” Amy disse audivelmente. “Esse é o nosso lugar!” Eu me animei, começando a me sentir melhor quando Josh disse, “É melhor ir, a não ser que queira vê-la. Você talvez tenha que ser boazinha, e um sorriso provavelmente abriria uma fenda no seu rosto perfeito, Amy.”

Silenciosamente eu me levantei para olhar pelas costas do assento da cabine. Josh estava vermelho de raiva. Len parecia incerto, e Parker estava claramente desconfortável enquanto mexia com seu café gelado. Num movimento rápido, Amy empurrou seus pés no Len para fazê-lo mover para que ela pudesse sair. “Até mais, cara,” Len disse enquanto ele e Amy saíam arrogantemente.

Parker lançou um olhar desconfortável para Josh e ficou de pé. Da frente do local de encontro/pista de skate, Amy zombou, “Tchau, Josh,” enquanto esperava na porta.

Eu sabia que a minha expressão estava feia enquanto Parker seguia Len até a porta. Josh exalou, então sussurrou, “Madison, sinto muito. Ainda está aí? Eles são babacas. Não escute-os. Eu disse essas coisas antes de te conhecer. Eu sou um jumento. Por favor volte. Eu sinto muito. Eu... eu gosto do seu cabelo.”

Frustrada, eu lutei para passar pelas costas do assento da cabine e deslizar. O assento ainda estava quente por causa da Amy. Eca. Eu me foquei no meu amuleto, levando um momento para deixar as linhas se formarem, cordas violetas da pedra, até mim, e até o presente, me prendendo a um passado novo em folha. O olhar de Josh se desviou até o meu quando eu me tornei visível, mas eu não conseguia olhar para ele. A anjo da guarda pareceu relaxar, indo se sentar na luminária, onde seu brilho fraco foi perdido. “Nada como saber seu lugar na hierarquia social, hein?” Eu murmurei.

Josh se deslocou desconfortavelmente. “Eles são idiotas,” ele disse enquanto empurrava minha bebida de volta pra mim. “Eu realmente sinto muito. Eu não devia ter dito essas coisas antes. Eu não te conhecia.”

Eu brinquei com o canudo, incapaz de encontrar seus olhos. “Eles são seus amigos.”

Ele deu de ombros. “Na verdade não. Amy acha que seu suor não fede. Len é um valentão que eu não deixei que me batesse na terceira série – nós temos uma trégua estranha, na qual fingimos ser amigos para que ele não tenha que tentar bater em mim de novo. Parker... eu acho que eles deixam ele andar com eles porque precisam de alguém para atormentar, e ele está tão desesperado para fazer parte que o deixa.”

Eu tomei um gole da minha bebida, estremecendo enquanto o refrigerante gelado descia. Se era com eles que Josh andava, não me surpreendia por ele gostar de mim. Eu estava começando a me sentir melhor, contudo, especialmente quando eu ouvi um grito abafado do estacionamento e vi Amy recuar da caminhonete de Len, sua mão sobre seu rosto. Ela estava gritando algo sobre seu nariz. Ao meu lado, uma neblina de luz deu risadinhas.

“Obrigada,” eu disse timidamente para Josh. “Por me defender, quero dizer.”

O sorriso de Josh fez meu coração pular. “Deixa pra lá,” ele disse enquanto cutucava suas batatas fritas.

Mas eu não deixaria. Nunca.

Seus olhos azuis encontraram os meus quando ele colocou seu óculos de volta. “E você consegue ficar invisível.”

“Aha-a-a-am,” eu estiquei, coberta com uma sensação de satisfação. Inclinando-me, eu enlacei meus dedos e estiquei meus braços, estralando minhas juntas. Era tão difícil ficar chateada com babacas quando você podia ficar invisível. “Kairos não tem chance. Tudo o que temos que fazer é achar um lugar silencioso, você se distancia o bastante de mim para que as asas negras possam te sentir, Kairos aparece, e eu deslizo invisivelmente e levanto esse amuleto.” Eu sorri. “Então nós corremos rápido, e ele terá que ir embora até que consigo fazer outro amuleto.”

Ele riu da parte de sair correndo, e eu me senti bem. Terminando suas batatas fritas, ele olhou para seu relógio. Tinha mais botões que uma calculadora. “Então, vamos fazer isso?”

Eu espiei para fora da janela para o tamanho das sombras. “Uhum. Mas não aqui. Você conhece um beco ou algo assim?”

“Hmmm, que tal o Parque Rosewood?”

O zunido de Grace ficou mais alto, e ela saiu da luminária para pairar a centímetros perante meu rosto. “Madison, eu sou só uma anjo de primeira esfera, mas não faça isso. Não fique invisível novamente. Espere pelo Barnabas. Por favor. Parece perigoso.”

Acenando para que ela fosse embora, eu disse, “Eu não posso esperar o Barnabas. Além do mais, se você não consegue me ver, tampouco conseguirá o Kairos. Você não consegue capturar o que não consegue ver.” “E quanto a outras coisas, Madison?” Ela perguntou, preocupada. “Há outras coisas. Se eu não consigo te ver, talvez outra coisa consiga.”

Esse era um pensamento desagradável, e eu me sentei de volta contra o assento duro, considerando. “O que ela disse?” Josh perguntou, tentando vê-la ao seguir meus olhos.

Eu suspirei dramaticamente para subestimar sua preocupação. “Ela não quer que eu fique invisível porque ela não consegue me ver. Ela acha que é perigoso.”

Um pigarreio indignado encheu o meu ouvido. “Não é que eu não consiga ver você. É que outra coisa possa ser capaz de te ver.”

As sobrelanceiras de Josh ficaram mais altas. “Eu não sabia que não era seguro.”

“É seguro o bastante,” eu protestei. “Além do mais, se não encararmos Kairos agora, o que acontecerá hoje à noite? Não é como se você pudesse passar a noite na minha casa. Meu pai é legal, mas dizer a ele que nós precisamos ficar juntos para que a minha anjo da guarda possa mantê-lo seguro não vai funcionar. Pessoalmente, eu preferiria encarar Kairos agora do que o meu pai após eu quebrar o toque de recolher.

Josh fez uma careta. “Eu não quero especialmente ficar encrencado, também.”

Frustrada, eu tomei um gole de refri. Eu ficaria de castigo por um mês se não aparecesse para o jantar – se eu tivesse sorte. Mas Josh não sobreviveria à noite se não fizéssemos algo.

“Quebrar o toque de recolher diversas vezes foi como eu vim parar aqui,” eu disse suavemente, quase para mim mesma. “Além do mais, o que isso nos fará? Amanhecendo, quando eles nos localizarem, você será levado para o outro lado da cidade e eu serei trancada no meu quarto. Muito bem isso nos fará. Não, encararemos Kairos agora, enquanto temos alguma escolha de como e quando.”

“Madison, não,” Grace protestou, suas asas batendo tão rápido que eu achei que Josh quase podia vê-la brilhar. “Espere até Ron ou Barnabas voltar. Faça isso então.”

Um barulho exasperado escapou de mim. “Se algum dos dois estivesse aqui, eu não teria que fazer isso. Essa é a razão disso tudo!”

“Mas eu não acho que você esteja fazendo isso certo,” ela disse, recuando ligeiramente. “Eu deveria ser capaz de escutar a sua alma cantando mesmo quando você fica invisível, e eu não consigo! Por favor não faça isso.”

“Ou fazemos isso agora,” eu disse, esperando que Josh estivesse entendendo a essência disso, “ou quebramos o toque de recolher, nos ganhando somente o tempo entre agora e quando nossos pais nos pegarem. Eu não estou disposta a arriscar a vida de Josh na esperança que Ron volte até lá. Então a não ser que você queira ficar com Josh hoje à noite, não temos razão alguma para esperar por Barnabas.”

Eu congelei e Josh olhou para mim, assombro em seus olhos.

“Ei, essa não é uma má ideia,” eu disse, puxando-me para frente no assento enquanto Grace pairava para trás.

“Minha anjo da guarda podia ir com você hoje à noite. Você estaria a salvo e nenhum de nós iria se encrencar.”

“Hein?” Era uma expressão minúscula, soando estranho vinda da bola de luz. “Não. Eu fui encarregada de observá-la. O próprio Ron me deu essa tarefa de mantê-la longe de encrencas. Segura.”

“É, bem, se você não for com o Josh, então eu vou ir achar o Kairos e ficar seriamente encrencada.”

Josh se inclinou conspiratoriamente. “O que ela está dizendo?”

Sorrindo, eu bati minhas unhas na mesa. A resposta estivera me encarando por toda a tarde, cantando limeriques. “Se a minha anjo da guarda ficar com você, você ficará bem. Ela pode esconder a sua aura, exatamente como eu.”

“E quanto a você?” Josh perguntou enquanto Grace balançava-se para frente e para trás em agitação.

“Eu ficarei bem!” Eu disse confiantemente. “Ele não conhece a nova ressonância do amuleto. Não sabe onde eu vivo. Eles não podem me achar a não ser que achem você primeiro. E se acharem, eu simplesmente ficarei invisível.” Eu me virei para a bola de luz. “Então, veja, é do meu melhor interesse que você vá com o Josh.”

“Não,” ela disse rigorosamente. “Não funciona dessa maneira. Eu fui mandada a ficar com você.”

“E eu estou te mandando ficar com ele!” Eu exclamei, então abaixei minha voz quando três caras magricelas saíram do ninho de cobra com seus skates enfiados debaixo de seus braços.

A bola brilhante de luz veio tão perto do meu rosto que eu me desvencilhei para trás. “Olha, mocinha,” Grace disse severamente, “você não pode me mandar ir a lugar algum. Eu obedeco ao Ron, e, querida, você não é o Ron.”

Frustrada, eu me inclinei para frente até que ela recuasse. “Vá com ele, Grace,” eu enfatizei.

“Agora. Até que eu diga o contrário. De outra maneira, eu vou ficar fantasmagórica e farei isso hoje à noite.”

“Grace?” a anjo da guarda sussurrou enquanto seu brilho diminuía. “Você me deu um nome?”

Josh estava começando a parecer desconfortável, o que eu conseguia entender, já que ele não conseguia vê-la e parecia que eu estava gritando com ele. Com os lábios pressionados, eu olhei para o brilho acima da mesa. Eu me restringi de apontar um dedo para a anjo teimosa, mas foi só. “Grace—”

“Eu irei com ele,” ela disse, seu brilho tornando-se mais claro brevemente. Foi brando e manso, e ela me chocou ao ponto de arrancar as minhas próximas palavras. “Madison,” ela continuou, “se você me meter em encrenca, eu vou ficar tão brava com você! Eu nunca fui uma guardiã antes. Você é minha primeira encarregada, e se eu estragar isso, eu tenho que voltar ao treino de sensibilidade para o resto da vida.”

Eu encarei enquanto Grace se deslocava meros sete centímetros para se mover para mais perto de Josh.

“Eu ficarei com ele,” ela disse, sua voz fluindo como líquido.

Josh estava observando minha surpresa estupefata com um olhar inquisidor. “O que acabou de acontecer?”

Intrigada, eu me endireitei. “Hãh, ela vai ficar com você,” eu disse, e ele exalou em alívio. Com as sobrancelhas arregaladas, ele se reclinou. “Então... vamos esperar?”

Eu assenti, para o alívio de Grace. “Mas não mais que até amanhã,” eu acrescentei, e ela enfureceu-se, se as fagulhas laranjas que ela estava atirando significavam algo. “Se Barnabas ou Ron não apareceram pela manhã, então eu vou chamar Kairos. Tomar seu amuleto.”

“Derrote-o. Faça o seu negócio,” Josh acrescentou, rindo. “Bom. Isso nos dará um pouco de tempo para bolar um plano melhor do que ‘pegá-lo.’ Vou te dizer o seguinte. Eu passarei na sua casa amanhã de manhã para te pegar para ir ao festival, e nós iremos ao invés para Rosewood Park para lidar com o Kairos. Desse jeito, você poderá pegar a sua anjo de volta imediatamente.”

“Isso me parece um plano,” eu disse, olhando para Grace enquanto ela fazia um barulho estranho: parcialmente desaprovador, parcialmente planejamento diabólico, parcialmente frustrado. Eu não gostava da enganação, mas o que eu diria ao meu pai? Oi, pai. O Pai Maligno do Tempo está tentando matar o Josh. Não se preocupe, já que eu vou roubar sua fonte de poder novamente.

Voltarei antes do almoço. Beijinhos!

“Eu te levarei para casa então,” Josh disse, levantando-se e juntando suas coisas. “Você tem meu celular?”

“Não,” eu disse, distraída enquanto pensava no que tinha acabado de acontecer. Droga, eu tinha dado uma ordem à minha anjo, ela tinha obedecido. Foi de uma resistência aberta para um entendimento. E enquanto eu bebia o resto do meu refri para que pudéssemos sair de lá, eu estremei.

Eu comandando anjos. Isso não podia ser bom.

O céu estava azul, a temperatura fabulosa, e havia só um traço de brisa. Era um dia perfeito. Ou seria, se eu conseguisse voltar para dentro antes que meu pai acordasse.

A algumas ruas, o tráfego matinal era um silêncio suave, e eu silenciosamente inclinei minha bicicleta contra a lateral da garagem e espremi meus olhos para ver meu relógio na luz pós-amanhecer. Seis e quarenta.

O pai gostava de dormir até tarde nos sábados, mas já que eu tinha que sair de casa em menos de uma hora, era provável que ele estivesse acordado agora. Eu devia ter voltado para casa mais cedo, mas fora difícil confiar na Grace e deixara rua do Josh – especialmente após avistar aquelas asas negras no horizonte distante.

Josh e eu tínhamos concordado em mandar mensagens de texto um para o outro a noite toda, e quando as mensagens dele pararam por volta das duas horas, eu saí escondida para me certificar que ele estava bem. Ele estivera dormindo, mas agora eu estava rígida, úmida com o orvalho, e correndo risco de ser castigada, de qualquer jeito.

Eu geralmente passo as minhas horas noturnas, quando todos estão dormindo, ou na internet ou no telhado com Barnabas, martelando minha cabeça contra a parede, mas as habilidades que eu desenvolvi saindo escondida da casa da minha mãe nunca foram deixadas inaproveitadas por muito tempo. Pelo menos uma vez por semana eu escapava para vaguear no escuro, fingindo que eu podia evadir tanto do Barnabas e quanto do tédio.

Então quando as mensagens de texto do Josh pararam, sair escondida fora uma escolha óbvia. Não houvera asas negras circulando a casa dele, mas ir embora não era uma boa para mim. Eu passara o resto da noite atrás de uma árvore falando com Grace, tentando não me sentir como uma perseguidora. Eu não queria entrar furtivamente ou mentir para o meu pai, mas não era como se eu tivesse muita escolha.

O cachorro do vizinho latiu para mim, e eu estiquei a mão para trás da luminária para a gostosura que eu tinha posto ali na semana passada, comprando o silêncio do golden retriever. Vendo o cachorro balançar seu rabo de feliz, eu cuidadosamente pisei na lata de lixo prata – aquela que eu religiosamente recolocava exatamente onde eu a queria após pegarem o lixo. Agarrando o exterior do peitoril da janela da garagem com uma mão, eu estiquei a mão para o telhado baixo com a outra, levantando meu pé para conseguir chegar na janela de cima antes de jogar minha outra perna para pousar de estômago para baixo nas telhas. Satisfeita, eu me sentei, limpando a brita enquanto o cachorro ofegava para mim, implorando por mais.

“Ainda tenho as manhas,” eu sussurrei, sorrindo. Fora um truque como esse que tinha me feito ser despachada para a casa do meu pai. Era ou isso, minha mãe tinha dito, ou ela iria colocar barras nas minhas janelas.

Curvada, eu andei como um caranguejo até o cume do telhado da garagem, ignorando a solitária asa negra pairando sem propósito no horizonte. Relaxando de barriga para cima, eu espiei pelo topo para encontrar a Sra. Walsh sentada em sua pequena mesa de cozinha com rolos de cabelo, lendo o jornal.

“Aí está você, sua velha maluca,” eu sussurrei.

Eu juro, a mulher me esperava, se coçando para me pegar fazendo algo. Ela me lembrava da mulher entediada de meia-idade com quem minha mãe me fez ser legal no almoço em sua tentativa de angariar dinheiro para qualquer causa que ela estivesse promovendo no momento. Eu meio que sentia falta dos chás formais, contudo, e da inevitável batalha pré-chá sobre a minha mais nova cor de cabelo ou as tatuagens temporárias cuidadosamente colocadas para serem vistas enquanto eu estava com as minhas roupas de menina-vaidosa. Vendo a minha mãe toda vestida e com seu melhor perfume e sendo charmosa quando eu sabia que ela queria estrangular as mulheres avarentas por serem tão limitadas tinha sido muito divertido. Talvez eu fosse mais parecida com a minha mãe do que eu pensara.

Um sorriso curvou os cantos dos meus lábios enquanto eu me deitava no telhado, pensando na minha mãe. Eu tinha falado com ela na noite passada quando ela ligara para me checar, seu radar de encrenca trabalhando mesmo da Flórida. Eu honestamente não sabia como ela fazia isso.

Virando-me de lado, eu enfiei meus dedos no meu bolso e puxei meu celular. Um pequeno solavanco de animação passou por mim quando eu vi a mensagem de Josh. Ele estava acordado – o que eu já sabia, tendo ouvido seu alarme disparar – e ele estaria aqui em meia hora. Eu mandei um *T vejo*, então apertei o trêz na discagem rápida. Segundos mais tarde, eu ouvi um alarme fraco e a Sra. Walsh ficou de pé, desaparecendo para dentro da casa. Eu não conseguia evitar sorrir.

No instante em que suas costas se viraram, eu fechei o telefone. Assobiando a música de Missão Impossível, eu fiquei de pé e deslizei para o outro lado do telhado, facilmente saltando para o telhado sobre o meu quarto. Impaciente, eu forcei a minha tela para longe da janela e caí no carpete. Sentando no peitoril, eu tirei meus sapatos e deslizei para dentro. Eu não podia deixar marcas de molhado no chão para me denunciar. Eu tinha aprendido do modo difícil após uma caminhada na praia à meia-noite na Flórida e meu tapete cheio de areia virou em uma semana de castigo.

Meu sorriso desbotou com os sons familiares do chuveiro do meu pai e do cheiro de café. “Ótimo,” eu sussurrei, não sabendo se meu pai tinha olhado para se certificar de que eu tinha levantado antes de entrar no chuveiro. Eu sabia por experiência própria que travesseiros sob o acolchoado não funcionavam, então eu deixei minha cama desfeita, esperando que ele achasse que eu estava no meu banheiro. Preocupada, eu repus a tela com dedos desajeitados. Eu devia ter confiado na Grace, e ido embora mais cedo.

Com uma nervosa afobação, eu puxei meu cobertor pra cima e joguei os travesseiros que eu tinha enfiado no chão na noite passada de volta na cama. Eu odiava chegar em casa atrasada. Eu estava ficando relaxada. Eu acho que o meu pai teria me ligado se tivesse me pego saindo escondida, mas talvez não, querendo ver o quanto eu me afundaria numa mentira antes de me fazer confessar. Apesar dele ser mais indolente que a minha mãe, ele tinha características sorrateiras. Era de onde eu as consegui, eu supunha.

A foto da minha mãe no espelho estava sorrindo para mim, e eu a virei de costas. Movendo-me depressa, eu retirei as roupas de ontem e pulei no meu chuveiro para me livrar do frio da noite. Eu tinha que conseguir o novo amuleto de Kairos hoje. Eu não tinha tempo para esperar Ron ou Barnabas me resgatarem. Era só uma questão de tempo antes de Kairos localizar Josh ou eu pelo processo de eliminação, e eu não podia agüentar outra noite como a que eu acabara de passar. Eu honestamente não sabia como Barnabas ou Grace conseguiam.

Refrescada pelo rápido banho de gato, eu me enrolei na toalha e coloquei uma roupa, escolhendo um conjunto de meias amarelas para esconder a queimadura do barco, que estava lentamente desbotando, uma saia roxa curta, e um top combinando sobre uma regata preta. Meus tênis ainda estavam molhados, mas após secar os fundos, eu os coloquei, recuando pela umidade e me perguntando se meu pai iria notar. Não era como se eu pudesse usar outra coisa. Eles foram feitos para essa roupa. E se a Amy não gostasse, ela podia sufocar na minha individualidade. Essa era quem eu era, e eu estava cansada de tentar me encaixar. Além do mais, Josh gostava do meu cabelo roxo.

Convencida, eu me inclinei contra a cama e arrastei a minha câmera. Eu ainda tinha mais ou menos cinco minutos antes do Josh chegar aqui. Tempo o bastante para mandar uma foto para Wendy. Ela tinha me mandado um e-mail na noite anterior com uma foto dela e meu antigo namorado, tirada na praia ao pôr-do-sol. Eles ficavam bem juntos, e após eu ter superado a minha raiva, eu percebi que era hora de me desapegar. Eu tentara me apegar ao jeito como as coisas eram, mas eu não conseguia. Já tinha ido embora. Eu estava mandando e-mail para o passado, tentando torna-lo meu futuro, quando o meu futuro estava em outro lugar. Mas isso não significava que eu não podia deixa-la morrendo de inveja das minhas meias amarelas.

De pé, eu desamassei os vincos da minha saia, esperando que o dia fosse ficar tão quente como o céu previa. Segurando a câmera na minha frente, eu achei uma pose de artes marciais, então desloquei minha mão até estar no visor, refletida no espelho acima da penteadeira.

Irritada, eu abaixei a câmera. Minha cama estaria na foto, e ainda era uma bagunça cuidadosamente planejada.

Arruma-la era fácil, e eu coloquei o ursinho de pelúcia vampiro que Wendy tinha me dado no lugar de honra entre os travesseiros de renda que meu pai achou que eu gostaria. O quarto não era nada como a caverna escura na casa da minha mãe. Eu não gostava nada da penteadeira branca decorada com botões de rosa. Tampouco do acolchoado de aparência antiga ou do monte de travesseiros de renda que eu tinha jogado da cama todas as noites para convencer o meu pai de que eu estava dormindo. A cor rosa pálida das paredes era reconfortante, contudo, combinando bem com o carpete creme. Era dolorosamente óbvio que o meu pai tinha se esquecido que eu não tinha mais seis anos e tinha enchido o quarto com coisas rosas e brancas com rufos que eu tinha evitado por anos.

Meus dedos, que estavam arrumando os travesseiros, ficaram devagar enquanto eu percebia que meu quarto estava quase idêntico ao meu quarto antes de termos ido embora. Meio como que a cozinha e a sala de estar, todas carregando sussurros da minha mãe. Ele não estava se desapegando, tampouco.

Meu humor ficando introspectivo, eu peguei a câmera. Tinha machucado não ver Wendy toda dia. Nós nos conhecíamos desde a quinta série, e ela era provavelmente a razão pela qual eu nunca chegara completamente a ser da turma dos populares, agora que eu pensava nisso. Ela era mais excêntrica do que eu, mas eu tinha me recusado a dar o cano nela quando eu finalmente fui convidada a me juntar, tentando levá-la junto comigo ao invés. Wendy tinha ficado silenciosamente ao meu lado com uma sacola de almoço ambientalmente consciente e com sua música política retumbando, sabendo que eu estava cometendo um erro, mas confiante o bastante em si mesma para esperar que eu percebesse isso. Esperar achar outra amiga como ela entre as Amys e os Lens parecia realmente difícil. Josh, contudo, estava revelando ser legal. O obturador fez um clique, e eu deixei tanto meu braço quanto meu sorriso caírem. Eu conectei minha câmera no meu laptop. Pelo menos isso tinha vindo comigo da casa da minha mãe e era apropriadamente

escuro e mal-humorado. O plano de fundo era da minha banda alternativa favorita. Wendy tinha me apresentado a eles, mas para ser honesta, eu gostava mais do barulho agressivo do que da mensagem por trás dele.

Imediatamente a foto foi upada, e eu a abri para checar a resolução.

Minha pele ainda tinha seu bronzeado de praia, o que era estranho, mas eu assinalei isso por não ter um corpo real. As pontas roxas do meu cabelo estavam começando a desbotar, contudo. Não tinha crescido nada desde que eu morrera, e eu me perguntei se eu ia ficar assim para sempre. Meus olhos foram para o meu peito pequeno, e eu suspirei. Nada bom. Nada bom mesmo. Mas então eu olhei mais perto para a foto, franzindo a testa.

“Ah, droga,” eu sussurrei, alarme me gelando. Eu conseguia ver a minha cama atrás de mim. Quero dizer, eu conseguia ver atrás de mim até a minha cama. Assustada, eu olhei para as minhas mãos. Elas pareciam sólidas para mim, mas a foto discordava.

“Ah, droga...” eu fiquei na frente do espelho, o medo fazendo a memória do meu coração golpear. Eu parecia bem aqui também, mas quando eu peguei a minha câmera e olhei para mim mesma através das lentes...

“Ah, droga!” eu disse uma terceira vez. Não era óbvio, mas havia um traço de sombra onde a cama estava, e até mesmo um formato de travesseiros.

Isso não era mesmo o que eu precisava. Josh estava pronto para bater na minha porta para me levar para batalhar contra o malvado mestre dos ceifadores e roubar seu amuleto. Eu não tinha tempo para ser deficiente de substância. Preocupada, eu agarrei meu amuleto e relaxei meu foco, tentando entrar naquele estado nebuloso em que eu estivera ontem para checar as coisas. Talvez eu tivesse quebrado cordas demais quando eu pratiquei ficar invisível? Talvez eu tivesse começado um deslindamento que não pudesse consertar?

Grace tinha me dito para não fazer isso. Mas eu nunca saberia se não parasse de tremer! Meu tempo passado com Barnabas no meu telhado aprendendo a relaxar tinha compensado, e lentamente minha pulsação desapareceu. Meus dentes destrincaram, e eu encontrei nos meus pensamentos a imaginação brumosa do meu fio da vida e a rede de teia de aranha rendada juntando-a ao cosmo. Imediatamente o nó no meu estômago relaxou. As cordas da conexão eram óbvias, me amarrando ao presente enquanto o futuro deslizava para o agora. Meus pensamentos estavam jogando fora novas cordas tão rápido quanto o sol passava pelo céu, puxando-me junto com o resto do mundo. Eu não tinha quebrado nada.

“Então por que eu posso ver a mim mesma?” eu sussurrei. Pânico acalmando-se em preocupação, eu puxei a minha foto dos meus sapatos no meu laptop. Eu estivera com eles na hora que tirara a foto. Espreitando os olhos, eu olhei novamente, mas o pouco que eu podia ver dos meus tornozelos parecia normal. Aliviada, eu joguei ambas as fotos no lixo e o esvaziei. Wendy teria que ficar sem.

De jeito nenhum eu iria deixar alguém tirar outra foto de mim.

O som de um veículo vindo pela silenciosa rua residencial me fez inclinar sobre a janela. Um sorriso cresceu quando eu vi a velha caminhonete azul de Josh. Ele estava aqui. Finalmente.

Arrastando-me, eu desconectei a minha câmera, agarrei a minha carteira, bati no meu bolso traseiro para me certificar de que eu estava com meu celular, e comecei a ir para o corredor. *Por favor, por favor, por favor não deixe o meu pai saber que eu sai essa manhã.* Isso tudo podia virar uma interrupção desagradável e com gritos realmente rápido.

“Madison?” a voz do meu pai ecoou fracamente. “Josh está aqui!”

Ele soou relaxado, e eu expirei. “Já estou indo!” Eu gritei enquanto desci bruscamente as escadas com alívio. Meu pai me esperou no final ao lado da porta da frente, parecendo casual com uma calça jeans e uma camiseta leve, sorrindo. Eu tinha conseguido de novo, mas por pouco.

“Não se esqueça da impressora,” ele disse, dando-me uma pequena caixa de câmera. “Eu coloquei papel e tinta extra ali,” ele disse enquanto amarrava a tira no meu ombro, me sentindo culpada. “O bastante para tirar quantos fotos você quiser.”

“Nossa, pai,” eu disse enquanto olhava dentro. “Quantas fotos você acha que as pessoas vão querer?” Eu não ia nem mesmo estar lá. Como eu ia explicar não usar nada disso? Mas eu tinha que confrontar Kairos agora, a Grace desaprovando ou não. Se ela realmente achasse que eu estava em perigo, então ela devia chamar o Ron.

“Eu te conheço,” meu pai disse. “Quando você fica atrás de uma câmera, você não consegue evitar. Considere isso a minha contribuição. Pode ser deduzido nos impostos!” ele disse, seu sorriso virando um grandão que fez seu rosto largo parecer se acender. “E eu gosto das suas fotos,” ele disse, dando-me um abraço de adeus. “Todos os outros vão gostar também. Você está bonita hoje. Você estava certa. Roxo é a sua cor.” Sua expressão ficou pensativa, e ele olhou para a caminhonete de Josh. “Você e Barnabas não estão tendo problemas, estão?”

Eu parei abruptamente. Ah, é. “Pai, eu te disse que Barnabas e eu somos só amigos.”

“Ele passa um tempo danado com você para ser só um amigo,” meu pai alertou.

“Só um amigo,” eu disse firmemente. “E ele sabe disso. Eu só estou passando o dia com o Josh. Não é nada demais. Se tivermos sorte, Barnabas irá aparecer, e poderemos ir para a feita juntos.”

Assentindo, ele colocou uma mão no meu ombro. “Parece que você tem isso sob controle,” ele disse, e eu abafei o que teria sido uma risada histérica. “Divirta-se hoje.”

“Me divertirei,” eu disse, minha preocupação e culpa crescendo. Eu quase podia ouvir Grace cantando sobre a garota que era uma mentirosa e caiu numa fritadeira. “Obrigada pela impressora e tudo.” Eu era uma filha tão ruim. Mas ele soubera o que estava ganhando quando a minha mãe me despachou pra cá – na maioria.

Meu pai me seguiu até a varanda quando Josh saiu de sua caminhonete. “Oi, Sr. A.,” Josh disse, acenando. Ele estava usando calça jeans e uma camiseta, mas eu conseguia ver sua sacola de ginástica enfiada contra os fundos, manipulando a performance de hoje, eu acho.

Escaneando asas negras, eu apressadamente entrei em sua caminhonete e bati a porta, ansiosa para ir

embora. O sininho estava brilhando, e eu me inclinei para frente enquanto colocava meu cinto de segurança. “Grace, eu pareço bem para você?” eu perguntei, lembrando-me da minha foto. “Estou magra? Quero dizer, transparente?”

O bater das asas delas ficou óbvio. “Não,” ela disse, pairando perante mim. “Por quê?”

Eu tomei fôlego para contar a ela, então mudei de ideia quando Josh abriu sua porta. “Mais tarde.”

Josh deslizou de volta para trás do volante e olhou desconfiadamente para mim enquanto fechava sua porta.

“Sentindo-se culpada?” ele provocou, vendo a minha preocupação.

Revirando meus olhos, eu sorri. “Josh,” eu disse, tentando achar um ar terreno, “as coisas que eu fiz quando a minha mãe achava que eu estava dormindo iriam te chocar.” Ele riu e eu acrescentei, “A primeira vez que eu encontrei Kairos, eu morri. Estou um pouco nervosa, está bem?” Eu não ia dizer a ele que tinha acampado do lado de fora da casa dele na noite passada depois dele ter adormecido. O cara tinha seu orgulho.

Josh olhou sobre seu ombro e recuou para a rua. “Desculpa,” ele disse suavemente. Ele lentamente acelerou na direção da cidade, e eu acenei adeus para o meu pai de pé na varanda. Pelo amor do guarda, ele podia ser mais envergonhador? “Ei, obrigada por mandar uma mensagem essa manhã,” eu disse. “Eu vi uma asa negra mais ou menos ao amanhecer. E quanto a você?” “Nada.” Franzindo a testa, ele empurrou seu óculos para cima e virou para ir ao Parque Rosewood. “Estou feliz por termos tido um espaço para respirar, mas temos que pegar o amuleto do Kairos essa manhã. Eu não posso aguentar muito mais a Grace.”

“Sério?” eu questionei, e a anjo fez um som de bufo.

“Eu fiquei sem água quente no meu chuveiro ontem à noite, e tenho certeza de que foi ela,” ele disse. “A internet não funcionava, tampouco. E meu irmão ficou tropeçando seu dedão por toda a porcaria da noite. Madison, ela está me deixando maluco.”

Do sininho veio uma risada parecida com uma campainha. “Josh iria cortar seu rosto com sua lâmina de barbear se tentasse usa-la sem um espelho, e seu irmão ia fazer algo travesso, então eu desliguei o sinal da internet. E cada vez que ele jurava, eu o fazia tropeçar no seu dedão.”

Eu olhei para o brilho dourado ao redor do sino delicadamente oscilando. Josh tinha se barbeado? Meus lábios se pressionaram juntos enquanto eu me lembrava daquele semáforo tombando. Claramente Grace não se importava em causar o caos se fosse menos horrendo do que a encrenca que ela imaginava que estava prevenindo.

“Nada aconteceu na noite passada, Grace,” eu disse para acalmá-la. “Ao meio-dia, tudo ficará bem.” Eu pensei naquela foto e nas asas negras, e eu tomei um grande fôlego que eu não precisava.

“Josh está bem, e ele não estaria se você não tivesse ficado com ele. Não se sente bem quanto a isso?”

“Si-i-i-m,” ela enrolou, soando muito satisfeita consigo mesma para a minha paz de espírito. Eu olhei pela caminhonete para Josh enquanto saltávamos pelo caminho. “Ela está terrivelmente convencida,” eu disse em aviso.

“Ótimo,” ele disse. “Grace,” ele disse, claramente mais confortável hoje falando com o ar do que estava quando eu o deixei ontem. “Não importa se ficarmos com um pneu furado a caminho do parque, ainda assim vamos fazer isso, só que iremos fazer isso na estrada ao invés de num pedaço bom e silencioso de terra onde ninguém mais irá se ferir se as coisas não derem certo.”

O sino balançou delicadamente. “Nada está errado,” ela quase ronronou.

“Eu não gosto disso,” eu resmunguei. Era uma sensação que aumentava quanto mais perto chegávamos ao parque e quanto mais carros eu via. Alguns estavam até mesmo sendo puxados para a lateral da estrada. Casais com crianças estavam saindo, nervosos por causa do tráfego. Rosewood não era um parque tão grande. Nunca havia muita atividade lá, mesmo nos sábados.

“Hã, Madison?” Josh questionou enquanto parava no parque e se encontrou numa fila. Uma van enfiou-se atrás dele, e nós estávamos presos. Josh avançou um centímetro para frente até uma mulher usando um boné de escola. Ela estava obviamente dirigindo o tráfego, e todos estavam parando para falar com ela.

Grace começou a rir, e eu percebi o que tinha acontecido. O evento tinha sido transferido do Parque Blue Diamond para cá. Ótimo. Simplesmente ótimo. Não era de se surpreender que Grace estivesse dando risadinhas.

“Grace!” eu berrei, e Josh me lançou um olhar para ficar quieta enquanto abaixava seu vidro. *Eu não tinha tempo para isso! Eu tenho que encarar Kairos e conseguir minha vida de volta!* A mulher com o boné nos espiou no sol. “Participando ou atendendo?” ela perguntou. Do sino veio um harmonioso, “Uma garota chamada Madison Avery, considerada esperta e agradável. Então uma ordem ela deu, para uma anjo tornada escrava, mas logo ela estremeceu e desmoronou.”

Josh se inclinou na janela. “Hã, participando. Eu vou correr e ela vai tirar fotos.”

Eu levantei minha câmera para explicar, mas minha consciência me machucava. Eu não tinha vindo aqui para tirar fotos, mas aqui eu estava.

A mulher espreitou os olhos para o estacionamento cheio. “Dirija até o final. Os participantes estão estacionando na grama. Só siga os balões amarelos.”

“Siga os balões amarelos!” Grace harmonizou, zunindo ao redor da cabine, deleitada com seu sucesso em nos impedir de confrontar Kairos.

Josh assentiu, mas ele não se moveu para frente. “Por que não estamos no Blue Diamond?” As sobrancelhas da mulher levantaram-se. “Ah, foi a coisa mais estranha!” ela exclamou. “Os irrigadores ligaram e ficaram assim a noite toda. Tem lama até os seus calcanhares, então tudo foi deslocado para cá. Obrigada por ajudar hoje. Certifiquem-se de parar na barraca da hospitalidade.”

De jeito nenhum íamos sair daqui tão cedo, e eu me inclinei para frente. “Você sabe com quem posso falar sobre montar uma mesa para revelar as minhas fotos?” eu perguntei.

Ajustando seu boné, a mulher pensou. “Veja com a Srta. Cartwright,” ela disse, olhando sobre os carros para o parque. “Ela está supervisionando tudo. Ela estará na tenda verde.”

Minha cabeça inclinou-se. Eu tinha visto a Srta. Cartwright nos corredores na escola, mas eu não sabia o que ela lecionava. “Obrigada,” eu disse, e eu me reclinei de volta no meu assento, irrequieta. Droga, Grace.

Josh se espreitou para frente. “Siga os balões amarelos,” ele disse amargamente. Grace moveu-se rapidamente de uma ponta da cabine para a outra. “Siga os balões amarelos!” eu suspirei, e minha câmera pareceu pesada no meu peito. “Grace, você é má,” eu sussurrei.

“Essas coisas são fáceis,” ela disse presunçosamente. Aparentemente eu fora perdoada, já que ela se sentou no meu ombro e fez meus ouvidos zumbirem com a vibração das asas dela. Josh olhou os carros estacionados enquanto passávamos, e suspirou. “Não podemos lutar contra Kairos aqui.”

Grace deu risada, e eu fiz uma careta. “Nem,” eu disse. “Não acho que possamos ir embora, tampouco.”

Do meu ombro, Grace disse, “Se tentar, você vai conseguir um pneu furado, Joshua.”

Joshua, eu pensei, curiosa. “Não tente ir embora,” eu disse enquanto chegávamos perto da saída. “Você ficará com um pneu furado. A Senhorita Limerique aqui não quer que fiquemos encencados.” Presentes de cachorrinhos, talvez pudéssemos sair andando daqui. Grace não faria um de nós quebrar uma perna ou nada assim, faria?

“Limerique?” Josh perguntou, e eu balancei minha cabeça.

“Você realmente não quer saber.” É, Grace provavelmente quebraria algo, rindo o tempo todo.

Ele estava se concentrando no estacionamento, e eu agarrei a maçaneta da porta quando ele foi para a grama e inclinou-se nos sulcos, seguindo a linha de carros oscilados de frente até o fim até estacionarmos na sombra de um carvalho em expansão. O som das nossas portas fechando parecia ecoar enquanto um punhado de outras pessoas estacionavam e saíam de seus veículos. Josh estava com sua sacola de ginástica com ele, e minha sacola da câmera estava sobre meu ombro. O ar estava revigorante e frio sob a árvore, e eu podia sentir a animação à medida que as pessoas lentamente migravam de seus carros para o aberto. Fora uma noite longa e miserável observando a casa do Josh, mas o fato de eu estar meio que transparente me fez ficar preocupada sobre ficar invisível novamente tão cedo. Eu podia evitar o Kairos por algumas horas. Tirar algumas fotos. Não ser tão mentirosa.

“Grace, fique com o Josh. Por favor,” eu acrescentei tardiamente enquanto a bola brilhante de luz que era as asas dela tomavam uma tonalidade hostil. “Ele não pode fazer esse evento comigo correndo ao lado dele.” Suas asas se escureceram até quase nada, e um “tudo bem” subjugado saiu dela.

Eu não confiava no show dela de submissão, e nós lentamente nos contorcemos pelos carros estacionados até o campo. Na metade do caminho eu levantei a minha câmera e tirei a foto de uma criança, estupefação em seu rosto enquanto ele tocava o nariz de um palhaço. Um sorriso tomou conta de mim enquanto eu olhava para ela no visor.

O céu era de um azul brilhante, e a maquiagem do palhaço estava nítida e perfeita. Brilhante e arrojada.

“Um bom dia para uma corrida,” Josh disse lentamente.

eu assenti, sentindo o ar nos meus pulmões. “Suponho que podemos fazer isso por um tempinho,” eu disse, não querendo que um meteoro caísse em mim se eu tentasse ir embora.

“Eu prometi correr algumas voltas,” ele disse. “Eu não posso coletar o dinheiro de outro jeito.”

Vendo seu desejo de correr, eu desloquei minha sacola para mais alto no meu ombro. Estava pesada com a minha promessa. Kairos podia esperar algumas horas enquanto Grace estivesse observando o Josh. “Então, te vejo por volta do meio-dia?” eu disse enquanto fazia menção de me dirigir para a tenda verde.

Josh sorriu, o sol em seu cabelo. “Cuidado com a Amy.”

eu sorri falsamente. Era preciso habilidade para tirar uma foto boa. Era preciso mais para tirar uma ruim. “Pode apostar.”

Ele assentiu e se virou. Eu esperei um momento para me certificar de que Grace foi com ele, então me dirigi para a tenda verde e para a Srta. Cartwright.

O vento deslocou as pontas roxas do meu cabelo na frente da câmera, e eu esperei até que passasse. Eu lentamente segui o corpo galopante de Josh ao redor da pista, dando zoom enquanto ele curvava a virada e eu conseguia ver seu rosto. Ele inalou, e eu tirei a foto, imediatamente deslocando a câmera do meu olho para ver o que eu tinha captado no visor.

Eu não conseguia evitar sorrir. Ele parecia adequadamente torturado, os olhos apertados e a boca aberta.

O suor fazia seu cabelo grudar na sua testa. Atrás dele estavam as formas borradas e coloridas dos outros corredores. No fundo dianteiro havia uma bola brumosa de luz que qualquer outra pessoa diria que era um artefato da câmera, mas eu sabia que era a Grace. Josh ficaria feliz de ver uma evidência dela.

O som de pés correndo chamaram a minha atenção. “Está bonito, Josh!” eu gritei, e eu consegui um aceno breve em retorno. Ele não estava tão cansado quanto a foto indicava. E não era uma corrida. O time de corrida está só se certificando que alguém estava no campo o tempo todo, meio que uma maratona o dia todo. Do lado de fora da pista estava um grupo de não-atletas que se movia muito mais devagar. Era um evento social tanto quanto qualquer outro, e eu conseguia ouvir as mulheres falando sobre seus filhos enquanto andavam rápido carregando pesos, ganhando dólares por volta para ajudar a comprar um novo ônibus de atividade.

Eu levantei minha câmera e tirei uma foto quando uma das mulheres riu, capturando-a em um instante de felicidade. Seus distintivos de participantes estavam claramente visíveis, e eu brinquei com a ideia de mostrar isso para a Srta. Cartwright para ver se ela queria usar isso na promoção do ano que vem.

Virando, eu avistei o time de corrida feminino da Covington High se alongando sob a sombra das bétulas. Distintivos coloridos de ginástica sujavam a grama, e eu tirei algumas fotos, me certificando que Amy não estava em seu melhor. Dando zoom, eu foquei na bandagem sobre seu nariz roxo, machucado e inchado, graças a Grace, e com um sorriso, eu tirei uma realmente ruim com a boca dela aberta.

“Nunca irrita o fotógrafo,” eu sussurrei, me sentindo bem sobre capturá-la em mais do que uma pose estranha e desfavorável.

Eu estivera tirando fotos agora por três horas e eu estava começando a ficar cansada, mesmo enquanto os meus músculos fotográficos há muito inaproveitados curtiam o exercício. O cartão da câmera que eu tinha comprado ontem fora uma dádiva dos deuses. Eu já o tinha enchido uma vez, tirando tempo para jogar tudo na impressora antes de limpá-lo e voltar a procurar mais momentos oportunos.

“Como esse,” eu sussurrei quando vi um homem segurando sua filha perto e alto de seu rosto. Ele estava apontando para um dos transeuntes no campo, e o bebê, uma garota pelo laço e franjas, estava seguindo seu olhar. O rosto do homem brilhava enquanto ele falava com sua filha. Atrás deles vinha um carrinho de bebê com uma enorme sacola de fraldas enfiada debaixo dele e um punhado de brinquedos presos na barra frontal.

Eu tirei uma foto do carrinho de bebê só porque eu achei que era legal que algo tão pequeno precisasse de tanta coisa, então me foquei no homem e em sua filha, esperando até que a garotinha reconhecesse quem ele estava apontando e fizesse um gargarejo delicioso e agitado. Eu cliquei, e o homem se virou quando a câmera fez barulho.

Eu sorri, checando para me certificar que a etiqueta de identidade que a Srta. Cartwright tinha me dado estava aparecendo.

“Eu tirando fotos para apoiar a escola,” eu disse pela enésima vez hoje. “Você gostaria que eu imprimisse elas pra você? Eu as terei prontas em torno de uma hora.”

Sua suspeita evaporou, virando deleite quando eu estendi a parte de trás da câmera para ele ver.

Eu nem ao menos sabia que você estava aí,” ele disse, sacudindo a garota. “Isso é lindo. Quanto?” Ele deslocou sua filha para alcançar seu bolso traseiro, e eu acenei para que não o fizesse.

“Estamos pedindo por um dólar, mas você paga quando as vir,” eu expliquei. “Eu as colocarei na tenda verde.” A pancada de pés rápidos veio e partiu atrás de mim, e a garotinha contorceu-se, olhando sobre o meu ombro para seguir os corredores com seus olhos.

“Estarei lá,” o homem disse enquanto lutava para segura-la. Ele olhou a infante feliz, dizendo em falseta, “A mamãe amará ter uma foto nossa.” Seu amor por sua filha ainda estava em seus olhos quando ele se voltou para mim. “Obrigado. Eu sempre esqueço de trazer a minha câmera nesses negócios. Fraldas, mamadeiras, brinquedos, e seu paninho, mas nunca uma câmera.”

Assentindo, eu dei a ele um tíquete para se lembrar antes que eu acenasse para a garota arrulhada e me afastei.

Era bom estar fora fazendo algo ao invés de ficar de mal humor no meu quarto como se fosse uma prisão, saudosa dos meus antigos amigos. Ontem no Mini D com Josh fora legal, mesmo com a Amy se intrometendo e a encrenca com Kairos se aproximando. Eu tinha esquecido como era uma boa sensação ficar com alguém e não ficar com medo de ser quem eu realmente era. Hoje, o sol estava quente, o ar estava frio, e eu estava ocupada gastando o dinheiro do meu pai em tinta e papel. Não ficava muito melhor que isso.

Das árvores próximas, eu ouvi Amy dar um grito de chamar a atenção, “Oi-i-i-i, Josh!” e eu olhei para cima para vê-lo passar correndo novamente. Parker estava lá com ele agora, e parecia que eles estavam conversando. Eu fui tirar uma foto deles, mas uma mensagem de cartão cheio apareceu.

“Cruzes,” eu disse com um suspiro, então me dirigi para a tenda onde tinha montado minha mesa. A Srta. Cartwright era realmente boazinha, nem pestanejando às pontas do meu cabelo roxo e brincos de caveira quando me dera uma mesa onde eu podia colocar algumas das fotos variadas que ninguém iria querer.

“Madison! A minha foto já está pronta?” uma voz cansada e matrona chamou, e meu olhar foi para uma mulher fatigada com três garotos poeirentos. Ela parecia pronta para encerrar. Eu tinha uma bela foto esperando dela e seus garotos no carrossel antes que eles a tivessem cansado e ficado com algodão-doce em

suas roupas. O sol brilhando na pintura dourado combinava com o cabelo deles, e as linhas retas acima e abaixo contrastavam lindamente com as crinas enroladas e as pinturas brilhantes dos cavalos. Lado a lado, a semelhança familiar que tinha mudando pouco aos anos era impressionante. Eu imprimi uma segunda para mim só porque eu gostava.

“Está pronta,” eu disse, gesticulando para a tenda, mas ela estava ocupada afastando os dois mais jovens enquanto eles discutiam sobre o peixe dourado que tinham ganhado.

“Eu já vou,” ela disse rapidamente, então levantou sua voz para dizer a eles que eles iam matar o peixe se continuassem balançando-o desse jeito.

Ninguém nem ao menos notou quando eu deslizei para dentro da tenda e tracei meu caminho para a mesa de trás.

A sombra era um alívio bem-vindo, e eu relaxei atrás da longa mesa para me assentar na minha cadeira. Um som agradável escapou de mim quando eu percebi que uma boa porção das fotos tinha sumido, mesmo aquelas que eu pensara que ninguém iria querer. Feliz, eu liguei a câmera na impressora e disse para imprimir tudo. Era bom ter meus esforços apreciados.

As fotos começaram a sair uma por uma, e eu me ocupei em arranjá-las na mesa para que as pessoas pudessem achá-las. Uma sombra caiu sobre mim, e eu olhei para cima quando a Srta. Cartwright disse admiradamente, “Ah, eu ficarei com essa.” Ela esticou a mão para a foto caindo no funil, acrescentando, “Howard é meu irmão. Eu adoraria dar isso a ele de aniversário. É maravilhoso.”

Eu espiei a foto de um homem sentado no tanque de afundamento, casualmente falando com alguém na multidão. Ele estava pingando de tão molhado, e um borrão de bola estava direcionado bem no alvo. O que aconteceria a seguir era óbvio. “Sério?” eu perguntei, grata. “Obrigada,” eu acrescentei, entregando-a.

Ela sorriu para ela brevemente, seus olhos verdes cansados viajando carinhosamente pela foto. “Não, obrigada você. É difícil comprar coisas para ele,” ela disse enquanto colocava atrás da orelha uma mecha longa de cabelo que tinha escapado de seu grosso rabo-de-cavalo. “E essa é uma bonita do Mark,” ela disse enquanto a foto do homem e da garotinha na pista saía. “Ele é dono do lava-carros. Ele não tem muita oportunidade de ficar com a Jóia. E assim que chamam a filha deles. Jóia.” Sua expressão se iluminou e seus dedos viajaram pelas fotos. “E a Sra. Hall. Ai meu Deus, olhe para o tamanho desse sapato. Não é de se espantar ela não ter pego sua foto. Esse casco está bem na frente e no meio.”

Eu me inquietei, envergonhada, mas era legal ouvir sobre as pessoas de quem eu tinha roubado pedacinhos da vida. Isso me fazia sentir como se eu pertencesse a algum lugar. Eu não conseguia evitar me perguntar se fora isso que eu tentara fazer hoje – capturar vidas porque a minha tinha basicamente parado e o mundo não tinha. Continuando sem mim. Circulando como as estações.

Olhando mais perto, eu apertei os olhos, querendo levar a foto para o sol. Era quase como se eu conseguisse ver um brilho ao redor dela. Sua aura? Neeem. “Eu achei que a maneira como o roxo dos balões combinou com as solas de seus sapatos era bacana,” eu disse, tentando explicar porque as costas da Sra. Hall eram tão fascinantes. Bacana? Eu acho que é bacana? Deus! Eu sou tão nerd.

“E é.” A Srta. Cartwright sorriu para a foto da van de alguém, as portas traseiras abertas para mostrar que estava lotada até o topo com papéis não-entregues. “Você tem um talento realmente especial para composição. Para ver o que importa. O que perdemos se não diminuirmos a velocidade.”

Outra foto rolou da impressora, e eu a coloquei na mesa. “Obrigada. Eu pertenci ao clube de fotografia na minha última escola. Eu acho que aprendi mais do que pensava.”

A Srta. Cartwright fez um som interessante. “Você não está na lista da minha aula. Por que não? Você tem um bom olho para isso.”

Ela é a professora de fotografia? “Hã, eu não sei,” eu disse, repentinamente nervosa.

As sobrancelhas da mulher se arquearam, e ela abaixou a foto da Sra. Hall. “Ah-h-h-h, você é uma dessas, não é?” ela disse, e eu encarei inexpressivamente. “Você não quer ser rotulada como cdf, então você pinta seu cabelo de roxo e evita qualquer coisa que diga que você é esperta.”

“Não,” eu disse rapidamente, mas ela fez uma cara de reconhecimento para mim, e eu mudei meu olhar para o teto empoeirado. “Clube de fotografia é quase tão ruim quanto o clube de xadrez,” eu protestei, e ela riu, pegando a próxima foto enquanto saía. Eu tinha um pressentimento de que o clube de fotografia não tinha ajudado na minha busca por popularidade na minha antiga escola.

Eu não achei que fosse me ajudar muito aqui, tampouco. Mas por que é que ainda estava tentando entrar no grupo dos populares?

“Reconsidere isso, Madison,” ela disse enquanto examinava a foto. “Há muito talento aqui. Eu estive olhando o que você esteve fazendo, e você está capturando vida de um jeito que é unicamente bonito; mesmo a feiúra é bonita. Esse tipo de olhar é difícil de ser revelado, com o perdão do trocadilho. Você talvez consiga uma bolsa de estudos se aplicar.”

Eu estava morta, sim, mas eu provavelmente ainda tinha que ir à escola e conseguir um bom emprego. Se eu ia viver para sempre, eu preferia fazê-lo em uma bela casa do que num beco. “Você acha?” eu perguntei a ela, ponderando se eu conseguia ganhar dinheiro fazendo algo que eu amava. Quase não parecia justo.

A Srta. Cartwright abaixou a foto quando outra mulher começou a olhar as fotos. Reconhecendo-a, eu apontei as suas. Seu *ooh* de deleite me fez sorrir, e ela se demorou antes de pagar por elas, rindo das fotos de seus vizinhos.

“Eu falarei com o conselheiro e te colocarei na minha aula avançada,” a Srta. Cartwright disse para conseguir minha atenção de volta. “Você vai ser uma veterana esse ano, certo?” Um tremor correu por mim. Veterana. Eu gostava do som disso. “Está bem,” eu disse. “Você me convenceu.” Eu estava mais feliz sendo eu mesma – cabelo roxo, música alta, morta, e tudo – do que tentando me encaixar com as Amys. E eu não achava que Josh fosse me descartar só porque eu não estava no grupo dos populares. Não que nós realmente fôssemos alguma coisa. Ela assentiu, deslizando para pegar a foto de Josh, Uma das primeiras a serem impressas.

“Outra do Josh?” ela disse, sorrindo. “Uau, você tirou uma boa aqui. Você tirou essa da arquibancada?” Eu assenti, e ela murmurou, “Mão firme. Que pena o brilho do sol nessa foto. Engraçado. Ele geralmente não aparece quando o sol está nesse ângulo.”

Ela franziu a testa, levando a foto até seu nariz. “Algo nessa me deixa desconfortável. O espremer dos olhos, talvez...” Seus ombros levantaram e caíram. “Pode ser os corvos nos fundos. Minha avó os perseguia para saírem de seu telhado o tempo todo. Ela odiava corvos.”

Meu rosto endureceu. Corvos?

A Srta. Cartwright abaixou a foto. “Você foi ótima hoje, Madison,” ela disse com um sorriso. “As pessoas estão dando mais do que a doação pedida. Você conseguiu mais que duzentos dólares.”

Não houvera corvos na pista - houvera? Grace estivera bem ali com o Josh. Eu a tinha visto. “Melhor que o tanque de mergulhamento, a Srta. Cartwright dizia. “Howard ficará decepcionado. Ele é geralmente a grande atração. Por que você não encerra o dia?” ela sugeriu. “Vá se divertir. Eles estão prestes a ler o total. Você devia encontrar o Josh e ficar para a festa. Vai ter dança...”

Ela me deu um sorriso final e foi puxada por uma mulher nervosa segurando um punhado de tíquetes. Eu mal notei a sua partida, e eu peguei a última foto que tinha tirado de Josh. Não eram corvos nos fundos, eram asas negras. Elas estavam à distância sobre a linha das árvores, mas era isso que eram.

Frenética, eu olhei por baixo da tenda para procurar a linha que as árvores faziam com o céu. Nada. Eu só conseguia ver uma pequena fatia do céu. Algo devia estar errado. Grace devia estar observando-o, mas havia asas negras, e onde havia asas negras, havia ceifadores. Ou Kairos. Se ele estivesse aqui, eu nunca saberia. O trabalho da Grace era proteger o Josh, não me dizer quando havia encrenca.

Numa explosão de movimento, eu desconectei minha câmera da impressora. As fotos já estavam na fila, e após me certificar de que havia papel o bastante no funil, eu deslizei por baixo das cordas nos fundos da tenda. Eu tinha que achar o Josh.

As pessoas ao meu redor se transformaram de belas representações da vida em obstáculos irritantes, e eu me esquivei por elas tentando telefonar para Josh e escanear o céu ao mesmo tempo.

“Ainda deve estar correndo,” eu resmunguei quando não recebi resposta, e enfiei meu telefone no bolso traseiro. Eu fiz melhor progresso desse jeito, mas a saudação ocasional de algumas das mesmas pessoas das quais eu tirara fotos mais cedo reduziram a minha velocidade enquanto eu evitava tirar novas fotos.

O sol estava quente, mas estar morto tem suas vantagens, e eu não estava nem suando quando finalmente voltei para a pista. O calor tinha empurrado quase todos os observadores para a sombra mais próxima, e eu avistei Josh rapidamente. Ele estava correndo exatamente como quando eu o deixara, parecendo forte e pronto para correr mais uma ou duas voltas. Alívio abriu a minha mandíbula, mas ela se apertou novamente quando eu escaneei a linha das árvores. Asas negras. Pelo menos seis.

“Droga,” eu sussurrei, escalando uma das cercas de elo de correntes entre as arquibancadas e a pista para conseguir a atenção de Josh. As asas negras estavam distantes, mas estavam ali. Era como se estivessem confusas. Finalmente, Josh me avistou, e eu acenei freneticamente.

Imediatamente ele gesticulou para que um corredor tomasse seu lugar e diminui sua velocidade para uma caminhada.

Respirando arduamente, ele pegou a garrafa d’água que alguém tinha lhe jogado e veio na minha direção.

“Foram dezesseis voltas no total!” um homem de aparência compacta chamou, espremendo os olhos debaixo de um guarda-chuva acoplável. “Bom trabalho, Josh. Você vai ao Mini D com o resto do time de corrida? A pizza é por minha conta.”

Josh procurou a minha expressão preocupado, então dispensou-o. “Não, valeu!” ele gritou. “Tenho que ir.” E o homem voltou para sua prancheta. Das laterais, Amy franziu a testa, observando-nos com uma mão no quadril. Ao lado dela estava uma garota loira vestida exatamente como ela.

“O que foi?” Josh disse enquanto eu abria a tranca do portão e ele passava. “Parece que você viu um fantasma.”

“Muito engraçado. Ha-ha,” eu disse, empurrando-o na direção do estacionamento. Se Kairos estava por aí, esse não era o lugar para encontrá-lo. “Olhe para isso,” eu disse, dando-lhe sua foto. Um sorriso tomou conta de seu rosto. “Olha para o suor em mim! Essa é a Grace?”

Acima de nós veio uma risadinha, e eu olhei pra cima, para ser cegada pelo sol. Piscando, eu tropecei na pilha de mochilas. “Dá uma olhada no horizonte,” eu sugeri enquanto a minha visão clareava, “não em como você está bonito.”

“Asas negras?” ele disse.

“Não são corvos,” eu disse, me abaixando quando a Grace pairou próxima a foto para ver.

“Não é culpa minha,” Grace disse enquanto Josh começava a enfiar coisas em sua mochila. “Eu estive com ele o dia todo,” ela protestou. “Viu, essa sou eu na fotografia. E, além do mais, elas não chegaram mais perto. Muito.”

Josh fechou o zíper de sua bolsa de ginástica e se endireitou, lançando olhares nervosos para o limite florestal e esperando asas negras. “Você sabia que elas estavam lá?” eu questionei, e o brilho da luz dela se clareou.

“Bom, sim. Elas estiveram aqui o tempo todo.” A voz tinindo de Grace soou sarcástica. “Circulando lentamente. É como se um ceifador estivesse ao redor, mas não tivesse certeza para onde está indo.”

Eu olhei para Josh, assustada e quase culpada. O que estava fazendo me divertindo, me escondendo entre meus vizinhos como uma avestruz? Eu devia estar em um beco encarando esse perverso. O fato de que Grace achava que ficar invisível era perigoso não deveria ter me impedido.

“Temos que ir,” eu disse, e após olhar para seus colegas de time, Josh assentiu. Seu rosto estava pálido, e juntos nos dirigimos para a saída. “Grace, se você tentar nos impedir, eu juro que vou fazer você pagar.”

Ela ficou silenciosa, e a tensão traçou seu caminho até meu estômago, pioramos quando encontramos a rua principal e as pessoas lentamente andando em círculos. Nós tínhamos que passar pelo coreto para alcançar o estacionamento, e tinha ficado lotado enquanto todos se congregavam para ouvir o total.

A banda de ensino fundamental estava tentando organizar, e com os pais acenando para conseguir a atenção das crianças e os oficiais trazendo os últimos números, passar pela multidão era impossível.

Não pode ter tanta gente assim em toda Three Rivers, eu pensei amargamente, então parei abruptadamente para evitar esbarrar em uma criança pequena quando Josh agarrou meu cotovelo. Não havia jeito de passar tão rápido. Dando-lhe um sorriso infeliz, eu diminuí a velocidade.

“Talvez as asas negras não consigam nos achar entre todo mundo,” Josh disse.

Eu assenti. “Talvez,” eu disse, lembrando-me das pessoas cujas vidas eu havia roubado hoje. Eu nunca considerei que poderia coloca-las em perigo simplesmente por andar entre elas, mas eu provavelmente tinha. “Eu acho que Kairos está nos procurando com seus olhos, já que ele não consegue rastrear nossas auras.”

De cima, Grace disse, “Não é o Kairos, e ceifadores não caçam pessoas com seus olhos. Leva tempo demais e eles cometem erros. Vocês todos são parecidos para eles, especialmente para ceifadores negros.”

“É o Kairos, e eu não acho que ele ligue se cometer um erro,” eu protestei. “Todas as apostas estão canceladas, Grace. Ele quer seu amuleto de volta, e ele não quer que ninguém mais saiba que ele o perdeu.”

Os lábios de Josh se pressionaram, e ele se angulou para uma abertura na multidão. “Eu só consigo ouvir metade dessa conversa,” ele reclamou. “Talvez outra pessoa vá ser gadanhada,” ele sugeriu.

“Elas estão pairando no horizonte há horas,” Grace disse enquanto rodeávamos os últimos observadores. “Já teria acontecido e as asas negras teriam ido embora.”

“A Grace diz que se fosse gadanhada normal, já teria acontecido,” eu disse para benefício de Josh.

“Eu ainda acho que é o Kairos nos procurando.”

Nós nos esquivamos de um último grupo de pessoas. Finalmente o caminho estava livre. Deixando que a banda comesse um versão entusiasta de “Louie, Louie”, nós corremos para o estacionamento, carregado com as nossas coisas. Eu relaxei um tanto quando o alcançamos com seus balões amarelos cansados pendendo varetas, marcando os cantos. Hesitando como um veado na beira da floresta, eu olhei para cima e para baixo das fileiras. Onde Josh tinha estacionado?

“Ali,” Josh disse, apontando para a sombra da árvore como se tivesse lido a minha mente, e saímos numa passada rápida, ouvindo os aplausos quando a banda parou e a voz da Srta. Cartwright saiu do alto-falante para agradecer a todos por terem vindo. Eu suspirei quando a traseira de sua caminhonete ficou visível ao redor de uma van bunduda. Mas meu alívio virou irritação quando eu notei quem estava nos esperando.

“Como eles chegaram aqui antes que nós?” eu disse. Amy estava na traseira da caminhonete, os cotovelos no alto da cabine, tentando parecer sexy com seu short de corrida. A bandagem branca ao redor de seu nariz matava o efeito. Parker estava parado na guarda traseira, deslocando-se desconfortavelmente, e Len estava inclinado contra a porta dianteira com seus braços cruzados, como se quisesse começar uma discussão. Meus punhos curvaram-se. Eu não tinha tempo para isso.

“Serafins sumos que me mordam,” Grace resmungou. “Esse não é o meu dia.”

Da traseira da caminhonete, Amy chamou, “Oi, Madison, querida.”

Era zombeteiro, e a pele ao redor da boca de Josh estava apertada enquanto ele pescava suas chaves da sua mochila de ginástica. “Cai fora da minha caminhonete,” ele disse curtamente.

Amy abriu sua boca novamente, e eu disse repentinamente, “Oi, Amy. O que aconteceu com o seu nariz?”

Ficando rosa de vergonha, ela disse timidamente, “É uma roupa nova? Você fica tão bonitinha quanto a minha irmã caçula nessa meia-calça.”

O jeito como ela dissera isso fazia parecer que eu tinha três anos, e eu espumei, pensando em talvez fazer uma centena de cópias com a foto dela com sua boca aberta para pegar mosca e seu nariz inchado e azul - e então postá-las nos corredores da escola.

Len não tinha se movido, e Josh tinha se aproximado. “Por que você não cresce?” ele disse firmemente.

Vendo a foto segurada por Josh, Len se inclinou para frente. “Deixe-me ver,” ele disse, agarrando-a, e Amy a arrebatou, por sua vez.

“Ah, não é preciosa?” ela zombou. “Quantas você tirou dele, querida?”

Meus lábios se pressionaram, mas um farfalhar suave de folhas chamou a minha atenção para ver um fantasma de asas negras passar por cima e prosseguir. De olhos arregalados, eu senti o sussurro do meu coração começar. Não aqui. Não agora!

Amy deve ter pensado que eu estava com medo dela, porque ela pulou da caminhonete e resvalou para perto. “O time vai para o Mini D, Josh,” ela disse. “Todos estarão lá. Você vem, certo?”

O seu “você, mas não ela” implícito era óbvio, me deixando zangada. Josh pegou a foto de volta e esticou a mão para além de Len para a maçaneta da caminhonete. Ele a abriu com um puxão forte o bastante para mandar Len tropeçando para frente. “Não,” ele disse enquanto enfiava a foto no painel e empurrava sua mochila sob o assento. “Por que você não vai tomar um banho, Amy? Está suando como um porco.”

Sua boca caiu aberta, e eu abafei um riso alto o bastante para que ela ouvisse.

Len tentara fazer parecer que sua guinada brusca fora planejada, mas ele tinha perdido a compostura e sabia disso. Até mesmo sua risada não ajudou. “Vamos,” ele disse enquanto colocava suas mãos em seus bolsos e começava a recuar. “Não vou desperdiçar mais tempo aqui. Vamos. Parker?”

Amy drapejou um braço sobre os ombros de Parker para guiá-lo para longe. Ele parecia como se quisesse dizer algo, mas tudo que fez foi dar de ombros quando Josh encontrou seus olhos. Josh devolveu o dar de ombros.

Eu tentei fazer com que meu coração parasse enquanto Amy e Parker andavam entre Josh e eu, e eu forcei minhas mãos a se abrirem. Eles estavam a três carros de distância quando Amy chamou alguma outra pessoa, e eles se inclinaram para aquela direção. À distância, a banda recomeçou, alta e entusiasmada.

Josh parecia puto. Seu pescoço estava vermelho enquanto ele entrava na caminhonete e ligava o motor.

Ansiosa para estar longe, eu me virei para dar a volta por trás da caminhonete, parando abruptamente quando uma sombra ágil saiu da árvore e foi parar no meu caminho. Minha respiração sibilou. Nakita.

“Você?” Eu gaguejei, tentando realinhar meus pensamentos. Mas fazia sentido. Nakita era a única ceifadora negra que seria capaz de me reconhecer a vista – e já que ela sabia que eu tinha o amuleto de Kairos, Kairos não tinha nada a perder mandando-a atrás de mim.

“Eu te disse que era um ceifador!” Grace guinchou. “Cai fora daqui, Madison!”

Nakita deu um passo para frente, olhando a anjo. Seu sorriso aprofundou-se. “Eu acho que Ron quer que sua alma seja destruída. Ele deixou uma de primeira esfera para te observar? Ela não é capaz de me impedir.”

Eu tropecei para trás. “Josh! É uma ceifadora!” eu gritei, e escutei sua caminhonete ranger enquanto ele saía. Com um sorriso suave e confiante, Nakita tirou seus óculos de sol e os jogou de lado. Ela usava calças largas e uma regata apertada, tudo branco. Um sino de ouro pendia dos seus quadris, e ela usava um casaco longo branco e luminescente, sua bainha arrastando na grama desbotada. A pedra preciosa em sua lâmina retirada brilhava uma matiz rica e violeta, combinando com o amuleto em torno de seu pescoço. A Morte estava andando – procurando por mim. “Olá, Madison,” ela disse, me nomeando enquanto jogava seu longo cabelo preto para trás. “Você é uma alma difícil de se encontrar.”

Eu recuei, agarrando minha câmera como se pudesse me ajudar. Porcaria, onde estava o Barnabas quando eu precisava dele? Eu não podia reivindicar o amuleto de Nakita porque ela era uma ceifadora – como eu iria fazer isso? Eu tinha que bolar um jeito de tirá-lo dela. Mas como? Eu tinha que fazer isso rápido.

Josh estava de repente ao meu lado, parecendo assustado, mas determinado. Grace pairava sobre nós. Eu ouvi um farfalhar da árvore – asas negras. “Faça!” Josh sussurrou intensamente.

Eu podia muito bem tentar e ver o que acontecia. Se eu não fizesse isso, Josh estava morto. Eu não tinha nada a perder. Dando-lhe minha câmera, eu tomei um longo fôlego para trazer a imagem mental do meu amuleto à minha mente e retirei cada linha que eu conseguia ver que estava me conectando ao presente. Eu cambaleei, quase caindo por causa da sensação tonteante de ficar insubstancial.

Grace ficou abruptamente visível, e Josh estava recuando vagarosamente. No meu aperto estava o meu amuleto, mas parecia como se eu não o tivesse realmente. Grace estava olhando diretamente para mim, sua expressão assustada.

Um vizinha em mim dizia que algo não estava certo, mas eu não tinha tempo para pensar nisso, e eu estiquei a mão para o amuleto de Nakita.

“Madison, não!” Grace gritou, mas era tarde demais.

“Hey!” eu uivei quando Nakita casualmente agarrou meu punho com sua mão livre.

“Hey!” eu uivei quando Nakita casualmente agarrou meu punho com sua mão livre. “Você não devia ser capaz de me ver,” eu disse estupidamente, chocada enquanto olhava para ela.

Josh estava branco, claramente me vendo também. Eu não entendia! Eu conseguia ver meu amuleto na minha imaginação, os fios sendo cortadas enquanto mudavam do futuro para o presente, mas eu estava visível!

Seus lábios grossos se curvaram num sorriso, e Nakita me puxou para mais perto, curvando seu braço ao redor do meu pescoço e prendendo as minhas costas nela. “Eu não sei o que está tentando fazer, mas pare de se aproveitar do meu amuleto, sua sucubuzinha!”

Seu amuleto? eu pensei, então percebi o que tinha acontecido. Exatamente como quando eu estivera morta no necrotério e o amuleto de Barnabas tinha me prendido ao presente, o da Nakita estava fazendo isso agora. Burra, burra, burra! Eu me repreendi. Eu podia ser capaz de ver a Grace, mas eu não estava inteiramente invisível.

Droga!

Imediatamente eu parei de destruir as cordas, e Grace se tornou uma bola turva de luz.

Nakita ainda me tinha, e eu tentei sair de seu aperto, em vão.

“Solte-a!” Josh gritou enquanto pulou em cima de nós.

Deus, não!

Nakita desvencilhara-se do giro de Josh, desequilibrando-me. Antes que eu conseguisse ficar de pé, ela deu um chute, atingindo-o em seu plexo solar. Josh voou para trás, um som feio escapando dele enquanto caía de joelho ao lado da minha câmera abandonada e tentava respirar. Seus olhos estavam arregalados, e suor emplastrava de seu cabelo até seu rosto. Nakita era um bocado mais forte do que parecia.

“Está bem. Você me pegou. Deixe-o em paz,” eu disse ofegante enquanto olhava primeiro sua espada, então seu amuleto, há centímetros de mim.

“Kairos quer te ver,” ela disse, seus olhos azuis pálidos parecendo frios. “Aparentemente há um pequeno problema sobre juntar sua alma e corpo e a minha gadanha.”

Droga, eu pensei, tentando me desvencilhar. Isso não era nada bom. “Prometa-me que irá deixar o Josh em paz,” eu disse, esticando minha mão pelo braço dela na minha garganta até que minhas pontas dos dedos roçassem a pedra fria ao redor de seu pescoço. Nada aconteceu. Se eu conseguisse tocá-la, eu conseguiria pegá-la. Contanto que eu não a reivindicasse, eu ficaria bem.

Ela sorriu e me deslocou para longe, de modo que as minhas pontas dos dedos escorregassem. “O seu amigo morre primeiro,” ela disse. “Kairos está dois dias mais velho do que na semana passada, e ele está mal-humorado.”

Eles me pegaram, e ela vai ganhar o Josh de qualquer maneira? Eu pensei. Então eu arfei novamente quando Nakita me empurrou e foi voando para frente, os braços e pernas descontrolados. Eu atingi o chão arduamente ao lado de Josh. Meu olhar se moveu para as árvores, e eu estiquei minha mão para ajudar Josh a se levantar, aterrorizada pela extensão negra gotejante que eu via. Asas negras estavam voando pelos galhos e circulando a árvore. Elas podiam despir a minha alma e me destruir completamente. O que estava atraindo-os?

Tanto o meu amuleto quanto Grace estavam escondendo as nossas auras! Não estavam?

Eu olhei para cima para ver Nakita sorrindo maliciosamente, mostrando seus dentes perfeitos. A ponta afiada de sua lâmina cintilou, e quando ela deu o bote em Josh, eu rolei, batendo em sua pernas. Esperneando, ela caiu em mim. Eu lutei para pegar seu amuleto, e ela me empurrou, girando para ficar de pé.

“Madison, tira as labaredas do caminho!” Grace gritou.

Josh resmungou. Eu fiquei de pé, procurando-o. Ele estava deitado de costas, encarando o alto.

A lâmina de Nakita estava exposta e brilhando numa coluna de luz.

“Josh!” eu gritei, e eu quase chorei de alívio quando ele se deslocou para rolar e ficar com seus braços debaixo de si. Ele não estava morto. Mas ele estava machucado. Ela o tinha cortado?

Nakita franziu de repente, claramente não feliz. Uma asa negra voou entre Josh e eu, e meu medo ficou tão intoxicante que eu quase consegui sentir seu gosto. Elas estavam ficando mais ousadas. Eu não podia deixá-

las tocarem-no. Grace se abaixou. Eu fiquei tensa quando ela se encontrou com uma, e ela desapareceu em um brilho de luz lateral. Eu teria aplaudido, mas outra tomou seu lugar.

“Kairos me contou como você roubou o amuleto dele,” Nakita disse, e minha atenção foi até ela enquanto ela ficava de pé do lado da caminhonete com sua lâmina exposta. “Isso foi um erro. Não vai apenas acabar com a sua vida, como destruir a sua alma. O garoto está morto. Hora de ir.”

Vendo Nakita sorrir enquanto a mais ligeira das brisas deslocava seu longo cabelo, eu senti meu medo virar raiva: raiva por ela achar que eu iria mansamente para o meu fim, raiva por ela ter machucado o Josh, raiva por ela ser mais forte que eu, e raiva por tudo que eu aprendera ontem não ter significado nada.

“Eu gostaria de ver você tentar me pegar,” eu disse, caindo em um meio-agachamento.

Nakita riu, sua voz lançando as últimas asas negras no ar. “Você não tem escolha. É o destino,” ela disse, a música feliz da banda nos fundos um contraste nítido à suas ameaças. “Você não deveria ter essa pedra. Você deveria estar morta. E com você tendo ido embora, nós todos podemos voltar ao jeito como as coisas eram. Do jeito que tem sido por milênios.”

“Exceto que eu estarei morta,” eu disse, e ela deu de ombros.

“Você pode simplesmente me dar a pedra agora,” ela disse, a fina mão estendida.

“Acho que não,” eu disse, e seus olhos se espremeram.

Grace caiu ao meu lado, e eu acenei para que ela fosse para longe. “Fique com o Josh!” eu exigi.

“As asas negras não estão atrás dele,” ela protestou. “Eles estão atrás de você! Madison, não fique mais invisível. Você está rachando seu amuleto. Está quebrando. Eu te disse que era perigoso. É apenas o amuleto da Nakita mantendo-os longe de você agora.”

É apenas o amuleto da Nakita me impedindo de ficar nebulosa e que esse plano podre meu funcione, eu pensei, então hesitei. Se o amuleto dela estava me prendendo ao presente, então por que eu não poderia quebrar meus laços com o amuleto da Nakita como os meus próprios?

“Madison, não!” Grace disse, como se soubesse o que eu ia fazer.

“Fique com o Josh,” eu insisti, e seu brilho redobrou de frustração.

Nakita veio até mim e eu recuei, lutando por tempo e espaço para bolar como me desconectar de seu amuleto. Eu não conseguia sentir uma conexão, mas tinha que estar ali.

E eu não podia lutar com ela e encontrá-lo ao mesmo tempo.

Eu olhei para Josh ajoelhando-se no chão com sua cabeça abaixada. Eu pensei no meu pai e como eu queria vê-lo novamente. Eu pensei nas pessoas vivendo suas vidas, de momento em lindo momento, capturadas pela minha câmera, ignorando o presente que lhes fora dado. Eu não estava pronta para partir. Eu tinha que

encontrar uma maneira de fazer isso funcionar, para fazer uma conexão mais forte entre o amuleto da Nakita e eu mesma para que eu pudesse quebrá-la – e eu tinha que fazê-lo sem reivindicar a coisa mortal.

Fechando meus olhos e rezando para não estar cometendo um erro, eu deixei ela me tocar. Eu endureci quando sua mão beliscava o meu ombro. Indo de bom grado para a inconsciência, eu deixei a existência do meu amuleto encher a minha visão mental. Ao lado estava uma outra presença, muito mais fraca. O amuleto de Nakita tinha muito menos fios até mim, mas enquanto eu observava, o número crescia, me tornando mais sólida, mais real. Mais morta, eu pensei, tentando cortar as linhas entre nós, e só tendo sucesso em arrancar as linhas de mim até meu amuleto.

Nakita sentiu isso e deu um solavanco, mas sua mão ainda estava em mim e eu não estava invisível. Eu não podia cortar as linhas do amuleto dela para mim sem controlá-lo, e eu não podia controlá-lo a não ser que o reivindicasse. Faça isso, e você será pó. Mas a espada dela, eu pensei repentinamente. Era feita do amuleto dela. Uma conexão direta com ele. Talvez se eu trabalhasse por ela...

O som de surpresa da Nakita abriu meus olhos. Grace estava acima de Josh, banhando-o em um nevoeiro de luz. Ela era linda e selvagem, uma beleza dura que doía ao olhar. E ela estava chorando. Chorando por mim. Eu tentei dizer a ela que ficaria bem, mas eu não conseguia pensar nas palavras.

Algo caiu em mim, fazendo-me vacilar. Eu teria caído se não pela Nakita me segurando. Eu encontrei os olhos dela, e eles se arregalaram. Seus lábios se abriram, e terror cruzou seu rosto. Uma dor inesperada e arrebatadora me endureceu. Eu cai em cima de um joelho quando Nakita me empurrou para longe. Em terror repentino, eu percebi o que era. Asas negras. Asas negras tinham me achado.

Frio tão intenso que parecia que fogo tinha sido empurrada da minha espinha para a minha mente. Eu arfei, incapaz de gritar. Não era morte. Era a sensação de nunca ter existido, de nunca ter sido. As asas negras estavam tomando as minhas lembranças e deixando um vazio no lugar. Estavam me destruindo, despindo-me do meu passado, momento por momento.

Instinto me empurrou de volta para a terra. Frenética com dor, eu tentei arrancar as asas negras, torcendo. Eu as alcancei para me livrar delas, mas a extensão fria pairava como uma segunda pele sugadora. Estava comendo a minha alma, queimando onde eu a tocava com as minhas mãos!

Eu fiquei de pé, agonia em cada movimento. Eu me levantei, cambaleando enquanto outra caía em mim. Chocada, eu não conseguia fazer nada. A dor tinha me mudado de volta a visibilidade – eu não conseguia nem ver meu amuleto, muito menos as linhas da conexão – e, vacilando, eu olhei para Nakita. Eu tinha falhado. Eu tinha cometido um erro, e ia morrer. A esperta e linda Nakita tinha ganhado o meu fim e a pedra sem esforço algum. Se eu não fizesse nada, minha existência seria comida. Eu deveria estar feliz. Eu tinha tido um verão extra de vida. Mas não era o bastante, e eu recusava o meu fim, mesmo o vendo. Tudo que eu precisava era da maldita da espada dela. Se conectava diretamente com seu amuleto, e através dela, eu tinha certeza que eu conseguiria cortar os fios que estava fazendo comigo.

“Você pode ser uma ceifadora negra,” eu disse enquanto meus membros pareciam ficar entorpecidos, “mas você não sabe porcaria alguma sobre determinação humana.”

Ela pestanejou, os olhos arregalados e confusos. Cerrando meus dentes, eu fui até ela. Dois anos de prática entraram em ação, e eu plantei meu pé esquerdo no chão ao lado do direito dela, então girei para ficar de lado próxima a ela, meu cotovelo direito balançando com todo meu ímpeto em direção ao seu meio. Eu atingi o estômago de Nakita forte. Ela se inclinou para frente, os músculos atacando.

Sua lâmina ficou frouxa, e eu a agarrei sobre seus dedos. Era minha e dela também. Na minha imaginação, eu conseguia ver nossos dois amuletos e todas as linhas me segurando para o agora. Percebendo que eu estava tentando tomá-la, Nakita colocou sua mão acima da minha que estava agarrando sua espada. Ambas a seguramos. Eu tinha que ficar nebulosa. A espada viria comigo se eu ficasse. Mas doía. Se eu não conseguisse fazer isso, Josh morreria. Eu não deixaria ele morrer só porque eu estava com medo da dor. A decisão era fácil.

Minha mão doía sob o aperto da ceifadora. Eu cedi a dor. Eu deixei ela me lavar e me levar, deixando-me limpa de tudo, exceto minha determinação. Euforia subiu, uma embriaguez falsa enquanto a minha mente tentava se proteger. Alegre e poderosa, eu exalei, explodindo os laços me conectando ao presente – e com o sopro da minha determinação, todos eles murcharam como fios de seda em chamas. A espada dela era minha.

“Não!” Nakita berrou, recuando enquanto sentia sua lâmina ficar invisível comigo. Eu era a névoa, e ela não conseguia me segurar, mas ela se propeliu como se pudesse. Instinto trouxe minha mão para cima, e a ceifadora passou diretamente por mim, seu amuleto flamejando como uma chama violeta.

O rosto de Nakita ficou surpreso, e sua boca abriu-se em um grito silencioso. Era como se o tempo tivesse ficado devagar, e eu segurei minha respiração para não respirar nela. Eu comecei a me enrugar, sentindo sua raiva fria, sentindo o gosto de sua frustração, vendo na minha mente Kairos de pé num chão de telha preta ao sol e dizendo a ela que eu era uma ameaça às vontades dos serafins e mandando-a secretamente atrás de mim. Por um instante, eu era ela. Eu era Nakita – e ela era eu.

As asas negras anexadas a mim a sentiram também. E elas encontraram algo melhor para comer do que a minha rele memória de dezessete anos.

Nakita gritou em agonia enquanto as asas negras me soltavam e clivavam nela, ao invés. Dor levantou-se de mim enquanto eles partiam da minha alma, embutindo-se dentro da ceifadora enquanto ela passava por mim. Eu atingi o chão, e o choque quebrou meu aperto mental nos amuletos. Linhas explodiram em existência, duas pedras me prendendo ao presente. Eu era novamente sólida. Nakita ficou de pé acima de mim, dura com dor. Na minha mão não estava sua espada, mas seu amuleto. Ao pegar um, eu tinha pego ambos.

Sua voz alta de agonia, Nakita caiu para se ajoelhar sobre o chão. Suas asas brancas cintilaram em existência, esticando-se para os galhos altos. Eu corri para trás até o Josh, aterrorizada. Josh olhou para cima, uma mão em seu tronco enquanto ele observava, tremendo enquanto Grace novamente se tornava uma bola de luz brilhante acima de nós.

Um terceiro grito perfurante veio de Nakita. Não soava humana, e medo gelou as minhas veias. Ela tinha asas negras dentro de mim. Eu encarei, horrorizada, enquanto eu percebia o que tinha feito. Mas eu não sabia. Eu não sabia!

Suas asas e costas arquearam-se novamente no que deve ter sido uma dor horrorosa, e seu choramingo foi cortado com uma subtaneidade assustadora enquanto, com um empurrão de asas para baixo, ela desapareceu. Recortes de terra e grama voaram, e eu me encolhi de medo.

“Madison,” Grace disse, sua voz aterrorizada clara sobre o barulho da banda de ensino fundamental. “Entre na caminhonete. Pegue o Josh e entre na caminhonete.”

Nakita tinha ido, mas as asas negras ainda estavam abundando. Havia centenas delas. Eu estava sólida, e Grace estava conosco, mas elas não estavam dissipando. “Josh,” eu ofeguei, sentindo-me tonta e insubstancial. Tropeçando, eu ajudei-o a ficar de pé, o amuleto de Nakita enrolado ao redor do meu pulso. Recuando para o lado, eu peguei a minha câmera, esquecida no solo. A porta da caminhonete estava aberta, e eu o empurrei para dentro, fazendo-o escorregar para o lado do passageiro. Ainda estava correndo, e eu agradei a Deus pelos pequenos favores.

“O Josh está bem?” eu ofeguei enquanto fechava a porta com tudo. O câmbio duro parecia que estava entrando diretamente nos meus ossos. “Ela atingiu ele?”

“Não foi um golpe limpo,” Grace disse. “Eu teria parado-a completamente, mas você entrou no caminho. A alma dele está pendendo por um fio. Caia fora daqui. Eu não consigo parar um esforço concentrado se eles atacarem juntos. Estou te escondendo, mas dois te provaram, e os outros sentem isso. Não fique invisível novamente. Madison, não fique invisível! Você está despedaçando o seu amuleto um pouquinho mais cada vez que faz isso.”

Eu estava tremendo enquanto recuava a caminhonete e então colocava na primeira marcha. Josh estava desmoronado contra a porta do passageiro. *Não fique invisível.* Grace tinha dito isso antes. Que atraia as asas negras. Mas eu não tivera escolha.

“Josh?” eu disse enquanto encontrávamos a calçada e eu diminui a velocidade para um rastejar enfurecedor para evitar as pessoas que estavam só agora começando a abandonar o parque.

“Josh, fala comigo.” Eu olhei para trás de mim, mas era como se ninguém tivesse escutado Nakita gritar. Ninguém tinha visto uma anjo com asas arquear de par em uma beleza terrível sob as árvores.

Eu me estiquei para sacudi-lo, e ele resmungou. “Hospital,” ele sussurrou. “Madison, eu sinto como se estivesse morrendo. Me leve lá. Por favor.”

Medo me penetrou. Eu passei para a estrada principal, e então eu fui com tudo. Deram buzinas, e eu liguei as luzes de alerta, pelo bem que elas fariam.

Quando meu pai descobrisse sobre isso, ele ia me matar. De novo.

O cheiro de álcool sendo esfregado e de adesivo vagou do corredor branco estéril até a sala de espera de emergência marrom e cinza claro. Estava silencioso agora, exceto por uma mulher com um bebê inquieto em seu colo, e eu me encurvei sobre meus joelhos e esfreguei meu cotovelo, lembrando-me como fora quando eu acertara Nakita. Eu estava cansada, cansada de esperar para ouvir algo. A mãe tinha um garotinho com ela também, que estava ocupado causando problemas e provavelmente bravo por sua irmã caçula estar recebendo toda a atenção.

Irritada, a mulher me olhava feio enquanto preenchia uma papelada para conseguir que dessem uma olhada em sua neném com febre. Ela estivera aqui quando eu entrara de supetão, mas uma pessoa inconsciente consegue tratamento antes de um bebê com cólica. Apesar de um pouco da pressa poder ter sido causada por eu ter gritado com as pessoas da emergência. Eu não calei a boca até que uma policial, que aparentemente estivera me seguindo, entrasse. Eu juro, eu não tinha visto ela no meu retrovisor. Talvez eu estivesse indo rápido demais, mas tinham se passado só oito minutos para chegar aqui.

Oito minutos aterrorizantes nos quais eu pensei que Josh ia morrer.

Meus pés se arrastaram no carpete gasto, e eu afundei nas almofadas enquanto olhava para a policial falando com a enfermeira de jaleco rosa. A policial de aparência jovem tinha pego a minha carteira de motorista, o que queria dizer que provavelmente meu pai estava a caminho. Eu tentara ligar, mas fora incapaz de me forçar a deixar uma mensagem que não fosse dizendo que eu estava bem e que estava no hospital com o Josh.

A visão da enfermeira fez meu estômago se apertar de preocupação. Josh fora levado rapidamente após eu ter dito que ele sofrera um colapso na pista. Essa mulher de jaleco rosa foi a primeira pessoa da área médica que eu vira desde então, e ela não me dizia nada. Leis de privacidade estúpidas.

Pelo menos a Grace estava com ele, apesar da anjo não estar muito feliz. Na verdade, ela estava majestosamente Pê da Vida, e eu acho que eles quase me internaram para observação quando eu tive uma discussão sussurrada com ela até que ela desistisse. Ele estava inconsciente e eu não, então ele precisava dela. Dãh.

A voz da policial aumentou, e eu fiquei nervosa quando olharam na minha direção. As duas mulheres disseram algo ao partirem; a enfermeira foi pelo corredor, e a policial até a mim. Eu não conseguia me lembrar do nome que ela tinha me dado na nossa primeira discussão, mas seu distintivo dizia B. Levy.

B de Betty? Bea? Barbie? Nem. não com aquela pistola em seu quadril.

A Policial Levy parou um pouco perto de mais para o meu gosto, seus sapatos práticos balançando ligeiramente no carpete enquanto ela parava. Meus olhos viajaram para sua calça prensada, cinto, arma presa num coldre, camisa engomada, distintivo, e finalmente para seu rosto. Ela não parecia velha o bastante para ser uma policial por muito tempo, e me irritava que sua expressão estivesse tentando seu de preocupação maternal. Certo, como se ela tivesse filhos? Eu não achava.

Ela tinha um rosto bonito, contudo, com cabelo curto e loiro cor de areia e olhos avelã, bronzeado e mostrando apenas rugas de preocupação. Ela não dizia nada, e quando ela arqueou suas sobrancelhas, eu desviei o olhar. Ela podia me dar uma multa por direção imprudente e por falhar em parar, mas que tipo de guarda de trânsito escolar avarenta e certinha iria prestar queixas por isso quando eu estava indo para o hospital com um amigo ferido?

“Josh se estabilizou,” ela disse, e meu olhar subiu, surpresa.

“Obrigada,” eu sussurrei, e meus ombros relaxaram. Eu não soubera que eles estavam tensos.

“Eles tinham uma ambulância no festival,” a policial disse enquanto tomava o assento ao meu lado, suspirando quando o peso deixou seus pés e correndo uma mão por seu cabelo. Ela parecia muito impetuosa para ser uma policial. Eu odiava quando as pessoas me chamavam de impetuosa, mas era assim que ela parecia: divertida, energética, e alguém que passava dos limites por um pouco de animação.

“Por que não o levou lá ao invés de pôr em perigo a cidade inteira?” ela acrescentou. Ela não era nada parecida com os policiais que tinham me trazido para casa depois de eu ter violado o horário de recolher durante um furacão de categoria 1* na casa da minha mãe. Falando em drama.

* furacões de categoria 1 geralmente não causam danos estruturais significantes para prédios; contudo, podem derrubar trailers, assim como árvores desraizadas ou cortadas.

“Eu não sabia que tinha uma ambulância,” eu admiti, mas o que eu ia contar a ela?

Que uma ceifadora negra tinha tentado matar Josh e ele precisava de uma enorme atenção médica?

A policial deu risada. “Você dirige muito bem,” ela disse, e lhe dei um sorriso azedo.

“Obrigada.” Eu parei de roçar meu cotovelo onde acertara Nakita quando ela olhou para ele, juntando minhas mãos ao invés. A Policial Levy se sentou mais reta, e eu suspirei. Aqui vem o sermão.

“Chamei seus pais,” ela disse, e eu me virei para ela, alarmada.

“Você ligou para a minha mãe?” eu perguntei, realmente preocupada. Ela iria pirar.

“Não. Seu pai. Você tem um registro preocupante, Madison, para alguém tão jovem.”

Meu registro não me incomodava, já que não era nada ruim como furto em lojas ou assalto a mão armada. Só violação da hora de recolher e vagabundagem. U-hu! Grande e peluda porcaria. Aliviada, eu deslizei na cadeira. “O que eu devia fazer, Policial Levy?” eu perguntei, minha expressão implorando por entendimento. “O que você teria feito? Então eu dirigi um pouquinho rápido para levar o Josh ao hospital. Eu estava assustada, está bem? Eu achei que ele estivesse morrendo.”

As sobrancelhas da mulher se levantaram. Eu teria chamado ajuda e ficado com a vítima até que chegasse. Você geralmente não morre de insolação.”

“Se fosse insolação, eles teriam deixado-me vê-lo agora,” eu disse, e ela fez um barulho suave de concordância. O silêncio cresceu, e achando que ela estava esperando que eu dissesse algo, eu ofereci um hesitante, “Lembrarei disso da próxima vez. Chamar ajuda. Ficar com a vítima.” Mas não havia ninguém na terra que poderia ter me ajudado. Talvez eu não devesse ter dado nenhuma ordem à Grace. Parecia ter varrido quaisquer ordens que Ron tinha deixado com ela, incluindo ir até ele se houvesse problemas com os quais ela não conseguisse lidar.

A Policial Levy ficou de pé para que pudesse parecer severa novamente. “Espero que não haja uma próxima vez,” ela disse enquanto me dava a minha carteira de motorista. “Não vá embora até que eu tenha uma chance de falar com seu pai.”

“Está bem.” Eu peguei o cartão laminado, feliz por ela não querer que eu preenchesse um relatório nem nada. “Obrigada.”

A Policial Levy hesitou. “Tem certeza que não quer me dizer mais nada?”

Escondendo meu susto, eu olhei firmemente para ela. “Não. Por quê?”

Seu olhar permaneceu fixo no meu. “Você tem grama no seu cabelo e terra nas suas coxas.”

Meu olhar vacilou, e eu me recusei a olhar para minhas pernas. Droga!

“Houve uma luta?” ela perguntou, seus olhos estreitando. “Quem mais estava envolvido?” Desviando o olhar, eu dei de ombros.

A Policial Levy suspirou. “Eu sei que é difícil se adaptar numa escola nova, mas se houve uma luta, eu preciso saber. Você não é uma dedo-duro.”

“Josh não se meteu numa briga,” eu disse. “Ele sofreu um colapso.” Eu podia ter mentido e dito a ela que caí e fiquei suja enquanto o pegava, mas por que se incomodar?

Ela simplesmente me encarou, e eu encarei de volta. Finalmente ela pressionou seus lábios juntos, e com outros de seus barulhinhos, ela andou até a recepcionista. A Policial Levy provavelmente ficaria até que pudesse falar com os pais de Josh. Eu esperava que estivesse fora daqui antes que eles aparecessem. Josh era um cara legal, e eu sabia que eles dariam uma olhada no meu cabelo roxo e meus brincos e me classificariam como não sendo boa o bastante para seu garotinho, pensando que alguém como Amy fosse melhor.

Eu bufei, me perguntando quando eu tinha começado a pensar em Josh como do tipo namorado. Nós passamos duas tardes juntas. Confessadamente, elas foram tardes do tipo lute-pela-sua-vida – o que provavelmente iria apenas convencê-lo de não somos feitos para ser um casal.

Meu olhar levantou-se para espiar pelas janelas para a caminhonete de Josh. Eu tinha escondido o amuleto sob o assento dianteiro quando nos livramos das asas negras. Eu não achava que a Nakita iria voltar, mas Kairos podia, e se ele voltasse, ele saberia a ressonância do amuleto da Nakita. O som dos gritos dela foram horríveis, e eu reprimi um calafrio ao pensar nas asas negras intensamente em mim, como um cobertor de ácido frio comendo as minhas memórias – minha vida.

Com as sobrancelhas apertadas, eu me perguntei o que tinha perdido. O fato delas terem apegado-se à Nakita, ao invés, fora um choque. Foi horrorizante, e eu esperei que ela estivesse bem – mesmo que ela tivesse tentado me matar.

Uma forma familiar em calça jeans e camiseta passando pelas janelas capturou a minha atenção, e eu me sentei, o queixo caindo enquanto Barnabas esperava pacientemente pelas portas automáticas se abrirem.

“Onde você esteve?” Eu exigi quando ele entrou com uma rajada de ar que fez sobretudo cinza ondular.

“Eu saio por um dia—” ele começou, seus olhos escuros contrariados.

“E tudo chega até Hades,” eu disse enquanto ficava de pé, não querendo que ele tivesse a vantagem.

“É. Eu estava aqui lidando com isso. Eu estive evitando o Kairos e a Nakita desde ontem!” eu disse com uma potência abafada.

“Nakita?” ele perguntou, claramente não escutando tudo que eu dissera.

“Sim, Nakita,” eu atirei de volta, preocupada. Ela partira com muita dor. Anjos não deveriam sentir dor, mesmo ceifadores negros.

Barnabas sentou na beira do assento de frente para mim e correu uma mão por seu cabelo marrom frisado para domá-lo de algum jeito. Para um ceifador, ele parecia inocente. Especialmente com a camiseta de banda de rock que ele usava. “Foi você?” ele disse, e eu sentei de volta ao lado dele. “As canções entre o céu e a terra diziam que ela foi ferida em batalha. Naturalmente Ron pensou em você e me mandou checar. Ele, hã, quer falar com você.”

Aposto. Miseravelmente, eu me sentei perfeitamente reta na minha cadeira. Canções entre o céu e a terra? Eu aposto que isso dá uma surra de vara na CNN.

Barnabas olhou desconfiadamente para mim. “O que aconteceu? Não acredito que você pegou o amuleto dela. Madison, tem que parar de fazer isso. Onde está a sua anjo da guarda? Não ouvimos ela dizendo que havia problemas.”

“Isso pode ser culpa minha,” eu disse suavemente. “Eu disse a ela para proteger o Josh, então ela não foi embora para te chamar. Não fique bravo com ela. Eu a mandei fazer isso.”

“Josh?” Barnabas levantou-se abruptamente, “A anjo da guarda deveria ficar com você!”

Ele pareceu chocado, e eu dei de ombros. “Estou consciente. Josh não está. Escolha fácil.”

“Ela deveria ficar com você!” ele exclamou novamente.

Eu fiz um som de exasperação. “Eu disse a ela para vigiá-lo. Ela já salvou a vida dele duas vezes. Kairos tentou matá-lo ontem. O que eu deveria fazer? Deixá-lo? Eu estava bem.” Até as asas negras me acharem. E Grace dizer que eu tinha quebrado meu amuleto. Fantasticamente ótimo.

Barnabas continuou a me encarar com descrença. “Ela te deixou,” ele declarou.

Cripta! Ele ainda está nessa? “Não por escolha própria,” eu disse, esperando que não tivesse encrencado a Grace. “Ela não ficou feliz com isso.” Eu hesitei, olhando pelo longo corredor branco.

“Nakita tentou matar o Josh. Eu acho que ela o cortou. Ele ficará bem?”

“Eu não sei.” Barnabas olhou para a recepcionista e para a policial, então reclinou-se com seus braços cruzados sobre seu peito. “O que você fez com a Nakita? Tomar o amuleto dela só limitaria as habilidades dela e a faria ficar brava, não catatônica.”

Nakita está catatônica? Barnabas estava me encarando, e eu estava começando a pensar que fizera algo realmente errado. Claro, ela era uma ceifadora negra, mas deixar asas negras dentro dela foi horrível. Mesmo que tivesse sido um acidente. “Eu tinha que fazê-la ir embora,” eu disse, mal levantando minha voz acima de um sussurro quando a Policial Levy olhou para nós. “Eu fiz o melhor que pude. Não é como se eu fosse capaz de tocar seus pensamentos,” eu terminei amargamente.

O rosto de Barnabas ficou obscuro. “Ron te deixou uma anjo da guarda,” ele disse, inclinando-se para frente para curvar-se sobre seus joelhos. “Você devia ter ficado bem.”

“É?” Era difícil, mas eu consegui não gritar a palavra. Dois dias de medo estavam saindo como raiva, e eu não conseguia evitar isso. “Nakita disse que ele me deixou com uma anjo da guarda de primeira esfera. Eu gosto dela e tudo, mas ela não é poderosa o bastante para me proteger contra um ataque concentrado, e Ron sabe disso.”

A raiva de Barnabas desapareceu em surpresa e ele recuou, observando a mulher e seus dois filhos enquanto eles eram escoltado até uma sala. A enfermeira que os chamara disse à Policial Levy que iria voltar também, e tomando isso como um bom sinal, eu encontrei uma pitada de controle. Eu observei os dedos de Barnabas se abrirem, pensando que eram um pouco longos demais para os de um humano.

“Josh sabe que você está morta?” ele perguntou, e eu assenti, incapaz de tirar os olhos do tapete. Eu não devia tê-lo envolvido, mas a escolha desapareceu quando asas negras começaram a segui-lo.

“Eu tive que contar a ele,” eu disse. “Asas negras estavam caçando ele, mas enquanto eu estivesse com ele, ele estava bem. Eu fiz a minha anjo da guarda ficar com ele ontem a noite. Ele não teria sobrevivido de outro jeito.” E agora ele estava no hospital. Muito bem, Madison.

Um pular de sombras capturou a minha atenção, e eu levantei minha cabeça para encontrar Ron simplesmente parado ali, parecendo quase triste com suas mãos entrelaçadas perante si mesmo. O sol que entrava brilhou em seus cachos presos e grisalhos, e seus olhos estavam de um azul acinzentado enquanto ele notava minhas meias amarelas e saia roxa. Seus olhos tinham estado castanhos ontem. Eu não achava que cinza era um bom sinal. Todo vez que eu o via, ele estava chateado comigo.

“Madison,” ele disse, e a quantidade de fadiga saturada no som do meu nome me assustou.

“Sinto muito,” eu disse, assustada.

"Sei que sente." Ele espiou a mesa de recepção vazia antes de se aproximar, seus chinelos silenciosos no tapete. "Faz mais de dois mil anos desde que um anjo retornou de uma batalha sem uma espada e inconsciente. Você tem alguma ideia do que é preciso para fazer isso?"

Miseravelmente, eu me encolhi de volta nas almofadas finas. "Asas negras prenderam nela?" eu ofereci hesitantemente. Deus me ajude, mas foi um acidente!

A tomada de Ron foi alta, e Barnabas fez um barulho de surpresa. Eu não conseguia olhar para cima, com medo do que poderia encontrar.

"Como a Nakita ficou com asas negras dentro dela?" Ron perguntou, cada palavra vagarosa e precisa.

Minha cabeça levantou e eu descobri que a expressão de Ron era de tristeza. "Eu, hm, acidentalmente as coloquei lá?" eu disse, odiando o jeito que minha voz subiu no final.

"Perdão?" Ron disse, a frase soando estranha vinda dele.

Barnabas balançava sua cabeça. "Isso é impossível. Asas negras não podem machucar ceifadores. Ela deve estar confusa sobre o que realmente aconteceu."

Isso era insultante, e eu fiz um som de ira. "Não estou. Eu sei o que aconteceu," eu disse, achando as palavras mais fáceis de se dizer do que eu achei que seriam. "Grace disse que quando eu ficava invisível, eu me dissociava do meu amuleto. Foi isso o que atraiu as asas negras, e quando Nakita caiu através de mim, as asas negras grudaram nela, ao invés."

"Grace?" Ron perguntou, seu rosto redondo apertado com preocupação. "Quem é Grace?" Sua expressão tornou-se dolorosa. "Você a nomeou? Madison, você não nomeou sua anjo da guarda, nomeou?"

Comparado a deixar asas negras dentro de uma anjo para comê-la de dentro para fora, nomear Grace parecia uma coisinha de nada. "Eu quebrava as linhas da conexão com o meu amuleto só no presente, não aqueles me empurrando para o futuro," eu expliquei, tentando me fazer soar menos tola do que eu sentia, e eu quase conseguia ver o Ron deslocar eixos mentais para entender o que eu dizia. Por fim, eu acho que foi por isso que ele pareceu repentinamente horrorizado.

Barnabas, contudo, não estava muito impressionado. "O que isso tem a ver com asas negras?" ele perguntou. "Nakita ia ceifar o Josh, mesmo ela me tendo. Eu não conseguia afastar a gadanha dela a não ser que ficasse invisível. Eu tinha que achar alguma maneira de me proteger, e nenhum de vocês estava por perto," eu disse, implorando por entendimento. "Eu não sabia que as asas negras iriam grudar nela, ao invés. Ela é uma ceifadora! Asas negras não deveriam machucar ceifadores!"

A cabeça de Ron estava indo para trás e para frente em negação. "Não é assim que fica invisível. Madison, você não estava curvando a luz ao seu redor; você estava quebrando sua conexão ao seu amuleto, como se não tivesse realmente usando-o. Morta sem conexão com a vida. Uma alma andante sem um corpo. Não é de se espantar que você atraiu asas negras. Elas estavam... em você?"

Grace dissera que era perigoso. Eu devia ter escutado-a. “Nakita ia matar o Josh e me levar ao Kairos. Eu achei que se pegasse sua espada, ela pelo menos não conseguiria matar o Josh. Mas quando eu fiquei invisível para pegar o amuleto dela, duas asas negras caíram em mim.”

Medo me fez estremecer. “Doía. Acho que perdi algo de mim mesma.” Eu pausei enquanto a lembrança delas comendo meu passado emergiu novamente. Eu abri minhas mãos enquanto pensava na Nakita e como devia ter sido ter duas daquelas coisas dentro dela. “Realmente doía, Ron. Eu fiquei invisível novamente para tentar tirar sua espada, e elas meio que prenderam nela quando ela caiu através de mim.” Eu olhei para cima, minha visão navegando. “Eu só queria que ela fosse embora,” eu terminei miseravelmente. Droga, eu não ia chorar.

Barnabas tinha se afastado como se eu fosse uma cobra. “E quanto ao amuleto da Nakita?” ele perguntou. “Como que o amuleto dela não te manteve presa?”

“Porque eu cortei esses fios também,” eu disse. “Eu tomei posse de sua espada, não do seu amuleto, e ela me deu controle o bastante para quebrar os fios sem me fritar.”

Barnabas ficou de pé, seu rosto pálido. “Ron,” ele disse, olhando para mim. “Ela quebrou a influência que o amuleto da Nakita tinha sobre ela enquanto a ceifadora ainda o usava! Quantas provas mais você precisa? Eu acredito em escolha, como você, mas isso é errado! Olhe o que aconteceu. Madison está—”

“Ótima.” Ron tomou minhas mãos e mudou minha atenção de Barnabas. Seu rosto redondo estava sorrindo confiantemente, mas seus olhos estavam mortos de preocupação. “Ela está ótima.”

“Nakita disse que você pegou uma de primeira esfera para observá-la,” Barnabas interrompeu, a raiva colorindo seu rosto. “Está claro o porquê. Você sabe que isso é um erro. É errado, e você sabe disso!”

O homem mais velho olhou feio para Barnabas, seu aperto em mim se intensificando. “Não tenho que me explicar a você. Eu chamei uma de primeira esfera porque eram pouquíssimas as chances de algo acontecer, e eu não queria propagandar que algo estava errado.”

“Errado.” Barnabas o encarou diretamente, e a expressão de Ron ficou feio. “Você admite, então.”

“Barnabas, dá pra calar a boca?” o mestre do tempo exclamou, e Barnabas abaixou sua cabeça, frustrado. Eu fiquei sentada ali, estupefata. Era a segunda vez que eu vira Ron cortar as palavras de Barnabas, primeiro no estacionamento da escola, e então aqui. Algo não estava certo.

O que eu tinha feito?

“Ron,” eu disse, assustada, “Sinto muito. Só estava tentando manter Josh e eu mesma a salvos. Ela o cortou. Ele vai ficar bem?”

O timekeeper pareceu notar pela primeira vez onde estava. Me dando um olhar infeliz, ele balançou sua cabeça, mandando um temor por mim. “Nakita tem em mãos a vida dele. Ela escolhe se ele vive ou morre.”

Ah Deus, eu o matei, eu pensei, o pânico quase paralisando. Eu tinha que falar com a Nakita.

“Há esperança,” Ron acalmou enquanto meus pensamentos reviravam-se, mas não havia conforto no toque dele no meu ombro. Ao invés, um aviso se levantou em mim. Atrás de mim, Barnabas fumegava. “Vou continuar a falar em seu benefício,” Ron disse, como se a provável morte de Josh fosse triste, mas insignificante. “Eu estou mais preocupado é com você. Dissociar-se de seu amuleto como fez devia ter sido impossível. Você estando morta provavelmente computou para a sua habilidade de fazê-lo. Mesmo assim, estou certo de que você danificou seu amuleto. Não faça isso novamente. Uma parte disso é culpa minha. Eu devia ter observado o seu progresso, mas Barnabas não me disse que você estava tendo problemas.”

Ele não se importava com o Josh. Não mesmo. Alerta estava espesso dentro de mim, e eu me desvencilhei de seu aperto. E por que ele estava culpando o Barnabas? Barnabas dissera que era meu amuleto que me impedia de tocar pensamentos, não minha falta de habilidade ou falta de tentativa - e Ron deveria saber disso. Ele escondia algo. “Grace disse que eu o quebrei,” eu disse cautelosamente, mas eu não iria puxá-lo de trás da minha camiseta para mostrar a ele.

Atrás de Ron, Barnabas ficou duro e tenso. Eu vi um vestígio de anjo vingador nele enquanto seus olhos prateavam. “Vou para casa,” ele disse para Ron, dor aparecendo em sua testa. “Eles me deixarão entrar. Eles terão que. Tenho que lhes contar sobre as asas negras. Eles podem tirá-las dela.”

Casa? Eu pensei. Tipo, céu? Por que eles não deixariam-no entrar? Ele não era simplesmente terrestre, mas banido do céu? Exatamente quem eram os vilões aqui?

Medo deslizou por mim como uma faca, nascido da realização repentina que tudo que eu achava que era verdade provavelmente não era.

“Barnabas, cale a boca,” Ron disse enquanto levantava-se entre nós, menor do que Barnabas, mas letalmente sério. “Eu avisarei, e Nakita ficará bem. Eles não te deixarão voltar, e eu tenho trabalho a fazer. Fique com a Madison. Tente mantê-la longe de encrenca. E mantenha sua boca calada!”

Seus olhos estavam quase pretos, carregando uma mistura de raiva frustração, e... incerteza.

“Você me entendeu? Não posso consertar isso se você interferir. Mantenha sua boca... calada.”

A imagem de Nakita arqueada em dor, asas brancas esticadas para o alto enquanto ela gritava, subiram à minha memória. Eu tinha machucado um dos anjos do céu. Quem era Barnabas? Com quem eu tinha passado as minhas noites no meu telhado?

Assustada, eu observei Ron marchar para fora do prédio, desaparecendo enquanto encontrava o sol. Me virei para Barnabas, encolhendo-me de volta quando ele fez um som de raiva e caiu pesadamente na cadeira ao meu lado, sua testa enrugada e sua expressão zangada. Ele não se moveu. Nenhuma inquietação ou piscada. “Ela estava tentando me matar,” eu disse. “Ela estava tentando matar o Josh! Ela ia—”

“Te levar para o Kairos. Você disse isso,” ele disse abruptamente. Havia uma nota de medo nele. Não era medo de mim, mas medo por si mesmo. Ele não ia calar a boca como Ron tinha lhe dito, e eu estremeci.

“Tantas religiões, Madison,” ele disse, “mas só um lugar de descanso, e ela iria te colocar exatamente de volta naquele caminho do qual você escapara quando clamara o amuleto de Kairos.”

“Nakita não é do inferno,” eu adivinhei, sabendo que meu rosto estava branco. “Você é.”

Barnabas levantou-se imediatamente. “Eu? Não,” ele disse, ficando vermelho como se envergonhado. “Não do inferno. Eu nem mesmo sei se há tal lugar, fora o que fazemos para nós mesmos. Mas eu não sou do céu... não mais. Eu fui embora porque discordava com o destino dos serafins. Eles não me aceitam de volta. Eles não aceitam de volta nenhum de nós, ceifadores brancos.” Com a mandíbula apertada, ele exalou, colocando uma mão em sua cabeça e esfregando suas têmporas. “Eu devia ter te contado, mas é envergonhante.”

“Mas você é um ceifador branco!” eu disse, confusa. “Branco é bom; negro é ruim.”

Ele olhou feio para mim. “Branco é para escolha humana, facilmente vista. Negro é para o destino escondido dos serafins, nenhuma chance de compilação.”

“Ah! Teria sido bom saber disso!” eu gritei. “Como ninguém se importou de me dizer isso?!” eu acrescentei, frustrada, assustada, e um pouco aliviada por Barnabas não ser do inferno, só ter sido chutado do céu. Havia uma diferença, certo?

A recepcionista espiou da entrada, desaparecendo quando decidiu que eu estava chateada por causa do Josh, não por causa de um mal-entendidozinho sobre branco e negro.

Os pensamentos de Barnabas estavam claramente em outro lugar. “Não entendo o que o Ron está fazendo,” ele disse para si mesmo, o olhar distante, e alheio a eu estar tendo um ataque. “Eu acredito em escolha, mas depois do que aconteceu, não sei. Você é uma pessoa legal, Madison, e eu gosto de você, mas você colocou asas negras na Nakita. Isso é... uma coisa terrível. Talvez os serafins estejam certos. Talvez você precise ir onde você pertence. Talvez destino tenha um lugar no mundo. Lutar contra ele só piora as coisas.”

Onde eu pertenço? Ele quer dizer, tipo, em casa com o meu pai, ou, tipo, morta? Eu engoli em seco. Não fora eu quem fora chutada do céu. “Foi um acidente.”

“Foi um acidente você trabalhar para aprender como ficar invisível?” ele perguntou honestamente. “Foi um acidente você ter usado esse conhecimento para quebrar a influência que o amuleto de Nakita tinha sobre você? Foi um acidente que ela caiu através de você? Ou foi o destino?” Sua cabeça lentamente balançou para frente e para trás, os cachos escuros mudando.

“Eu devia ter percebido o que Ron estava fazendo mais cedo.” Seus olhos se estreitaram. “Eu ainda não acredito nisso. Eu não queria acreditar.”

Minha boca estava seca. Exatamente o que Ron estava fazendo? Barnabas sabia algo que eu não sabia, e por Deus, eu ia descobrir. “Barnabas,” eu comecei, mas o telefone na recepção zumbiu e a enfermeira voltou para atendê-lo. Ela me deu um sorriso encorajador quando se sentou, me dizendo que Josh estava bem. Ou pelo menos não piorando. Distraída, eu me assentei de volta na minha cadeira, e, ouvindo uma folha seca ser triturada, eu a tirei do meu cabelo. Eu a segurei por um instante, então a coloquei na mesa mais próxima. Eu realmente queria saber a verdade? É. Eu quero.

Eu observei a linha que o sobretudo de Barnabas fazia contra o banal tapete enquanto eu aumentava minha coragem, me perguntando se o casaco eram suas asas disfarçadas. Minha mente deslocou-se de volta para

Ron arrastando Barnabas para longe de mim no estacionamento da escola, e então para agora, quando Ron alertou Barnabas a manter sua boca calada para que ele pudesse consertar as coisas, a sensação horrível da mão de Ron em mim enquanto ele tentava me confortar. “Barnabas,” eu sussurrei, “o que Ron não está me contando?”

Olhando para cima, eu vi sua mandíbula travar. “Não é da minha conta.”

Medo fez meu coração dar uma pancada, mas então parou. “Você quer me contar. Você tentou no estacionamento da escola, e agora eu vejo que você quer me contar agora. Se acredita em escolha, me conte para que eu possa fazer uma boa escolha.”

Seus olhos se levantaram, caindo primeiro no meu amuleto, então nos meus olhos, e eu estremei.

“Ron está escondendo quem você é dos serafins para que ele possa mudar o equilíbrio entre destino e escolha ao te enganar,” ele disse sem rodeios. “É isso que eu acho que ele está fazendo.”

“Ele disse que estava falando com eles!” eu briguei, então hesitei. “Me enganando? Por quê?” Com os olhos fixos nos meus, Barnabas silenciosamente disse, “Você é a nova timekeeper, Madison. A negra.”

Eu pestanejei. “Não sou,” eu disse agressivamente.

Mas ao invés de brigar comigo, ele sorriu amargamente. “Te disse que havia uma razão para não conseguir tocar meus pensamentos,” ele disse, seu olhar alinhando no meu amuleto. “Você tem o amuleto de um timekeeper negro. Se fosse ao contrário, nossas ressonâncias seriam próximas o bastante para que pudéssemos falar, mas elas estão em pontas opostas do espectro. Ron sabe disso. Ron sabe de tudo. Ele simplesmente não está dizendo nada.”

Me abaixando, eu toquei a pedra negra, então a derrubei. “Talvez não funcione porque estou morta.”

Barnabas se virou, e seu peito levantou e caiu com um suspiro pesado. “A única razão para você ter tido sucesso em clamar o amuleto de um timekeeper é porque você é uma.”

“Não!” eu exclamei. “Eu fui capaz de clamá-lo porque sou humana.”

Ele balançou sua cabeça. “Você podia tocá-lo porque era humana, mas você o clamou porque é quem é. Você continuou e se ensinou como se dissociar dele e ainda segurá-lo. Você controlou a Grace, deu-lhe um nome que a prendeu e quebrou a ordem que Ron colocou nela. Você é uma timekeeper aspirante, Madison, uma das duas pessoas nascidas nesse milênio com a habilidade de sobreviver à curvatura do tempo.”

Eu o encarei, pânico começando a subir pela minha espinha. Eu? Uma timekeeper negra? Eu não acreditava em destino. Ele tinha que estar errado. “O Ron disse isso?” eu sussurrei.

Ele deslocou seus pés com seus tênis imundos e se aproximou. Inclinando-se sobre seus joelhos, ele me olhou debaixo de seu esfregão de cachos. “Não,” ele admitiu, e eu exalei em alívio. “Mas você é. Madison, timekeepers são mortais por uma razão. A terra muda, as pessoas mudam, os valores mudam. Pedir para um humano que nasceu no tempo das pirâmides que entenda alguém que não dá valor que o homem consiga ver

a terra do espaço não é razoável, e então quando a mudança derrama-se sobre si mesma na pressa de acontecer, novos timekeepers assumem.”

Ele olhou para a recepcionista e se aproximou mais. “Eu já vi isso antes, como o girar de uma roda. Timekeepers aspirantes são encontrados e ensinados, aprendendo até que o amuleto seja passado e o antigo timekeeper continue a envelhecer, partindo do ponto onde sua vida foi interrompida pelo divino. Você estar morta complica as coisas, mas é isso que você é.”

“Não sou não!” eu protestei. “Sou simplesmente eu. E mesmo que eu fosse uma timekeeper, eu não seria a timekeeper negra. Não acredito em destino. Eu simplesmente peguei a pedra do Kairos para permanecer viva!”

Franzindo a testa, Barnabas lançou um olhar para a recepcionista ocupada. “Tomá-lo pode ter sido uma escolha, mas o destino a colocou ali para fazê-lo. Se você fosse uma gadanhada inocente, Ron teria te dado para os serafins naquele primeiro dia. Mas ele não deu.” O franzir de testa de Barnabas se intensificou. “Eu deveria ter sabido, mas eu nunca adivinhei que ele seria tão baixo em te esconder com mentiras.”

“Ron disse que contou aos serafins sobre mim, para pedir-lhes para me deixar ficar com a pedra,” eu disse, estupefata. “Se ele não falou, por que eu ainda a tenho?”

“Porque o Kairos não disse a eles que você a tem, tampouco.”

“Por quê?” eu perguntei. Eu não conseguia pensar. Eu estava entorpecida. Eu precisava de uma resposta, e eu não conseguia entender o bastante para adivinhá-la sozinha.

Barnabas deslocou-se em sua cadeira, puxando seu casaco ao seu redor. “Suponho que Kairos quer você destruída para que não tenha que abdicar de seu lugar, e se os serafins descobrirem que você existe, mesmo morta como está, eles o forçarão a aceitar sua vontade. Só se você for destruída eles ficarão obrigados a deixá-lo permanecer como timekeeper negro pela virada do tempo.”

Kairos viveria para sempre. Imortalidade – uma corte mais alta. Foi por isso que ele me matou, então veio atrás de mim. Ele queria destruir a minha alma por completo. Pânico começou a subir novamente. “Não. Você está enganado. Eu simplesmente tenho o amuleto errado,” eu disse. “Eu só preciso devolvê-lo. Eu preciso devolver o amuleto da Nakita também,” eu tagarelei enquanto Barnabas caía pesadamente para olhar para o teto.

“Diga a ela que sinto muito. Talvez ela deixará Josh viver.”

“Se a Nakita te achar, ela te levará até o Kairos,” Barnabas disse para o teto. “Se lamentar não irá mudar nada. Você já clamou o amuleto do timekeeper negro. Você é uma, Madison. Para que Kairos clame-o de volta, sua alma tem que ser destruída! Só um ou o outro pode ser o timekeeper negro.”

Eu me senti tonta. Tinha que haver um jeito de se livrar disso. “Um ou o outro? Acho que não,” eu disse, minha cabeça doendo. “Posso me dissociar do meu amuleto. Talvez a razão pela qual eu consigo fazer isso é porque não pertence realmente a mim. Já pensou nisso? Se eu puder dê-lo completamente para o Kairos, então talvez eu seja a timekeeper branca ascendente.”

O pé de Barnabas parou de pular para cima e para baixo, e ele se virou a mim, considerando isso.

“Ron disse para não se dissociar do seu amuleto.”

Eu estremei, ofegante com esperança. “E Ron esteve mentindo para mim – para nós. Eu digo para arriscar. Barnabas, não sou a timekeeper negra ascendente!” Pensando, eu desviei o olhar de sua expressão intensa. “Preciso falar com Kairos,” eu resmunguei. “Onde ele mora?”

A mandíbula de Barnabas caiu. “Você não vai falar com o Kairos!” ele disse. “E, além do mais, eu não sei.”

O anjo caído virou-se em sua cadeira para me encarar, levantando uma perna na almofada. “Madison, mesmo que você seja a timekeeper branca ascendente e possa dar o amuleto dele de volta, Kairos destruirá sua alma de qualquer jeito para deslizar o equilíbrio das coisas para o lado dele.”

Não podia me dar o luxo de pensar desse jeito. “Ele é mortal, então vive na terra, certo?” eu perguntei, ficando de pé e olhando para a mesa de recepção vazia. “Se o Kairos quer seu amuleto, ele vai ter que me dar meu corpo,” eu disse, dando um peteleco no amuleto, pesado ao redor do meu pescoço. “Aposto que a Nakita sabe onde ele mora. Ela está bem? Conseguiram tirar as asas negras dela? Você pode ouvir as canções entre o céu e a terra. O que estão dizendo?”

Barnabas permaneceu onde estava, olhando para mim por debaixo de seu cabelo cacheado em descrença.

“Madison,” ele protestou.

“Ela está bem?” eu disse alto, mão no quadril. “Pode ligar para alguém? Vamos! Qual a razão de ser um ceifador se não faz nada?”

Seus olhos estreitaram em mim por um instante em irritação; então um sorriso curvou os cantos de seus lábios. “Ela está bem,” ele disse, e um nó relaxou no meu interior. “Mas é uma ideia ruim.”

Eu o puxei para cima, surpresa por ele ter se movido tão rapidamente. “É, mas é uma ideia. E se eu sou uma timekeeper ascendente, então vou ser sua chefe algum dia. Vamos. Me ajude a achar a Nakita.”

Barnabas afundou nos calcanhares, e sua mão foi puxada da minha enquanto eu continuava um passo sem ele. “Você não vai ser a chefe de ninguém se estiver morta,” ele disse ironicamente.

“Tenho que me desculpar,” eu disse, esticando-me para a mão dele e puxando-o por mais um passo. “E dar-lhe seu amuleto de volta. Talvez se eu o fizer, ela deixará Josh viver. Talvez seja por isso que ela não o tenha matado. Ela está me esperando.”

Um franzir de testa enrugou sua testa. “Você quer dar um amuleto para um ceifador negro. Você está ao menos se escutando?”

“É dela,” eu disse. “Qual o problema?”

“Ron vai pirar. Ele vai tirar o meu amuleto de qualquer jeito,” Barnabas resmungou enquanto olhava para o estacionamento com preocupação. “Não devia ter te contado.”

Coloquei uma mão no meu quadril, vendo cada segundo como mais um momento que a vida de Josh ainda estava pendurada por um fio. “Você sabe que fez bem. Não estou pedindo para você me deixar. Se Ron tomar seu amuleto, te farei outro. A não ser que essa seja uma outra mentira e eu seja apenas pobre ignorante que foi confundida nisso e não é uma timekeeper ascendente.”

Cara, eu estava feliz pela recepcionista ter ido embora.

Ainda assim ele vacilava. “Por que está escutando o Ron?” eu exclamei, frustrada. “Ele sabia o que eu era e não me contou. Ele te disse para me ensinar algo que sabia que eu não conseguia fazer. Dá pra simplesmente me ajudar?! Tenho que tentar salvar o Josh. Tenho que tentar me salvar. Posso ser eu mesma novamente!” Os olhos castanhos de Barnabas procuraram os meus. “Você sempre foi você.”

Eu recuei, não sabendo o que ele ia decidir. “Vai me ajudar?”

Ele ficou de pé atrás de mim, seu sobretudo deslocando em seus calcanhares enquanto seus pés arrastavam-se. “Você vê uma escolha aqui?”

Minha cabeça inclinou-se para cima e para baixo. “Vejo uma oportunidade.” E um jeito de cair fora daqui antes que meu pai ou os pais de Josh apareçam.

Barnabas olhou o estacionamento e o pôr-do-sol, fazendo careta. “Não acredito que vou fazer isso,” ele disse.

“Vai me ajudar?” eu disse ofegante, assustada e exaltada tudo ao mesmo tempo.

“Vou ficar tão encrencado,” ele disse como se para si mesmo, e juntos nos voltamos para as portas duplas. “Posso te levar para um local seguro. Nakita não pode te machucar lá. Apesar de eu não achar que vá fazer bem algum.”

“Obrigada,” eu disse enquanto nós andávamos pelas portas decididamente, meu estômago agitando-se.

Eu convenceria Nakita a me dar a vida do Josh por um pedaço podre de pedra, então faria o mesmo com Kairos pela minha vida. Simplesmente me observe.

Eu flexionei meus músculos e fechei meus olhos com força quando os picos verdes da floresta se aproximaram. Eu não queria observar enquanto Barnabas fechava suas asas entre nós e mergulhava em uma pequena abertura no dossel. Meu estômago mergulhou e caiu. Houve uma breve precipitação de vento nas folhas, e o ar resfriou. Eu abri meus olhos enquanto descia para desviar de uma árvore e pousou forte e repentinamente em um tronco coberto de musgo. Ele começou a desmoronar, e eu pulei para fora enquanto ele se desintegrava com um silêncio suave.

Meu cabelo embaraçado cobriu meu rosto quando Barnabas deu um empurrão para trás uma vez com suas asas para parar seu impulso. Na hora em que me virei, ele estava parado atrás do tronco, suas asas tinham desaparecido e seu casaco estava cobrindo seus ombros estreitos. Preocupação apertou seus traços, claros até mesmo na obscuridade, e eu olhei para o dossel. As árvores eram grandes e os arbustos quase inexistentes. Greda macia amorteceu meus pés, e eu apertei meus braços ao meu redor, sentindo a umidade. Colinas pontilhavam o espaço sem padrão algum que eu pudesse ver. Elas pareciam com... sepulturas.

"Onde nós estamos?" eu disse enquanto dava um passo desajeitado sobre o tronco para ficar mais perto de Barnabas.

"Um pedaço do chão," ele disse suavemente. "A terra se balançaria para sentir o toque de um serafim, mas há alguns lugares onde o chão é forte o bastante, e no passado, imortais os usaram para conduzir negócios na terra. Os círculos além do mar têm pedras enormes os marcando, mas aqui, onde as pessoas viviam harmoniosamente com a natureza até serem expulsos, são marcados com colinas que abrigam subornos para os anjos para deixar a eles e a seus filhos em paz." Ele se virou para mim, e eu tremi com seu olhar repentino de alienígena. "É um lugar neutro. Se sangue é derramado aqui, um serafim virá. Nakita não vai querer isso."

Eu escaneei a floresta descoberta, sentindo minha pele pinicando. "Parece estranha."

"Parece, não parece?"

Não havia nada a se ouvir exceto o vento nas folhas mais altas. "Como digo a Nakita que quero conversar?" Barnabas silenciosamente se afastou de mim, movendo-se uns bons seis metros de distância para que a assinatura de seu amuleto não misturasse com a minha. Com os olhos nas árvores escurecendo, ele disse, "Imagino que ela está te procurando. É melhor ter certeza disso."

"Eu tenho," eu disse confiantemente, mas por dentro eu estava preocupada. Eu estava exposta, minha alma cantando para aqueles que podiam ouvi-la, tocando como um sino, fazendo uma mancha de luz que Nakita podia seguir. Meu maxilar cerrou-se quando asas negras voaram silenciosamente pelo espaço entre o chão e as árvores, mas então decidi que era na verdade um corvo. Olhei para cima, minha atenção atraída por algo invisível.

Barnabas deslocou seus pés, e um galho quebrou. "Também senti," ele sussurrou.

Engoli em seco. "O que é?"

Seus olhos se moveram lentamente para frente e para trás. "Não sei. Parece um ceifador, mas com medo. Como um humano."

O olhar de Barnabas lançou-se para trás de mim. "Madison! Abaixa," ele gritou, e eu caí para frente desleixadamente, ficando com meu rosto cheio de greda terrosa. O peso de uma pedra rolou pelas minhas costas, e então se foi. Olhei para cima, cuspendo meu cabelo e sujeira da minha boca.

Com asas tão brancas que brilhavam no anoitecer, Nakita veio à terra, girando para que seus pés mal tocassem o chão antes que suas asas desaparecessem como uma memória.

"Você está bem!" eu gritei, pensando que fora uma das coisas mais estúpidas que eu já dissera.

"Os serafins mentem para mim também," a ceifadora rosnou, medo e raiva retorcendo seus traços que já tinham sido lindos. Eu não fazia ideia sobre o que ela estava falando, e eu a encarei inexpressivamente.

"Nakita, espere!" Barnabas gritou enquanto disparava para ficar entre nós. O ceifador branco lançou-se para trás quando um brilho de aço cortou. Os braços de Nakita estavam estendidos e suas costas curvadas enquanto ela atacava novamente. Eu arfei enquanto esticava minhas mãos para um aviso inútil, mas a própria lâmina de Barnabas encontrou a espada dela, puxada do para sempre e do nada, e eu estremeci enquanto o som parecia ecoar e fazia as árvores tremerem. Kairos deve ter lhe dado um novo amuleto. Ela não precisava do que eu queria devolver para ela.

Sua espada tinha uma pedra negra agora, e a joia na lâmina de Barnabas tinha se deslocado para mais baixo no espectro, brilhando um amarelo glorioso. A de Nakita parecia morta, um preto chapado.

"Madison quer apostar," Barnabas disse enquanto segurava a arma de Nakita imóvel contra a sua própria. "Embainhe sua lâmina neste local sagrado."

Nakita sorriu, a determinação em seu rosto assustadora. Ela não parecia nada consigo mesma, vestida em um traje branco que era o gêmeo do manto de Ron. "Eu preciso dela," ela disse, sua voz musical enquanto subia e caía. "Você a trouxe. Ela é minha."

Barnabas deu um passo para trás, e o zumbido em meus ouvidos cessou quando as lâminas deles não se tocavam mais. "Ela trouxe a si mesma. Ela quer se desculpar. Não escutar te desonraria."

Com um floreio, Nakita deu um passo para trás, selvagem e extravagante enquanto gesticulava para que eu falasse. Eu não achava que ela ligava para o que eu poderia dizer, mas era minha única chance.

Assustada, eu a encarei com Barnabas no meu cotovelo. "Nakita, sinto muito," eu disse, minhas palavras desaparecendo na obscuridade do anoitecer. "Eu não sabia que as asas negras ficariam em você. Eu só estava tentando impedi-la de matar o Josh. Eu trouxe o seu amuleto de volta," eu disse, minha mão tremendo enquanto eu a esticava. "Não é um suborno, mas por favor deixe Josh viver."

Seu rosto se retorceu em uma careta, mas ela pegou seu amuleto quando eu o joguei para ela, enfiando-o em seu cinto. "Kairos me dá meu amuleto, não você," ela disse. "E preciso menos da sua pena do que eu preciso

das suas desculpas. Os serafins dizem que estou perfeitamente bem. Eu sou perfeita!" ela gritou para o céu, então se virou para mim, ofegando e com olhos selvagens. "Mas eles mentem."

Barnabas me puxou para trás. "Precisamos ir embora. Ela está arruinada. Isto não vai dar em nada."

"Estou arruinada, também," eu disse, pensando na minha vida interrompida, e sai de perto de seu aperto.

"Nakita, você levaria uma mensagem para Kairos por mim? Ele tem o meu corpo. Eu o quero de volta. Eu lhe darei seu amuleto por ele se ele prometer me deixar em paz. Eu só quero ser do jeito que eu era. Por favor. Estou cansada de ter medo."

Na palavra medo, ela estremeceu, e um brilho de ar atrás dela mudou para mostrar suas asas arqueando sobre ela, maiores do que parecia ser possível, as pontas das longas penas tremendo. Eles podem ter tirado as asas negras dela, mas deixaram dentro dela algo que um ceifador nunca fora criado para entender. Medo. E tinha vindo de mim. Minhas memórias.

"Não sou o seu anjo mensageiro," ela disse amargamente. "Mas vamos até o Kairos. Você é uma ladra. Uma mentirosa. Com o seu corpo e sua alma e minha gadanha, ele pode me transformar no que eu era. Como tudo era. Ele prometeu!"

Kairos ainda tem o meu corpo. Obrigada, Deus.

"Você não vai levá-la," Barnabas disse, alheio ao fato da Nakita ser agora cem vezes mais perigosa. Ela tinha o poder dos anjos clivado com a vontade da humanidade. Medo e um conhecimento da morte tinham lhe transformado dessa maneira. Eu a tinha transformado dessa maneira.

"Ela é minha enquanto estiver aqui." Caindo em uma posição encurvada, Nakita arrastou sua nova espada para frente, a ponta cortando o chão para fazer o musgo se separar como uma ferida.

Eu balancei minha cabeça, recuando. "Nakita, me escute. Eu só quero meu corpo de volta, vivo e ileso. Ele não tem que destruir a minha alma pelo amuleto. Eu posso me dissociar dele."

Ela se endireitou enquanto uma risada, cruel e horrível de ouvir, explodiu dela. Barnabas deslocou-se para mais perto de mim em apoio. "Kairos precisa de você morta para me deixar completa novamente," ela disse. "Barnabas, saia do meu caminho, ou você vai ser o primeiro."

"Você não ousaria." Barnabas me empurrou para trás de si enquanto Nakita puxava sua espada da terra e casualmente limpou a sujeira dela em sua perna. "Um serafim virá. Você não vai arriscar."

"Por que não?!" Nakita berrou, então recuou um passo, de olhos arregalados. "Eu não tenho nada, Barnabas!" ela gritou. "Você sabe o que é temer? Vou rir se um serafim me assassinar por violar um dos seus lugares na terra. Pelo menos acabaria e eu não teria que ter mais medo!"

Barnabas não entendeu, e sua testa se franziu. "Medo?"

Um barulho feio veio de Nakita, baixo, quase um rosnado. Ele filtrou o meu cérebro e me paralisou. E então ela se deslocou.

Eu sufoquei um grito enquanto ela se lançava até Barnabas, asas brancas se desenrolando atrás dela. Barnabas caiu de joelhos, suas próprias asas cinzas espalhadas enquanto ele arremessava-se para trás, para o ar. Eu recuei, lutando para me proteger. Um vento forte agitou as folhas do chão da floresta. Um retinir de aço feriu meus ouvidos. Eles estavam trancados, os braços esticados, Barnabas de pé, suas asas batendo para encontrar a força para empurrar Nakita de volta.

"Eu a terei!" Nakita gritou enquanto suas asas batiam selvagememente, e ela tentou pressionar Barnabas no chão somente com sua vontade. "Eu não serei desse jeito! Não posso!"

Barnabas deu um chute para empurrá-la para longe. Asas cinzas e brancas bateram nas árvores. Prata brilhou na obscuridade enquanto Barnabas mergulhava para frente, sua desvantagem clara. Ele não queria derramar sangue. Nakita não ligava, e ela bateu selvagememente em Barnabas, o ceifador branco reagindo contra cada golpe mais lentamente do que ao último. A ceifadora negra estava lutando com um desespero selvagem que só humanos possuíam, e estava começando a ficar óbvio para Barnabas.

Uma sensação pesada sobre o meu pescoço me chocou, e agarrei meu amuleto, sentindo como se a terra tivesse desaparecido sob os meus pés. Alguém ... alguém estava tentando usá-lo! E quando Nakita gritou, eu sabia que era ela tentando duplicar o que eu tinha feito para ficar invisível.

Ela estava longe demais para o meu amuleto deixá-la sólida, mas a de Barnabas não estava.

Com um grito selvagem, Nakita golpeou sua espada na lâmina de Barnabas, derrubando-a dele. O amuleto ao redor do seu pescoço resplandeceu e ficou imóvel. Ele estava indefeso. Com a boca aberta em um uivo, Nakita pulou diretamente para ele. Barnabas se preparando para um impacto que nunca chegou enquanto Nakita rompia sua ligação com seu amuleto e ficava invisível, mergulhando através dele como se ele fosse água.

"Barnabas, cuidado!" eu gritei, mas era tarde demais. Nakita apareceu atrás do ceifador branco, girando para colocar sua espada contra seu pescoço. Seus braços se prepararam para puxar.

"Nakita, não!" eu berrei, lutando para ficar de pé perante eles. A ceifadora negra vacilou, seus lábios puxados para trás em um sorriso selvagem e vitorioso. Eles estavam parados, dois anjos da morte presos juntos, uma selvagem e enlouquecida, o outro batido e chocado.

"O-onde você aprendeu isso?" Barnabas gaguejou, congelado na sensação da lâmina de outro ceifador contra sua garganta.

Os olhos de Nakita nunca deixaram os meus enquanto ela se inclinava para frente, sussurrando no ouvido de Barnabas, "É impressionante o que você pode fazer quando sabe que nada dura para sempre a menos que você faça durar."

Minha boca estava seca. "Não mate ele," eu implorei. "Por favor, Nakita."

"Bobinha," Nakita disse, seus lábios retorcidos em uma expressão feia. "Por que você se importa? Ninguém mais se importa. Ele falhou em te proteger, te trouxe para mim. E agora, você vai morrer."

"Eu vou com você! Só não mate ele. Me leve até o Kairos," eu exigi, tremendo. "Me deixe falar com ele."

"É exatamente o que eu pretendo fazer," Nakita disse, e então ela se deslocou, recuando.

"Nakita, não!" eu gritei enquanto ela arrastou a ponta de sua espada contra o crânio de Barnabas. Silenciosamente as asas cinzas do ceifador branco luz inclinaram-se e ele caiu para frente, desmoronado contra a terra coberta de musgo. Suas asas o cobriram, e ele pareceu adormecido, um anjo descansando no chão de uma floresta.

Meu coração estava batendo novamente, e eu comecei a recuar. Nakita balançou suas asas e sorriu.

Uma pena suave deslizou dela, o branco puro sendo levado pela corrente até a terra no musgo verde, verde.

Eu corri.

Houve uma lufada de ar, e ela me tinha. Rápido assim, e tinha acabado. "Me solta!" eu gritei. Eu sabia que ficar invisível não iria ajudar se ela pudesse também. "Por que não pode me deixar em paz?"

"Eu me quero de volta," Nakita rosnou enquanto me segurava firmemente contra si. "Eu não quero mais ficar com medo. As asas negras," ela disse, suas palavras cortadas enquanto sua voz subia de tom.

"Eu nunca conheci o medo. Eu já o vi, pensei que vocês todos fossem fracos por causa dele, mas não são. Eu não quero mais ter medo. Eu quero ser do jeito que eu era. Kairos pode me transformar no jeito que eu era. Mas ele precisa de seu amuleto para fazer isso."

Meu amuleto, eu pensei desafiadoramente, então berrei enquanto fomos repentinamente para o ar, esquivando quando explodimos pelo dossel e de volta para a luz. Seu braço estava apertado ao meu redor, e minhas pernas debateram-se até meus calcanhares encontrarem os pés dela e eu ficar em cima deles. Foi uma amostra de cooperação, mas pelo menos meu intestino não estava sendo empurrado para os meus pulmões.

"Nakita, sinto muito," eu disse enquanto subíamos. "Eu não sabia que as asas negras iriam feri-la. Você estava tentando me matar!"

"Era minha tarefa, o seu destino," ela disse, segurando-me firmemente. "Não posso existir do jeito que eu sou agora. Eu serei do jeito que eu era!"

O ar estava frio. Sem aviso, Nakita lançou-se em um mergulho, suas asas dobrando ao nosso redor, embrulhando-nos num calor de um travesseiro macio. Lutei contra ela enquanto meu estômago caía e a vertigem me dizia que estávamos caindo.

"Fica quieta," Nakita rosnou, e então o mundo virou do avesso.

Eu gritei, minha mente incapaz de compreender a ausência absoluta de tudo. Nenhum som, nenhum toque, nada. Era como se eu fosse as asas negras, nunca tendo existido, mas tendo o horror de saber que havia mais e que agora estava perdido para mim. Eu estava caindo, e não havia nada dentro da minha experiência para me dizer se isso iria acabar.

De repente as asas de Nakita estavam sobre mim mais uma vez, infundindo seu calor em mim. Eu inspirei seu cheiro, arfando de alívio, sentindo sua presença me levar de volta à sanidade. Nós não estávamos nos movendo, e quando seu braço em torno de mim caiu, meus joelhos atingiram um chão duro.

Esforçando-me para levantar com meus músculos trêmulos, eu fui para trás, ficando de pé e tentando descobrir o que tinha acontecido. Minhas costas atingiram uma pilastra grossa segurando um dossel branco, e eu congelei, a boca escancarada.

Eu estava do lado de fora, de pé em uma varanda de mármore negro com veias douradas de furta-cor. Não havia corrimão entre ela e o gradual declínio dando em uma praia estreita abaixo. O sol estava logo acima do horizonte, mas a sensação fria e úmida no ar estava errada para o pôr-do-sol. Estava se levantando sobre um oceano plano, não se pondo, e enquanto eu olhava para a vegetação esparsa com suas folhas pequenas e exterior duro projetado para sobreviver à seca, eu percebi que estava em algum lugar do outro lado da terra. Um ruído de arrastar chamou minha atenção. Era Nakita, mas ela estava me ignorando enquanto eu saía do meu agacho instintivo. Suas asas tinham sumido, e ela estava placidamente ao lado de Kairos, que estava sentado atrás de uma pequena mesa coberta de livros velhos e com uma bandeja de café da manhã.

O timekeeper negro estava vestido com mantos soltos como os que Ron geralmente usava, parecendo jovem, fabulosamente refinado e elegante, composto e alto, sua expressão calma mantendo uma expectativa satisfeita.

Assustado, olhei para trás de mim para um prédio baixo construído na encosta, suas janelas largas abertas para os elementos. Cortinas deslocando-se para dentro e para fora da casa, movendo-se na brisa. Eu podia morrer aqui, e meu pai nunca saberia. "Essa é a sua casa, não é?" eu sussurrei, e o vento carregou minhas palavras para Kairos.

Ele sorriu enquanto se levantava e vinha para a frente.

Eu estava morta. Eu estava tã-ã-ã-ão morta.

“Perceptiva,” Kairos disse, sua voz tão dura quanto sua expressão.

Meus tênis amarelos rangeram enquanto eu me virava para correr, mas não havia lugar algum para ir. Em um borrão de movimento, Nakita estava ao meu lado, e recuei para ficar fora de seu alcance. Fazendo careta, ela me empurrou, e eu caí. Meu cotovelo bateu no granito preto, abalando-me até a minha espinha. Eu tentei ficar de pé, caindo novamente quando a Nakita forçou um pé sob mim e me rolou de costas.

Eu congelei enquanto ambos ficavam sobre mim, o odor de terra subindo de uma mancha na perna de Nakita.

A pedra preta nas minhas costas estava gelada com o frio da noite, e o céu possuía uma cor delicada e transparente.

“Como o destino dos anjos pode cair rapidamente,” Kairos disse, suas palavras subindo e caindo como música. Uma vez eu pensara que podia ouvir o oceano em sua voz – que ele fora lindo, incorporando elegância, refinamento, sofisticação – mas tudo que sobrara fora um fedor de água salgada morta, fedendo e pútrida. Meus olhos pestanejaram para a gadanha em sua mão, e eu a reconheci como a que me matara no fundo da barragem.

“De novo não!” eu balbuciei, atirando-me para escapar. Minhas costas encontraram um pilar, e eu deslizei costas acima para ficar com meus dedos apertando os sulcos levantados. Arfando em reflexo, eu abaixei enquanto Nakita balançava sua lâmina para mim.

Um estralar afiado ecoou pelo ar, e eu olhei para cima para ver que Kairos sustentava sua própria lâmina, retardando um golpe mortal com uma facilidade assustadora.

“Paciência, Nakita,” o timekeeper negro disse. “Você pode matá-la, mas não até que eu recupere o corpo. Os três tem que se juntar de uma só vez; de outra maneira, nada muda. Eu simplesmente preciso de um momento para achá-lo.”

Eu escapei, tentando colocar um espaço entre nós. O olhar de Nakita voltou-se para mim. “Você me disse que estava próximo.”

“Está. Você me dá um momento para me concentrar? Uma vez que eu o encontro, estará aqui, e você poderá matá-la.”

Ele soava irritado, e eu fiquei de pé, aterrorizada, sem saber o que fazer. Claro, eu tinha fugido, mas não ia a lugar algum. Eu estava numa ilha. Eu conhecia a sensação da terra quando água batia em todos os lados. “Kairos, devolva o meu corpo e me deixe ir, e eu lhe darei seu estúpido amuleto,” eu disse enquanto escaneava o horizonte aberto procurando por uma saída, mas eu tremia, e amaldiçoei minha voz quando ela tremulou. “Não ligo se sou a timekeeper aspirante. Tudo que eu quero é ser deixada em paz, está bem?”

Kairos riu, jogando sua cabeça para trás e deixando o longo som rolar, e eu percebi que Nakita tinha pestanejado às minhas palavras. Ela não soubera. Kairos não tinha lhe contado. Eu fora um erro para ela, nada mais. “Quem te disse?” Kairos perguntou, esfregando um olho. “O Ron que não foi. Ou você descobriu? Incrível. Eu tenho plenas intenções de te devolver seu corpo, porque até que morra e parta, você me devolvendo meu amuleto não me permitirá usá-lo.”

“Consigo me dissociar dele,” eu disse. “Apreendi como fazê-lo ontem. Será totalmente seu. Ron pode me fazer um novo. Simplesmente devolva meu corpo e me deixe ir, está bem?”

O ar mudou, e eu girei. “Ron!” gritei quando o vi. Barnabas. Ele está bem? Então meus olhos se estreitaram. Por que eu estava feliz em ver o Ron?

Nakita lançou-se para frente para agarrar meu braço, e lutei com ela – até encontrar sua lâmina na minha garganta, a joia do tamanho de um dedão e de aparência mortal brilhando sem vida a centímetros do meu olho. Droga!

Como ela se moveu tão rapidamente? A declaração de Kairos que meu corpo estava por perto congelou meus músculos. Se ele o apresentasse, ela podia me matar de vez.

“Tarde demais, Ron,” Kairos disse, rindo suavemente para minha surpresa. “Que engraçado,” ele disse levemente para Nakita. “Um mestre do tempo se atrasando.”

Meus pés escorregaram na pedra lisa. Se não fosse pela Nakita me pegando, eu teria me cortado em sua lâmina. Eu estava tão assustada.

Ron curvou sua cabeça. O novo sol brilhava nele, iluminando a determinação em seus olhos quando sentou seu olhar de volta para mim. Determinação e... culpa? Estava na porcaria da hora.

“Solte-a, Nakita,” ele disse persuasivamente. “Kairos não pode te ajudar, mesmo que ele consiga seu amuleto de volta. Madison é uma keeper aspirante. Já está decidido o lugar de quem ela tomará.”

Sua respiração saiu suavemente, e enquanto seu aperto em mim afrouxava-se, eu consegui sentir sua confusão.

Kairos marchou para frente, dizendo, “Eu não menti. Não saberei com certeza que não consigo fazer isso até que tente.”

“Ela é uma timekeeper aspirante?” Nakita questionou, e eu me mexi quando sua espada se moveu suavemente, mudando do meu pescoço para apontar para ele. Vendo isso, Kairos hesitou com uma rapidez cômica. Ela ainda estava me segurando, contudo, seu braço ao redor do meu pescoço. Choque apareceu em seus traços refinados, o que ele rapidamente escondeu.

“Nakita,” ele persuadiu, “eu posso ser capaz de ajudá-la. Guarde sua lâmina.”

“Você me disse que podia arrancar o medo de mim,” Nakita disse, segurando-me mais apertadamente. “Você me disse que os serafins cantaram que ela estava destinada a morrer, e para que a levasse. Ela é uma

timekeeper aspirante? Você me mandou ganhar uma timekeeper porque teme a morte? Chronos acredita nela!”

A voz de Nakita trovejou na minha orelha, a raiva justa de uma anjo injustiçada. A bainha da veste de Kairos tremeu enquanto ele deu três passos para trás, sua mandíbula apertada. O instante pareceu hesitar, e me perguntei se estava sendo presa para ser morta... ou protegida.

“Então eu menti,” Kairos admitiu, retornando para sua mesa e virando de lado para cutucar o jarrinho na bandeja. Sua sombra do sol nascendo esticava-se longamente para tocar meus pés, e eu estremeci enquanto a luz brilhava em seu amuleto menos poderoso. “Eu comandeï tanto você quanto o tempo por mais de mil anos, Nakita. Eu não vou sair silenciosamente porque os serafins decidiram que era hora de eu me aposentar, ensinar outro, e desaparecer para a morte. E não por uma garota que não é velha o bastante para contar como mulher.”

“Ela é tão velha quanto você era quando assassinou seu predecessor,” Ron disse amargamente. “É engraçado como essas coisas funcionam.”

O lábio superior de Kairos tremeu, mas seus olhos estavam fixos nos de Nakita. “Ela não pode ser uma timekeeper,” ele disse firmemente. “Ela está morta. Eu mesmo a matei.”

Ron deu um passo mais para perto, hesitando quando a espada de Nakita mudou, por um instante, para ele, e então de volta para Kairos. “Ela roubou o seu amuleto,” ele disse. “Não acho que importe qual o estado de vivacidade dela seja se ela conseguiu isso. Madison já reivindicou seu direito de nascença. Ela arrancou o controle de uma anjo da guarda de mim ao simplesmente nomeá-la, e ela agora está protegida pela Nakita. É tarde demais. Você perdeu, Kairos. Acabou. Deixe-a ir. Aceite isso.”

E, ainda assim, eu ainda estava no agarro de uma ceifadora negra.

“Kairos?” Nakita perguntou, sua voz aguda enquanto ela lutava para juntar todos os pedaços. Eu estava junto dela, e uma onda de tontura fez meus joelhos ficarem fracos. Assustada, eu endureci enquanto o vento suave deslocava meu cabelo para meus olhos, momentaneamente bloqueando Kairos da minha vista com a espada parada de Nakita entre nós.

“Não sou a timekeeper negra aspirante,” eu disse enquanto Nakita me puxava para trás. “Sou a branca aspirante. É por isso que quero trocar com Kairos seu amuleto pelo meu corpo. Ron, ele tem o meu corpo. Eu posso voltar a ser do jeito que era! Diga a ele que posso acabar com a minha influência no amuleto dele.” Meu olhar desviou-se para Kairos, vendo sua descrença. “Eu posso! Já fiz antes! Ron, diga a ele! Diga a ele que sou a timekeeper branca aspirante!”

Mas Ron olhava para o chão, me assustando.

Com um falsa tranquilidade, Kairos despejou um líquido âmbar numa taça de cristal, bebericando-o ligeiramente antes de assentá-lo. “Ainda não entendeu tudo?” ele disse. “Você estava destinada a ser minha estudante, Madison; por que mais eu ganharia você? Ron não pode te receber mesmo que quisesse. Ele está ensinando o timekeeper branco aspirante há mais de um ano.”

Mas que... Meu olhar frenético foi até Ron, lendo em sua expressão abatida que Kairos dizia a verdade. “Seu filho de um cachorrinho morto,” eu sussurrei. “Você sabia? Você está ensinando outra pessoa? É por isso que você me passou pro Barnabas?”

Ron estremeceu. Ele deu um passo para frente, e Nakita me puxou dois passos pra trás. Enojada, eu saí do aperto de Nakita e fiquei ereta no dia novo com meus próprios poderes. A ceifadora negra encarou o sol e ajoelhou-se com sua espada sobre um joelho e sua cabeça encurvada - ela parecia estar rezando, o cabelo escondendo seu rosto enquanto um lamento suave e lúgubre saía dela.

“Eu fiz isso pela humanidade, Madison,” Ron disse persuasivamente. “Você poderia acabar com as mortes injustas se eu pudesse fazer você se aliar comigo. Pense nisso! Um timekeeper negro que acreditasse em escolha? Não haveria mais gadanhadas, nada mais de vidas encurtadas. Kairos seria despojado do poder, deixando apenas paz para trás quando você tomasse o lugar dele.”

“Por que ela se aliaria a você?” Kairos exclamou. “Você a escondeu dos serafins por trás de alegações e investigações, negou sua existência daqueles que teriam corrigido as coisas. Foram as suas próprias ações que forçaram que a verdade da existência dela saísse de onde ambos a tínhamos escondido para que pudéssemos brigar por ela como cães brigando por restos. Você sussurrou falsas verdades no ouvido dela até que as escolhas dela fossem as que você queria. Você passou o ensino dela para um ceifador, dando-lhe uma tarefa que você sabia que ele não conseguiria lidar enquanto você ensinava aquele destinado a te substituir, com a intenção de deixar Madison destituída de habilidades no caso da verdade vir a tona e ela tomar meu lugar, seguramente ignorante e em desvantagem.”

Kairos virou-se para mim, nojo em seus olhos. “E você o deixou.”

Minha cabeça se moveu para frente e para trás em negação. Eu não soubera. Como eu poderia? Eu pulei quando Nakita ficou repentinamente ao meu lado, o gentil toque de suas asas roçando em mim. Sua espada tinha desaparecido, e eu encarei-a, vendo sua confusão, sabendo o que ela estava sentindo, já que eu mesma o estava: traição, desalento, medo. “Pelo menos eu não tentei matá-la,” Ron resmungou.

“Não, você a manteve ignorante.”

“Fui eu quem a salvei!” Ron gritou de volta.

“Você não me salvou,” eu disse, os lábios mal se movendo. “Eu morri. Lembra-se?”

A brisa leve vinda da praia levantou meu cabelo para fazer com as pontas roxas fizessem cócegas na minha bochecha. Eu tentei entender. Não fazia sentido. Eu não podia ser uma timekeeper negra aspirante. Eu não acreditava em destino.

Ron foi para frente, e eu saí da minha confusão. “Pare!” eu gritei, agarrando meu amuleto com a outra mão esticada, e ele hesitou, frustrado.

“Os serafins decidiram que Madison deveria tomar seu lugar?” Nakita disse, sua voz rachada. “Você me mandou matar aquela que seria minha mestre? A próxima que defenderia a vontade dos serafins?”

Kairos franziu sua testa para ela. “Ela não seria sua nova mestre se você me deixasse destruir a alma dela. Sem ela, viverei para sempre, capaz de reivindicar um lugar numa corte mais alta.”

Kairos ficou numa posição arrogante. “Serei imortal. Imortal, Nakita!” ele disse, sua expressão tornando-se fervorosa enquanto ele gesticulava, quase derrubando sua xícara. “Seria o bastante para mudar as marés do time à nosso favor para sempre. Imagine isso!”

“Você prometeu me ajudar,” Nakita sussurrou, sua voz mais suave que o vento.

Kairos espiou-a com irritação, mas seus olhos estreitaram-se quando ele percebeu a ameaça que ela era. “Dê-me seu amuleto,” ele disse, esticando sua mão, e quando ela não deu, ele marchou para frente, raiva e dominância em seu movimento.

Eu reprimi uma arfada quando Nakita me empurrou para trás dela, e meus pés lutaram para me manter ereta. Houve um barulho agudo que parecer fazer a nova luz solar estremecer, e quando eu olhei, o amuleto de Nakita estava na mão do Kairos e ele estava caminhando para a mesa próxima. Ele a tinha deixado inofensiva. Porcaria. E agora?

“Ainda sou seu mestre, sua anjo ignorante,” ele disse enquanto a fonte de poder de Nakita tinha sobre a mesa; então seu sorriso gelou meus ossos. “Agora. Madison. Sobre o seu corpo.”

Ah, Deus. Ele tinha o meu corpo. Ele podia destruir a minha alma. Ron ficou de pé sem se mover, não que eu esperasse algo dele.

Nakita caiu de joelhos perante Kairos, seu rosto pálido e uma faixa de umidade escorrendo de seu olho. “Você disse que podia me fazer melhorar,” ela disse, luto claro em seu tom. “Eu não quero ter medo.”

Apesar do meu próprio medo, pena cresceu por mim. Ela estava caída, uma anjo duplamente traída. A inocência de uma coisa selvagem com poder com o conhecimento da morte.

“Você prometeu, Kairos,” Nakita disse suavemente enquanto lágrimas derramavam dela e ela as enxugava, choque mostrando-se brevemente na presença delas. “Eu sofri asas negras comendo minha memória. Memória é tudo que eu tenho. Eu acreditei em você. Você me mandou matá-la porque teme a morte?”

“Serei imortal!” Kairos berrou, sua raiva explodindo. “Como você pode presumir saber como é temer a morte? Você existe desde que os tempos começaram e continuará a existir até que acabem!”

Nakita ficou de pé, o ar tremeluzindo onde suas asas estariam. “Eu sei como é temer a morte, mas eu ainda vivo pela vontade dos serafins,” ela disse, sua voz tremendo. “Eu vivo por ela, e você morrerá por ela.”

Kairos sorriu forçadamente, Tateando o amuleto dela na mesa. “Como, Nakita? Você pertence a mim.”

Mas então ela puxou uma pedra branca de seu cinto, amarrada por um arame preto e enlaçada por uma simples corda preta. Não parecia com o amuleto que eu devolvera a ela na floresta, e Kairos balançou sua cabeça como se não significasse nada – até que ela esfregou um dedão por ela e o que pareceu ser sal caiu para mostrar uma simples pedra preta brilhando infinitamente. Era a pedra que eu devolvera para ela na floresta. Como se eu tivesse sido sua guardiã. Eu o manchara com minhas lágrimas – presenteando-a com um símbolo do meu luto e como reparação por ter quebrado a pureza de sua existência.

A mão da Nakita fechou ao redor dela. “Eu te aceito,” ela disse para mim, apesar de sua careta assustadora ser para o Kairos.

“Não!” eu berrei, esticando-me quando o brilho de sua espada relampejou um negro puro. Nakita pulou para frente para mandar sua lâmina limpamente pelo Kairos.

Ron deu vários passos a frente, gritando em desalento, mas era tarde demais. Estava feito. Kairos olhou para seu meio desmarcado, pestanejando quando levou seu olhar para cima, fixando primeiro na pedra violeta, então em seus olhos. “Você falhou conosco,” ele sussurrou, e então sofreu um colapso.

Nakita esticou-se e capturou-o gentilmente, quase amorosamente, enquanto colocava suavemente o timekeeper negro no chão polido. “Destino, Kairos,” Nakita sussurrou, chorando enquanto suas mãos deslizavam dele, e ela fechou os olhos dele para que não olhassem para o céu. “Os serafins decidiram que ela tomaria seu lugar. Seu tempo havia passado. Não há fracasso, Só há mudança.”

“Ai meu Deus!” eu gritei, horrorizada enquanto ficava parada lá. “Você o matou! Como pode...? Ele está morto!”

Ron fez um som de arrependimento, e eu virei para ele, aterrorizada. Se Kairos estava morto, então isso significava – “Ele não está morto,” eu balbuciei. “Diga-me que ele não está morto.”

“Ele se foi,” Ron disse, e eu saltei de volta quando Nakita ficou repentinamente perante mim, ajoelhando e oferecendo-me sua espada.

“Nakita, não!” eu berrei, em pânico.

“Minha senhora,” ela insistiu, dor em sua expressão frágil. “Eu sou imperfeita.”

“Para. Para!” eu disse, frenética enquanto tentava fazê-la se levantar. Ela era tão linda. Ela era uma anjo. Ela não deveria estar se ajoelhando perante mim. “N-não faça isso,” eu gaguejei. “Não sou a timekeeper negra.” Eu olhei para Ron, de pé com suas mãos entrelaçadas perante ele.

“Você é a guardiã da justiça invisível,” Nakita disse, sorrindo pra mim, “sancionada pelos serafins. Capaz de rastrear o tempo e curv-lo a sua vontade.”

“Não sou não!” eu insisti, espiando o corpo de Kairos. Nakita tinha acabado de matá-lo! Ron suspirou pesadamente o bastante para que eu escutasse. “Sim, você é.”

Meu olhar foi para ele, e eu endureci. Uma figura estava atrás dele, difícil de se ver contra o sol nascente. Ron viu onde estava a minha atenção e virou-se. Um som estrangulado escapou dele, e ele saiu entre nós. Era um serafim. Tinha que ser.

“Sangue foi derramado na casa de um timekeeper,” o serafim disse, sua voz tanto musical quanto dolorosa. Ela carregava o poder de marés e as gentis carícias das ondas sobre a praia, e eu quase chorei ao ouvir isso. Eu não conseguia aguentar isso. Era demais.

“Um sacrifício para que você ouça meu apelo.” Nakita ficou de pé perante o serafim com sua cabeça curvada, mas sua espada ainda estava no meu pé, e eu a peguei.

O serafim assentiu, e eu me perguntei se deveria me curvar ou fazer reverência ou me ajoelhar ou coisa assim. Ah, Deus. Era uma porcaria de um serafim, e aqui estava eu, de meias amarelas e brincos de caveira.

“Ela tomou seu lugar,” Nakita disse. “Eu a apresento a você e peço uma dádiva. Quero ser como eu era. Estou danificada.” Ela olhou para cima, lágrimas desfigurando seu lindo rosto. “Eu temo, serafim.”

“Isso não é um dano, Nakita,” o serafim disse gentilmente. “Isso é um presente. Regozije em seu medo.”

O serafim se virou para mim, e minha boca ficou seca. “Não sou a timekeeper negra,” eu balbuciei, empurrando a espada de Nakita de volta para ela até que ela a pegasse. “Não posso ser! Eu não sei nada!”

“Você saberá. Com o tempo,” o serafim disse, divertimento destorcido em sua voz. “Até lá, manterei tudo funcionando tranquilamente. Não demore muito. Minha voz já faz falta nos coro.”

“Mas não acredito em destino!” eu exclamei. Meu olhar foi para Ron; estava pensando que estava tendo dúvidas sobre a escolha, também.

“Acreditar no destino não é um requisito,” a voz musical disse, o serafim parecendo tomar o mundo inteiro, apesar de não ser muito maior que eu. “Kairos não acreditava. Aparentemente.”

Eu inspirei rapidamente quando ele olhou para longe de mim e se fixou em Ron. “Você acredita, contudo. Apesar de tudo que diz ao contrário.”

Ron não se moveu até que o serafim desviasse o olhar; então ele afundou em alívio.

“Mas eu não quero o trabalho!” eu disse, frenética de que o que eu queria não parecia importar.

“Por favor, não posso simplesmente ter meu corpo e as coisas voltarem a ser como eram?” O serafim pestanejou, parecendo chocado - se uma emoção dessas pudesse ser aplicada às divindades.

“Você não quer isso?” ele perguntou, e Ron deu um passo para frente como se para protestar.

“Não!” eu disse, sendo enchida por esperança. “Eu só quero ser eu.” Apressada, eu puxei a pedra ao redor do meu pescoço. Reunindo a minha coragem, me lancei para frente, empurrando o amuleto nas mãos do serafim. Meu coração martelava novamente, e, envergonhada por não poder controlá-lo, eu recuei, me perguntando se havia quebrado uma regra por chegar tão perto. Eu não conseguia olhar para seu rosto. Doía. O serafim olhou para o amuleto em seus dedos luminescentes como se segurasse um grande tesouro. A pedra estava queimando um preto infinito, os fios prateados agora um dourado quente. “Você já é você.”

“Por favor,” eu implorei, desviando um olhar para Kairos, morto nos azulejos e esquecido. “Pode simplesmente me transformar em quem eu era? Colocar-me de volta no meu corpo?” A esperança me animou quando o serafim sorriu tão brilhantemente que eu espremi meus olhos.

“Se assim escolher,” ele disse, um humor inesperado em sua voz. “Onde está?”

Meu grito entusiasmado morreu em desalento. “Kairos o tinha,” eu disse, sentindo-me enjoada quando meu olhar pousou em Nakita, então em Ron, silencioso nos fundos. Ele não era de ajuda alguma, e me virei para o serafim.

“Deve estar na casa,” eu disse, virando-me e me sentindo nua sem o amuleto ao redor do meu pescoço. “Já teria apodrecido por ora,” disse Ron.

Horror levantou-se por mim, e então medo. O Kairos havia deixado meu corpo para apodrecer? Isso tudo tinha sido em vão?

“Ele está certo,” o serafim disse. “Seu eu corpóreo não está aqui na terra.” eu tropecei até a mesa, sentando-me pesadamente, minhas pernas não mais capazes de me segurar de pé.

Meus cotovelos ficaram na mesa azulejada, e eu derrubei a xícara de Kairos. Arrastando-me, eu a endireitei, me perguntando o por que. Ninguém vai beber isso. É a bebida de um homem morto.

“Ele disse que estava próximo,” eu sussurrei, entorpecida. Onde estava o meu corpo se não estava na terra? O sol fora encoberto, e eu olhei para cima para ver o serafim sentar perante mim, uma situação tanto chocante quanto entorpece Dora. “Seu corpo certamente está em algum lugar entre o agora e o próximo.”

Meu coração pareceu cinza, e eu pestanejei, tentando ver os traços do anjo. Mas houvera esperança em suas palavras. “Entre o agora e o próximo? O que isso quer dizer?” Estou sentada numa mesa com um anjo no outro lado do mundo. Isso é bizarro ou o quê?

“Significa que seu corpo está perdido, mas o que está perdido pode ser encontrado,” o serafim disse. “Kairos teria posto o seu corpo no único lugar onde permaneceria escondido, mas, ao mesmo tempo, que tivesse acesso imediato. Entre o agora e o próximo.”

Lambendo meus lábios, roubei uma espiadela para o corpo morto de Kairos. “Pode me levar lá?” Novamente, o serafim sorriu, e eu tive que deixar meu olhar cair. “Não há lá para onde ir. Simplesmente é. Com o tempo, você será capaz de ver entre o agora e o próximo.” Limpando sua garganta com um gesto bem humano, o serafim estendeu meu amuleto de volta para mim. “Você escolhe tomar isto ou escolherá perecer completamente?”

Como se eu realmente tivesse escolha.

O vento do oceano deslocou minha franja, e eu espiei Nakita, parecendo perdida e linda enquanto esfregava a lisura de suas lágrimas entre seus dedos, tentando entendê-las. “Posso só meio que aceitar?” eu perguntei. “Só até achar meu corpo?”

O serafim riu. O lindo som balançou o ar, e a mesa entre nós rachou.

“E você não acredita em destino!” ele disse alegremente, de certo modo me lembrando de Grace.

“Estou falando sério,” eu disse asperamente, tentando cobrir meu choque pela mesa quebrada. “Posso fazer isso até encontrar meu corpo, então devolver meu amuleto?” Ficar viva novamente era tudo que eu queria.

Nakita tinha vindo para frente, propósito substituindo sua confusão. Vendo-a, o anjo mudou sua expressão para uma de cálculo. “Se for o que você escolher,” ele disse sagazmente.

“Escolha?” eu perguntei amargamente. “Achei que você era todo destino.”

“Sempre há uma escolha,” o serafim disse.

Eu espiei Kairos e reprimi um estremecer. “Kairos disse que há apenas destino.”

“E Chronos diz que há apenas livre arbítrio,” ele disse com uma cadência sorrateira em sua voz.

O serafim estava aprontando alguma. Falar com ele era muito estranho. Suas emoções eram tão fáceis de ler quanto as de uma criança, mas inacreditavelmente poderosas. Lambendo meus lábios, eu me virei para que não pudesse ver Kairos. “Qual está certo? Escolha ou destino?”

“Ambos estão,” ele disse. Com uma abafação de tecido deslizando que soava como a luz solar, o serafim se ajoelhou perante mim, o amuleto esticado em súplica.

Eu fiquei de pé, assustada. “Não faça isso,” eu sussurrei, querendo que todos simplesmente me ignorassem. Vou vomitar. Vou vomitar bem aqui nesse lindo chão.

O serafim olhou para cima, e dor deslizou pela minha cabeça quando nossos olhos se encontraram, quase me cegando. “Eu te honro. Você pode fazer algo que eu não posso,” ele disse suavemente. “Por tudo que sou e tudo que fui, você é humana. Você é amada por sua criatividade, tanto boa quanto ruim. Eu posso matar, mas você pode criar. Você pode até criar... um fim,” ele disse desejosamente. “Isso é algo que nunca serei capaz de fazer. Aceite isso. Crie.”

Encarei meu amuleto. Era lindo, a pedra negra brilhando com minúsculas luzes prateadas em seu centro como estrelas. Eu não conseguia olhar para o rosto do serafim, doía tanto, mas eu senti que ele estava sorrindo para mim. “Madison, destino – não escolha – mandou Kairos te matar. O destino lhe deu coragem para reivindicar seu amuleto. O destino fez com que Chronos te escondesse de nós. Foi o destino que distorceu centena de momentos para te trazer aqui. E ainda assim, você tem que escolher aceitar seu lugar ou retornar como era.”

Ainda assim eu hesitei em voltar. “Qual você escolheria?” eu perguntei. “Se pudesse.”

O serafim riu. “Nenhum, eu sou eu. Escolha? Destino? Eles são os mesmos. Não consigo ver a diferença. É por isso que só um humano pode retorcer o tempo a sua vontade. Quando voa alto o bastante, ver em torno dos cantos do tempo não é um problema, mas dificulta a separação entre o futuro e o passado.”

Era uma escolha que não era. Destino que era imposto pelo livre arbítrio. Eu não queria morrer, então havia apenas uma opção, e como se em um sonho, eu estiquei-me para tocar meu amuleto, minha vida.

A pele do serafim estava fria, e quando nossos dedos se tocaram, eu senti a vastidão de espaço espalhada perante mim em meus pensamentos. A pedra estava quente, e meus dedos fechados ao redor dela, reivindicando-a novamente.

Em um movimento gracioso, o serafim ficou de pé. “Está feito. Ela tomou seu lugar.”

Rápido assim, estava feito. Nada de trombetas, nada de trompetes. O amuleto descansava na minha mão, sentindo como sempre. Chocada, eu olhei por cima dele. Era isso? Eu sou a timekeeper negra?

Ron suspirou. Nakita estava ao meu cotovelo, seu medo de que eu a deixasse de lado claro em seus olhos arregalados. “O que você deseja que eu faça?” ela sussurrou, implorando-me para lhe dar uma tarefa.

Eu olhei para o serafim, confusa, e ele disse, “Você tem um desejo. Ela vai assegurá-lo.”

“Salve o Josh,” eu disse, extremamente surpresa por ser tão fácil. Depois de tudo que eu fizera, eu só tinha que pedir? “Ajude o Barnabas.”

As sobrancelhas de Nakita levantaram-se e seus lábios se separaram. “Eu nunca fiz isso,” ela disse, e Ron fez um som de engasgo.

“Por favor,” eu acrescentei, curvando meus dedos ao redor dos dela enquanto ela segurava sua espada.

Nakita assentiu. Suas asas borraram em existência. A brancura delas tremeluziu enquanto ela as enrolava ao redor de si mesma, e com um suave suspiro de ar, ela desapareceu.

“É um bom começo,” o serafim disse, voltando minha atenção para ele. “Você verá, Madison. Seu amigo Josh não acabou de fazer para os outros, tampouco.” Sorrindo, ele se inclinou para perto. Eu não conseguia me mover enquanto o cheio de água limpa fluía para mim, esfriando minha ansiedade e enchendo-me com paz. “Você deveria ir antes que seu pai te chame,” ele disse, e quando beijou a minha testa, eu desmaiei.

Era barulhento, o som da animação do primeiro dia pontuada pelo batimento ocasional de armário. Os professores não estavam nem tentando controlar isso. Three Rivers era uma pequena comunidade, e as pessoas não tinham que ficar no corredor entre as aulas como tinham que ficar na minha antiga escola, que era lotada demais para deixar o corpo estudantil ficar sem supervisão.

Mais uma vantagem da vida numa cidade pequena.

Eu enfiei meus livros no meu armário e puxei meu horário de aula. Dizia veterana no alto, e eu não consegui evitar meu sorriso. Veterana. Essa era uma boa sensação. Melhor ainda, eu não era mais a garota nova. Necas. Eu fora expulsa dessa posição estrelar.

“O que envolve estudos de economia doméstica?” Nakita perguntou lentamente enquanto dava uma olhada para a fina folha amarela em seu aperto. Eu a tinha ajudado escolher sua roupa hoje de manhã, e ela estava bonita com sua calça jeans de designer e sandálias que mostravam suas unhas dos pés pretas. Eu não tivera que pintá-las dessa cor. Aparentemente ceifadores negros tinham unhas do pé pretas.

Do meu outro lado, Barnabas deslocou sua mochila para mais alto no seu ombro, parecendo com qualquer garoto em qualquer escola com sua calça jeans e camiseta. “Você vai amar, Nakita,” ele disse, sorrindo forçadamente.

“Vou ajudar a te ensinar como se misturar. Tente não ganhar seu parceiro se os biscoitos queimarem.”

Eu sufoquei minha risada, tentando imaginar a ceifadora negra pequenina, atraente, mas às vezes sem noção, fazendo o balanço de um talão de cheques ou aprendendo como usar o micro-ondas. Meu olhar retornou para o meu horário. Física. Sala de estudos. Inglês avançado com o Josh. Fotografia. Ia ser um bom ano.

Nakita ficou de costas para os armários enquanto tentava entender isso, quase ficando no caminho do tráfego de pedestres. “O que biscoitos tem a ver com economia?” ela perguntou enquanto jogava seu cabelo para trás num gesto inconsciente que a maioria das modelos passa anos aperfeiçoando. Com aquele cabelo e aqueles olhos, ela era linda, e eu já podia sentir as encaradas enquanto todos se perguntavam o que ela fazia ao meu lado. A história era que ela e Barnabas eram estudantes de intercâmbio, e com uma pequena intervenção angelical, eles tinham os antecedentes para provar. Ao que todos sabiam, eles estavam ficando na minha casa. A verdade era mais... interessante.

A voz de Amy levantou-se mais alta que a tagarelice ao redor, e eu endureci, abrindo meu armário e basicamente me escondendo atrás da porta. Eu não tinha medo dela, mas a mentalidade de rainha do baile me irritava pra caramba.

“Oi!” veio sua voz jovial, e eu me contrai, já que ela devia estar falando com a Nakita. Seu grupo de tolos conformistas estava atrás dela, e eu fingi estar procurando algo.

“Sou a Amy,” ela praticamente borbulhou. “Você deve ser a novata. Aquele é o seu irmão? Ele é meio gostoso.”

Barnabas endureceu para parecer charmosamente inocente com seu punhado de cachos e olhos arregalados, e eu sorri. Ele realmente não fazia ideia do quanto era bonito.

“Aquele merdinha fracassado?” Nakita disse, sua antipatia quase pingando visivelmente em poças asquerosas nas sapatilhas de designer da Amy. “É, acho que sim. Isso não quer dizer que eu tenha que gostar dele.”

“Sei o que quer dizer.” Amy fingiu um suspiro sentido. “Tenho um irmão também.” As garotas atrás dela deram risinhos quando ela passou por mim até chegar em Barnabas. “Eu sou a Amy,” ela disse, sorrindo enquanto estendia sua mão.

“Barnabas,” o ceifador disse enquanto lançava-se por mim para dar um abraço lateral em Nakita, a fim de evitar cumprimentar Amy. “Esta é Nakita. Ela é minha irmã favorita. Somos da Noruega.”

Noruega? Eu não consegui evitar sorrir afetadamente quando as amigas de Amy começaram a zumbir atrás dela.

“Achei que você tinha um sotaque mesmo,” Amy disse, apenas levemente envergonhada pelo ligeiro desprezo. “Por que não sentam na minha mesa no almoço? Os dois. Vocês não vão querer comer com os bobocas.”

Incapaz de aguentar mais, eu bati meu armário para fechá-lo.

“Madison! Doçura! Eu não te vi aí,” Amy arrulhou. “Essa regata é de matar,” ela disse, gesticulando. “É tão a sua cara. Minha irmã caçula deu uma exatamente como essa para a caridade no ano passado.”

Nakita estivera me ensinando como usar meu amuleto para atrair energia da corrente do tempo para fazer uma espada, e precisei de toda a força que eu tinha para não praticar isso agora. “Oi, Amy. Como está o nariz? Você vai remover esse caroço antes do dia da foto?” Isso foi quase tão bom, contudo.

Amy corou, mas eu fui poupada de sua réplica quando seu grupo se afastou dando risadinhas, e Len empertigou-se.

Num movimento rápido, Nakita o agarrou pelo pescoço e o golpeou contra o armário.

Chocada, eu fiquei parada com a minha boca aberta. Ao nosso redor chegaram hoos e vaias.

“Toque-me lá novamente, e você morre, suíno,” ela disse, cada palavra concentrada.

Os olhos de Len estavam arregalados, e seu rosto vermelho enquanto Nakita pressionava-o contra o metal reforçado.

Barnabas ria, mas eu não queria passar meu primeiro dia de aula na sala do diretor. “Hm, Nakita?” eu propus. A ceifadora respirou alarmada, olhou para os rostos observando, e o soltou. Len tropeçou para

recuperar seu equilíbrio, mas nada conseguiria ajudá-lo a achar seu orgulho. Quero dizer, Nakita era menor que ele, e parecia uma cabeça de vento, com sua confusão perpétua. É claro, ela parecia uma cabeça de vento envergonhada agora.

“Você é uma doida varrida!” Len gritou, recuando enquanto arrumava sua camisa. “Estão me escutando? São amigos da Madison, não são? Você são tão doidos quanto ela!”

Fiz uma cara de inocente, tentando não rir. Barnabas, contudo,—abafava seu riso — assim como todo o corpo estudantil masculino que vira o incidente.

Amy agarrou seu braço como se estivesse impedindo-o de ir atrás de nós, e ela o afastou quando um professor surgiu da esquina. Não havia nada para se ver, contudo, além do prolongamento da animação e risada. Os caras foram embora com altas respostas grosseiras, e o punhado de estrogênio caminhou atrás deles. Eu exalei, nem mesmo tendo percebido que prendera o fôlego.

“Nakita?” eu disse enquanto abria meu armário novamente. “Precisamos trabalhar na sua habilidade de socialização.”

“Ele me tocou,” ela disse, fazendo cara feia. “Ele tem sorte de ainda estar vivo.”

Minhas sobrancelhas levantaram-se, e eu me perguntei se a ideia dos serafins da Nakita me ensinar como usar meu amuleto e eu ensiná-la como viver com seu novo dom do medo era uma ideia tão boa.

“Certo, mas se quiser ficar na escola, tem que ser mais sutil.”

“Sutil,” a ceifadora ponderou, sua expressão relaxando. “Tipo uma faca sob suas costelas?”

Barnabas se inclinou para perto. “Mude para um dedo, e sim, isso funcionaria.”

Acima de mim veio uma voz tilintante quase no fim da minha consciência. “Era uma vez uma garota que tinha graça.”

Minha atenção voltou-se para cima, e eu sorri para a bola de luz. “Grace!” gritei, esperando que ninguém achasse que eu estava falando com o teto. A primeira vez que um serafim tinha tentando me contatar, eu desmaiara com a dor. Agora tudo vinha através de um anjo mensageiro, mas essa era a primeira vez que eu tinha visto a Grace.

A anjo pousou em cima da porta do meu armário. “Oi, Madison. Tenho uma mensagem para a Nakita.” Brilhando mais fortemente, ela acrescentou, “O que o Barnabas faz aqui? Você é a timekeeper negras, e ele—”

“Não está com o Ron,” Barnabas disse, o rosto apertado enquanto cruzava seus braços sobre seu peito.

A luz clareou ainda mais até que eu tive que acreditar que ela estava visível para todos. “Você mudou de lado!” ela exclamou, e eu recuei com a dor na minha cabeça pela força da sua voz.

Barnabas correu uma mão sobre seus cachos enquanto Nakita abafava o riso. “Não sei o que eu sou, mas não podia ficar onde estava. Não confio no Ron, mas ainda não acredito em destino.”

Nakita jogou seu cabelo para trás e colocou uma mão em seu quadril. “Você ousaria desacatar os serafins?” ela quase rugiu.

Ele retornou com, “Eu usaria meus olhos para ver e pensamentos para pensar,” e Grace zumbiu impientemente.

Ficando entre eles, eu disse, “Está bem. Ótimo! Não acredito em destino, tampouco, mas eu respeito Nakita.” E aquela grande gadanha que ela me mostrara que podia fazer na semana passada. “Quando estou na escola, fico salva de qualquer coisa com que vocês se preocupem. Por que ambos não esperam do lado de fora?”

Imediatamente eles voltaram atrás. “Preciso estar aqui,” Nakita disse, os olhos abaixados. “Por mim mesma. Eu preciso entender. Os serafins não têm certeza como o fato de você estar morta influenciará a sua habilidade de ler o tempo. E eu não me sinto bem entre os meus. Eles acham que sou imperfeita,” ela terminou, e eu recuei pela vergonha que pude escutar em sua voz.

Barnabas olhou ao redor, pelas pessoas animadas, seu olhar vago. “Eu preciso de algo para fazer. Eu estou... sozinho também. E você é familiar.”

Que legal. Sou familiar. Como um par velho de meias.

“Vocês dois estão protegendo a Madison?” Grace perguntou. “Alguém precisa fazê-lo. Ela não me deixava.”

Eu me sinto mal por isso, mas então ela pousou no meu ombro e sussurrou, “Obrigada, Madison, por me nomear. Achei que eles fossem tirar meu nome de mim, mas eles finalmente concordaram que se eu fosse designada como sua mensageira permanentemente, eu poderia ficar com ele.”

“Grace, isso é ótimo!” eu disse, verdadeiramente alegre. Era bom ver a Grace, mas da última vez que uma mensagem viera para a Nakita, a ceifadora negra tinha pedido licença, voltando com um sorriso de satisfação e um novo entalhe em sua gadanha.

A minúscula anjo subiu muito para o alto, e eu senti uma presença familiar atrás de mim. Nakita desviou o olhar com seus lábios pressionados, mas Barnabas sorriu, e não fiquei surpresa quando Josh deslizou da multidão para o nosso pequeno redemoinho no tráfego do corredor.

“Oi, Madison,” Josh disse enquanto batia seus nós dos dedos com Barnabas.

“Oi, Josh.” Eu estava nervosa, e isso me fez ficar ainda mais envergonhada, especialmente quando Grace zuniu feliz. Ele estava bonito, completamente recuperado de seu leve toque com a morte.

Ele não gostava da Nakita, contudo, e o sentimento era mútuo, pelo que eu podia dizer pela expressão sombrio dela direcionada ao chão.

“Madison é responsabilidade minha,” Nakita resmungou, continuando nossa conversa anterior.

“Você falhou. Duas vezes. Acho que você é um espião,” ela acusou Barnabas, ignorando Josh.

O ceifador branco que mudara de lado ficou ofendido. “Não sou!” ele disse audivelmente. “Olhe para o meu amuleto. Ele parece vermelho para você?”

Era verdade. Para a desgraça de Barnabas, o brilho em seu amuleto tinha mudado de espectro e agora era o dourado brilhante e neutro de um ceifador inexperiente. Ele não estava mais amarrado a Ron. Ele estava amarrado a mim e estava ficando... mais sombrio.

“Se não é um espião,” Nakita disse, seu dedo apontando, “então por que está aqui, Barney?”

“Porque não confio em você. E não me chame disso.”

Ela sibilou algo para ele, e quando a Grace foi arbitrar, eu me virei, suspirando.

“São como criancinhas,” eu reclamei, então sorri. “Qual o horário do seu almoço?”

“O segundo,” Josh disse enquanto recuperava seu horário.

“Eu também!” eu disse, contente. “Te encontro na frente da fonte d’água. A não ser...”

Ele sorriu, prendendo minha respiração. “A não ser nada. Estarei lá.”

Ao nosso lado, Nakita gritou, “Arrancarei sua língua e a darei para os meus Cérberos!”

Josh recuou, e um espaço mais amplo se abriu entre nós e todo mundo. “Você não pode se livrar deles?” Radiante, balancei minha cabeça. “Não. Eu tentei.”

Ele deslocou seu livro para sua outra mão. “Acho que ouvi a Grace. Ela está aqui? Meio que sinto a falta dela.”

Eu me inclinei contra meu armário e balancei a cabeça na direção de Nakita e Barnabas, que ainda discutiam. As pessoas estavam lhes lançando olhares estranhos, e eu me perguntei se tinha começado uma panelinha nova. Uma estranha e barulhenta. “Ela trouxe uma mensagem para a toda poderosa Kita.”

Ele riu. Era um bom som, e eu me perguntei se ele me levaria para casa depois da escola para que eu não tivesse que pegar ônibus. Isso realmente derreteria os serventes da Amy.

Josh espiou Barnabas e Nakita, que finalmente tinham parado de discutir para que pudessem escutar a Grace. “Vai fazer alguma coisa depois da escola?”

Não mais, pensei, mas então dei de ombros. “Eu não sei. Nakita pode estar bolando algo.”

“Fecha essa matraca,” Nakita disse para Barnabas, então balançou seu cabelo para se recompor. Me encarando, ela disse, “Aconteceu algo. Barney vai te vigiar por algumas... horas.”

Era o que eu pensava. Ela tinha uma gadanhada. “Nakita, não gosto disso,” eu disse enquanto Barnabas enfurecia-se. “Gadanhado pessoas que fazem escolhas ruins é errado. É fácil, mas errado.”

Suas sobrancelhas se arquearam. “Não é por isso que são escolhidas, e você se sentirá de forma diferente depois de ver o bastante de atrocidades humanas. Quando aprender como usar seu amuleto, você entenderá. Até lá, o que você quer não fará diferença alguma.”

Isso era tão condescendente quando era possível, mas ela era mais velha que todos aqui, exceto Barnabas. “E quanto aos seus estudos domésticos?” eu disse, sabendo o quanto ela queria se encaixar, já que seus semelhantes não mais a entendiam.

Com a mandíbula apertada, Nakita deu seu horário escolar para Josh. “Ele pode fazer por mim.”

As sobrancelhas de Josh subiram. “Hm, Nakita. A escola não funciona desse jeito.”

Barnabas agarrou o papel de Josh e empurrou-o de volta para ela. “Se você for, eu vou. Não vou te deixar pegar outra alma, então você pode muito bem ficar.”

“Gostaria de vê-lo tentar me impedir!” ela disse, começando tudo de novo.

Grace caiu entre nós, um leve brilho no ar. “Todo esse amor nesse prédio! Me deixa tonta. Vou cair fora daqui. Nakita, você vai pegar a gadanha ou não?”

“Sim,” ela disse, e Grace evaporou da existência com uma explosão de luz caindo interiormente e o cheiro de rosas.

Nakita me puxou para ela, nossas cabeças quase tocando. “Você deveria vir comigo,” ela disse, os olhos espiando lateralmente as pessoas ao redor. “Talvez então você aprenderá como esperar e ver as atrocidades que as escolhas humanas trarão. Eu sei que então você concordará.”

“É o primeiro dia de aula!” eu disse enquanto Josh começou a falar com Barnabas para entender o que estava rolando. “Não posso faltar o primeiro dia de aula.”

Seus olhos azuis se estreitaram e suas bochechas coraram. “Você é a vontade dos serafins, Madison.”

“Bom, a vontade dos serafins não quer ficar de castigo,” eu protestei, achando que nunca teria acreditado ser possível que essas palavras pudessem ir juntas e fazerem sentido. “Não concordo com destino,” acrescentei. A aula estava prestes a começar, e o corredor estava se esvaziando.

“É errado, Nakita,” Barnabas disse, alto o bastante que me preocupei em alguém talvez nos ouvir. “Aquele pessoa não fez nada.”

“Ele fará,” foi sua resposta confiante. “Só por que você não consegue voar alto o bastante para ver pelos cantos, não quer dizer que os serafins não possam.”

Isso era uma beleza. Primeiro dia de aula, e Nakita queria me levar para uma festa da gadanhada. O sinal de aviso tocou, e eu pulei. Suspirando, peguei meus livros e comecei a ir corredor abaixo. Josh deslocou-se para frente, andando ao meu lado enquanto Barnabas e Nakita ficaram para trás.

“Então,” Josh disse, seus olhos arregalados, “vamos para a aula, ou para um safári?”

Eu encarei, não acreditando nisso. “Você quer ir também?”

Nakita inclinou-se para frente entre nós, empurrando-o para o lado. “Você gostará de matar esse, Madison. Grace diz que o cria do demo vai criar um vírus de computador que destrói os sistemas operacionais de um hospital. Centenas das suas pessoas preciosas, Barnabas, terão mortes prematuras por causa da escolha desse humano feita em busca por reconhecimento e orgulho. Se não deslocarmos essa alma para um plano superior antes que ele fique sujo, ele eventualmente se tornará um cyberterrorista.”

Aah, um a zero.

Barnabas estava de cara amarga enquanto vinha para meu outro lado. “Mas ele ainda não fez isso. Há sempre uma escolha, e ele talvez faça a certa.”

O corredor estava vazio. À direita estava o corredor que me levaria para minha aula de física, à minha esquerda o claro retângulo da porta da frente da escola. “Nakita,” eu disse, meus passos diminuindo na interseção. “Eu estava errada em salvar a Susa, a garota no barco?”

“Sim,” ela disse imediatamente.

“Não,” Barnabas respondeu.

Nakita segurou seu livro de economia doméstica em seu peito, a planilha eletrônica e tigela de ovos na capa uma estranha mistura com sua expressão severa, quase sedenta de sangue. “Ela ia criar artigos da verdade sem compaixão. Ela ia dedicar sua vida a destruir a fé e crença que as pessoas tem uma nas outras. Não havia dádiva em sua vida, apenas destruição.”

Dois a zero. “Esse ainda é seu destino?” eu perguntei, escutando o “ia”.

Seu lindo rosto mudou, se tornando confuso. “Não,” ela disse, e nossos passos diminuíram até parar. “Os serafins cantam que seu futuro está lamacento, e eles não sabem por que.”

Um sorriso vagaroso curvou meus lábios para cima. “Eu sei.” Contente, eu comecei a ir para as portas dianteiras. Eu sabia agora o que ia fazer – como eu ia reconciliar trabalhar como chefe de um sistema que eu não concordava até encontrar meu corpo e voltar ao normal. “Bem como entender o medo te mudou, Susan viu a morte, e como resultado, ela aprendeu como a vida é preciosa. É difícil fazer uma escolha quando só consegue ver de uma maneira.”

Da minha esquerda, Barnabas franziu a testa. “Está falando de mim,” ele disse com tristeza.

“Não.” eu olhei para os escritórios da frente, esperando que ninguém estivesse observando. “Eu acho que não. Talvez?” eu dei de ombros. “Eu vou com você, Nakita, mas antes que retire sua espada e fique toda assustadora, quero falar com ele.”

As sobrancelhas da ceifadora negra foram para o alto. “Por quê?” ela disse, espelhando a expressão de confusão de Barnabas.

“Para ver se consigo mudar seu destino,” eu digo. Dãh.

Está bem, então eu estava morta, meu corpo estava em algum lugar entre o agora e o próximo, e eu tinha dois ceifadores discutindo e me protegendo do próprio timekeeper que eu já confiara uma vez. As coisas não eram tão ruins. Meu pai não fazia ideia de que eu estava morta, Josh estava vivo, e até que conseguisse meu corpo de volta e saísse dessa montanha russa, eu não só podia matar aula sem punimento, como era minha responsabilidade moral fazer isso.

Nós tínhamos alcançado a porta, e eu a abri. A luz solar entornou, me aquecendo enquanto Josh pegava a porta e a segurava. “Você vai matar aula?” ele perguntou, e eu fiz careta.

“Aham. Nakita e Barnabas podem me proteger. Nos proteger. Para uma garota boazinha, eu certamente faço algumas coisas ruins.”

Eu hesitei no solado da porta, espremendo os olhos no sol. “Você acha que faz diferença?”

Josh assentiu, e seu sorriso fez com que um tremor começasse no âmago do meu ser. “É. Eu acho.”

“Eu também,” eu disse, e juntos, caminhamos para o sol para salvar a alma de algum cara bom.

Comunidade traduções de livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>

crédito tradutora: Juliana

Continua: 2º livro: O Early to Death, Early to Rise

Comunidade Traduções de Livros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>